Lorenzo Scupoli

O Combate Espiritual



Cléofas

[cultor de livros]

Lorenzo Scupoli

O combate espiritual

4ª edição



Scupoli, Lorenzo, C. R.
O combate espiritual - 4ª edição/ Lorenzo Scupoli C. R. - Lorena: Cléofas, 2015.
ISBN: 978-85-62219-12-2
Ano 4ª edição: 2015
Título original: Il combattimento spirituale
Tradução: Editora e distribuidora Cultor de Livros
Capa, diagramação e versão digital: Jeferson Rocha

© 2015 - EDITORA CLÉOFAS - Todos os direitos reservados

Caixa Postal 100 - Lorena - SP
CEP 12600-970
Tel/Fax: (12) 3152-6566
www.cleofas.com.br

APRESENTAÇÃO

A Editora Cléofas, em parceria com a Editora Cultor de Livros, ambas verdadeiramente católicas, têm o propósito de relançar bons livros antigos, de autores célebres, que escreveram importantes obras de espiritualidade, mas que com o tempo, infelizmente, foram sendo esquecidos.

Um desses belos livros é esse do Pe. Lorenzo Scupoli C.R., que foi discípulo de Santo André Avelino, e que era lido pelo grande Santo e doutor da Igreja, São Francisco de Sales (†1655). São Francisco de Sales muito recomendava a leitura *O Combate Espiritual*. Dom Bosco se espelhou em São Francisco de Sales na Obra Salesiana. Creio que isso basta para indicar a importância dessa obra clássica de espiritualidade; especialmente para quem deseja atingir a perfeição cristã, e enfrentar o combate para conquistá-la, conhecendo as quatro coisas necessárias para esse combate, ensinadas por Scupoli.

Lorenzo Scupoli, nascido Francesco Scupoli, por volta de 1530 em Otranto, Itália, tomou o nome religioso de Lorenzo ao professar os votos perpétuos na ordem dos Teatinos, em 1571, em que ingressara dois anos antes. Ordenado sacerdote em 1577, exerceu o seu ministério em diversas cidades italianas, como Milão, Veneza e Roma. Em Pádua, conheceu São Francisco de Sales, então um jovem estudante. Durante esse período, ficou conhecido por sua dedicação aos enfermos e por sua vida pobre e virtuosa.

Em 1585, foi injustamente acusado de violar as regras de sua ordem. Ficou preso por um ano e, depois de solto, foi proibido de exercer o sacerdócio, tendo de vestir-se como um irmão leigo e realizar os serviços domésticos do convento. Em vez de queixar-se, Scupoli suportou os sofrimentos com humildade e mansidão, oferecendo tudo a Deus. A absolvição veio em 1610, poucos meses antes de sua morte. Então, "O combate espiritual", publicado em 1589, já havia sido traduzido para diferentes línguas e reimpresso diversas vezes.

O Pe. Scupoli diz que para se atingir alto grau da santidade e perfeição cristã, unindo-se de tal modo a Deus a fim de se tornar "um mesmo espírito com Ele" (1Cor 6,17) – o que é a maior e mais nobre empresa que se pode conceber –,

convém saber primeiramente no que consiste a verdadeira e perfeita vida espiritual.

Ele mostra que a perfeição não consiste apenas no rigor da vida, na mortificação da carne, nas penitências, nas disciplinas, jejuns, vigílias e outras obras exteriores. E não bastam também as muitas orações, missas e comunhões, amar a solidão e o silêncio e, para os consagrados, observar estritamente a disciplina regular com seus estatutos e regras. Isto tudo é apenas meio e não o fim desejado.

Scupoli mostra que o fundamento da perfeição evangélica não está só nessas práticas necessárias; elas são apenas os "meios" para atingir a santidade. Não são elas que realizam a perfeição cristã e o verdadeiro progresso espiritual, embora sejam, sem dúvida, meios poderosos para conquistar a perfeição e o progresso espiritual, quando usados com prudência e discrição; para vencer a própria malícia e fragilidade; para defender-se dos assaltos e tentações do nosso inimigo.

Scupoli mostra que "a santidade não consiste em outra coisa além do conhecimento da bondade e grandeza de Deus e da nossa nulidade e inclinação a toda espécie de mal; do amor por Ele e da indiferença por nós mesmos; da submissão não só a Ele, mas a toda a criatura por causa dEle; da renúncia total à nossa vontade, da total resignação à providência e do fazer tudo isso simplesmente pela glória de Deus e pelo puro desejo de agradá-lo, porque Ele tem todo o direito de ser amado e servido por suas criaturas". Quem aspira à perfeição da santidade, deve agir com "violência" contra si mesmo.

"Mas eu garanto – diz Scupoli – que, sendo esta guerra a mais difícil de todas (já que nós mesmos é que somos combatidos), também a vitória é a mais agradável a Deus e a mais gloriosa ao vencedor."

Prof. Felipe Aquino

Lorena, SP, 12 de outubro de 2013

CAPÍTULO I

O que é a perfeição cristã, o combate para conquistá-la, e as quatro coisas necessárias para esse combate

Minha filha muito amada em Cristo, se desejas chegar ao mais alto grau da santidade e da perfeição cristã, unindo-te de tal modo a Deus que te tornes um mesmo espírito com Ele (1Cor 6,17) – o que é a maior e mais nobre empresa que se pode conceber –, convém que saibas primeiramente no que consiste a verdadeira e perfeita vida espiritual.

Porque muitos, por pouco refletirem, creem que a perfeição consiste no rigor da vida, na mortificação da carne, no uso dos cilícios, nas disciplinas, jejuns, vigílias e outras obras exteriores. Outros, particularmente as mulheres, quando rezam muitas orações, ouvem muitas missas, assistem a todos os ofícios divinos e participam das comunhões, creem ter chegado ao mais alto grau da perfeição. Outros ainda, mesmo entre os que vestem hábitos religiosos, se persuadem de que a perfeição consiste unicamente em frequentar o coro, amar a solidão e o silêncio e no observar estritamente a disciplina regular com seus estatutos e regras.

Assim, alguns põem o fundamento da perfeição evangélica nessas coisas, outros, naquelas; mas o que é certo é que todos igualmente se enganam, porque essas obras mencionadas não são senão meios para adquirir a santidade, ou frutos dela, e, portanto, não se pode dizer que tais obras realizem a perfeição cristã e o verdadeiro progresso espiritual.

São, sem dúvida, meios poderosíssimos para conquistar a verdadeira perfeição e o verdadeiro progresso espiritual, quando usados com prudência e discrição; para adquirir força e vigor contra a própria malícia e fragilidade; para defender-se dos assaltos e tentações do nosso inimigo comum e, enfim, para obter da misericórdia divina os auxílios e socorros que são necessários a todos os que se exercitam nas virtudes e, particularmente, aos iniciantes.

São, pois, frutos do Espírito Santo nas pessoas verdadeiramente santas: os castigos do corpo para sujeitá-lo ao serviço do seu Criador; a vida na solidão para fugir de qualquer pequena ofensa ao Senhor e para conversar com os habitantes do céu (Fl 3,20); o atendimento ao culto divino e às obras de piedade; a oração e meditação da vida e paixão de Nosso Senhor, não por curiosidade ou para satisfazer algum gosto, mas para conhecer cada vez mais a própria malícia e a infinita bondade e misericórdia de Deus, e também para inflamar cada dia mais o seu coração no amor divino e no desprezo de si, seguindo com a mesma abnegação os passos do Filho de Deus; a frequência ao Santíssimo Sacramento para glorificar a majestade divina e para assemelhar-se a Deus e ganhar força contra os inimigos.

Porém, a algumas almas fracas acontece o contrário, pois se apoiam totalmente em obras exteriores, e isso pode ser uma causa de grande ruína e desespero; não porque a prática de tais obras não seja boa em si (pois são coisas muito santas), mas sim por serem consideradas como fins e não meios, enquanto o coração é esquecido e abandonado às inclinações do demônio oculto. Este, vendo a ilusão dos que saem do verdadeiro caminho, não só os deixa continuar com seus exercícios e obras, mas até lhes proporciona praticá-los com gosto e deleite, para que creiam estar muito avançados na vida espiritual, imaginando encontrar-se entre os coros dos Anjos, como almas singularmente escolhidas e privilegiadas, que vivem na intimidade com Deus. O demônio também usa do engano para sugerir-lhes, nas orações, alguns pensamentos sublimes, curiosos e agradáveis, a fim de que se creiam arrebatados ao terceiro céu, como São Paulo, e, persuadindo-se de que já não são deste baixo mundo, vivam numa abstração total de si mesmos e numa profunda alienação de todas aquelas coisas das quais deveriam se ocupar.

Em quantos erros e enganos estão envolvidas tais almas miseráveis, e quão longe estão da perfeição que buscam! Essas pessoas são facilmente reconhecíveis por sua vida e costumes, porque em todas as coisas querem ser preferidas aos outros, são caprichosas, desobedientes e obstinadas em suas opiniões e cegas em suas próprias ações, mas têm sempre os olhos abertos para observar e criticar outras pessoas, ao passo que, se alguém as critica, ainda que levemente, na opinião e estima que têm de si mesmas, ou procura afastá-las das devoções costumeiras, se enojam, se

perturbam e se inquietam muito; e, se Deus, para reduzi-las ao verdadeiro conhecimento de si mesmas e ao caminho da perfeição, envia dificuldades, doenças e perseguição (que são a prova mais certa da fidelidade de seus servos, e que não acontecem sem um querer ou permissão da providência), então revelam o seu fundo falso, com o interior todo corroído e gasto por causa da soberba. Pois, qualquer que seja o caso, feliz ou triste, nunca querem abrigar-se sob a mão divina, nem ceder à sua admirável providência para conformarem-se aos seus justos, porém secretos juízos (Rm 11,33), nem imitar Seu Filho santíssimo (Fl 2,8) sujeitando-se a todas as criaturas, ou amar os seus perseguidores como instrumentos de bondade divina que cooperam para a sua perfeição e salvação eterna.

E, por isso, vivem sempre sob o perigo terrível e óbvio de perecer, pois, como têm os olhos obscurecidos pelo amor próprio, e o apetite de sempre vangloriar-se de si mesmas e de suas obras externas, atribuem-se altos graus de perfeição e, cheias de presunção e orgulho, censuram e condenam os outros. Às vezes o orgulho as cega e deslumbra de tal forma que é necessária uma graça especial do céu para tirá-las da ilusão, porque, como demonstrado pela experiência comum, converte-se mais facilmente o pecador público do que o injusto que se cobre com o manto da virtude.

Por todas essas coisas mencionadas, podes, minha filha, entender agora claramente que a vida espiritual não é nenhum destes exercícios e trabalhos externos, que as outras pessoas costumam confundir com a santidade.

Deves entender que a santidade não consiste em outra coisa além do conhecimento da bondade e grandeza de Deus e da nossa nulidade e inclinação a toda espécie de mal; do amor por Ele e da indiferença por nós mesmos; da submissão não só a Ele, mas a toda a criatura por causa dEle; da renúncia total à nossa vontade, da total resignação à providência e do fazer tudo isso simplesmente pela glória de Deus e pelo puro desejo de agradá-lo, porque Ele tem todo o direito de ser amado e servido por suas criaturas.

Esta é a lei do amor que o Espírito Santo gravou no coração dos justos, esta é a crucificação do homem interior, este é o jugo suave e o peso leve, esta é a perfeita

obediência que o Mestre Divino sempre nos ensinou pela palavra e pelo exemplo.

Então, minha filha, se aspiras não somente à santidade, mas à perfeição da santidade, deves agir com grande violência contra ti mesma, para que possas lutar generosamente e anular os próprios desejos. Mas eu garanto que, sendo esta guerra a mais difícil de todas (já que nós mesmos é que somos combatidos), também a vitória é a mais agradável a Deus e a mais gloriosa ao vencedor.

Porque, se com coragem e resolução mortificas as tuas paixões e apetites, reprimes teus desejos desordenados e o menor movimento da tua própria vontade, então executas um trabalho de maior mérito aos olhos de Deus do que se, sem renunciar totalmente à tua vontade, afligisses e maltratasses o teu corpo com panos ásperos e a mais dura disciplina; ou jejuasses com mais austeridade e rigor do que os anacoretas antigos do deserto; ou se tivesses convertido a Deus milhares de pecadores.

Porque, ainda que o Senhor estime mais a conversão das almas do que a mortificação dos desejos, não deves preocupar-te somente com as coisas que, segundo a natureza, pareçam mais nobres, mas sim ocupar-te naquilo que Deus pede particularmente a ti. E é evidente que, a Deus, agrada mais que mortifiques todas as tuas paixões do que se, deixando uma só delas vivendo no teu coração, te pusesses a buscar feitos maiores.

Agora que vês, fillhinha, no que consiste a perfeição cristã e a guerra dura e terrível contra o amor-próprio que é necessária para conquistá-la, é preciso que guardes quatro coisas, como se fossem armas para tua segurança e para obter a vitória. São elas: a desconfiança de si, a confiança em Deus, os exercícios e as orações. Tratemos de tudo isso com a ajuda de Deus.

CAPÍTULO II

A desconfiança de si

A desconfiança de si mesma, filhinha, é de tal modo necessária neste combate que, sem ela, podes ter por certo que não só a vitória almejada será perdida, mas também será perdida a batalha contra a menor das paixões. Portanto, deves gravar profundamente no coração esta verdade: Somos naturalmente inclinados a uma falsa estima de nós mesmos; embora não sejamos mais do que nada, nos convencemos de que valemos algo e, sem qualquer fundamento, presumimos em vão das nossas forças (ou: "superestimamos as nossas forças").

Essa falta é muito difícil de ser reconhecida e desagrada muito a Deus, a quem muito apraz ver-nos convencidos da certíssima verdade de que todo dom e virtude em nós deriva Dele, fonte de todo bem, e que de nós não pode vir nada, nem sequer um bom pensamento que lhe seja agradável (2Cor 3,5).

Sabemos que esta desconfiança é obra da Graça que Deus concede aos Seus amigos, seja por uma santa inspiração, seja por duras provações ou por violentas e quase insuperáveis tentações, ou mesmo por outros meios que não compreendemos, mas também sabemos que Ele espera, da nossa parte, todo o esforço possível, e por isso proponho quatro meios com os quais, ajudada pelo supremo favor da graça, podes conseguir essa santa desconfiança.

O primeiro meio é que consideres o quanto é vil e limitado o teu ser, e o quanto é incapaz, por si mesmo, de merecer entrar no Reino dos Céus.

O segundo é que, com fervor e humildade, peças ao Senhor essa virtude, que é puro dom d´Ele. E, para obtê-la, deves primeiro persuadir-te, não somente de que não a possuis, como também de que não a poderias, de forma alguma, conquistar por ti mesma. E assim, deves pedi-la muitas vezes à Majestade Divina, acreditando com reta fé, que o Senhor, em Sua bondade, poderá atender-te; e, se perseverares nessa esperança por todo o tempo estabelecido pela providência, podes estar certa de que a alcançarás.

O terceiro meio é cultivar o hábito de desconfiar de ti e dos teus juízos, ter consciência da tua forte inclinação ao pecado e dos inumeráveis inimigos que te rodeiam, que são mais fortes e astutos do que tu e que podem transfigurar-se em anjos de luz para enganar-te e iludir-te até mesmo no caminho da virtude.

O quarto meio é aproveitar as próprias quedas no pecado, para aprofundar a consciência da tua fraqueza. De fato, é para este fim que Deus permite essas quedas: para que, guiada pela inspiração de uma luz mais clara, aprendas a desprezar a ti mesma como um ser limitado, e como tal desejes ser vista pelos outros. Sem este desprezo, não haverá a desconfiança virtuosa, que tem seu fundamento no conhecimento experimental e na verdadeira humildade.

Porque uma coisa é certa: aquele que deseja unir-se à Luz Suprema da Verdade Incriada precisa do conhecimento de si. Aos soberbos e presunçosos, esse conhecimento é dado, pela Divina Clemência, geralmente através de uma falta da qual se acreditavam livres, para que então, frustrados, possam conhecer-se e desconfiar de si mesmos.

Normalmente, porém, o Senhor só se serve desse meio tão miserável quando outros mais benignos, como os citados mais acima, não trouxerem o benefício pretendido por Sua divina bondade. Ele permite que o homem caia na proporção do seu orgulho, de modo que, onde não se encontra a menor presunção, como no caso da Virgem Maria, também não se encontra a menor queda. Então, quando caíres, volta teus pensamentos imediatamente para o humilde conhecimento de ti mesma e para a oração constante. Pede ao Senhor que te dê a luz verdadeira para obteres total desconfiança de ti mesma, se não desejas cair outra vez no mesmo erro ou noutro mais grave.

CAPÍTULO III

Da confiança em Deus

Ainda que a desconfiança de si seja importante e necessária nesse combate, não deves socorrer-te somente desse meio, pois serias facilmente desarmada e vencida pelos teus inimigos. Por isso, é também necessária a total confiança em Deus, que é o autor de todo o bem, e de quem se deve unicamente esperar a vitória.

Porque, assim como de nós, que nada somos, não se pode esperar senão quedas, pelo que devemos sempre desconfiar de nossas forças, em contrapartida devemos sempre confiar no socorro e assistência divina para obter grandes vitórias sobre nossos inimigos; e assim o faremos se estivermos perfeitamente convencidos da nossa fraqueza e com o coração cheio de uma viva e generosa confiança na infinita bondade.

Também essa excelente virtude pode ser obtida de quatro modos:

O primeiro é pedi-la com humildade ao Senhor.

O segundo, considerar e ver com os olhos da fé a onipotência e sabedoria infinitas daquele Ser soberano, a quem nada é impossível ou difícil (Lc 1,37) e que, por pura bondade e por seu infinito amor por nós, mostra-se pronto e disposto a conceder-nos a cada momento o que é preciso para a vida espiritual e para a inteira vitória sobre nós mesmos, se nos refugiamos em seus braços com filial confiança.

Este doce e gentil pastor, que por 33 anos correu atrás da ovelha perdida e sem rumo, chamando-a até perder a voz e ferindo-se nos espinhos até derramar todo o seu sangue para trazê-la de volta dos despenhadeiros e veredas perigosas para um caminho santo e seguro, da perdição à saúde, da ferida ao remédio, da morte à vida, como poderia ficar indiferente à ovelha que o segue na obediência aos seus santos preceitos, ou que ao menos tem o desejo sincero (ainda que imperfeito e fraco) de o fazer? Como poderia não voltar para ela os Seus olhos de vida e misericórdia, ou, ao ouvir os seus gemidos, não a colocar amorosamente sobre os

Seus ombros, alegrando-se com os anjos do céu pela volta do seu rebanho e pela troca do pasto venenoso e mortal do mundo pelo manjar suave e farto da virtude? Ele que, com tanto ardor e diligência, buscou a dracma perdida do evangelho, que é a figura do pecador, como poderia abandonar a quem, triste e aflito por não ver o seu pastor, o busca e o chama?

Quem poderia acreditar que Deus, que continuamente bate à porta do nosso coração com o desejo de nele entrar para cear conosco e comunicar-nos abundantemente os Seus dons, no momento em que lhe abrimos a porta e o convidamos, possa recusar-se a entrar? (Ap 3,20)

O terceiro meio para adquirir essa santa confiança é recordar as verdades e oráculos infalíveis da Sagrada Escritura, que asseguram que os que esperam e confiam em Deus não serão jamais confundidos.

O quarto e último meio, que permite adquirir ao mesmo tempo a desconfiança de si e a confiança em Deus, consiste em, antes de começar qualquer coisa, seja uma boa obra ou o combate a uma paixão, ter em mente a própria fraqueza e invocar o poder, a sabedoria e a bondade infinita de Deus, determinando-se então a combater generosamente. Com essas armas, unidas à oração, serás capaz de realizar grandes feitos e vitórias.

Se, porém, não observares essa regra, ainda que pareças animada de uma verdadeira confiança em Deus, estarás enganada, porque é tão natural ao homem a própria presença, que insensivelmente se confundem a confiança que ele imagina ter em Deus e a confiança que, na verdade, tem em si mesmo.

Para te livrares dessa presunção, minha filha, e trabalhares sempre as duas virtudes que se opõem a este vício, é necessário que a consideração da tua fraqueza ande junto com a da onipotência divina.

CAPÍTULO IV

Como podemos saber se agimos com confiança em Deus e desconfiança de nós mesmos

Muitas vezes a alma presunçosa acredita ter adquirido a desconfiança de si mesma e a confiança em Deus, mas este é um erro que só se conhece bem no momento em que se cai no pecado, porque, então, se a alma se inquieta, se aflige, esmorece e perde a esperança de progredir no caminho da virtude, é um sinal evidente de que pôs sua confiança, não em Deus, mas em si mesma; e, se foi grande a sua tristeza e desespero, fica claro que confiava muito em si e pouco em Deus.

Porque aquele que desconfia muito de si mesmo e confia muito em Deus, quando comete uma falta, não se perturba ou entristece, pois sabe que sua queda é um efeito natural da sua fraqueza e do pouco cuidado que teve em estabelecer a confiança em Deus; mais ainda, com essa experiência ele aprende a desconfiar mais das próprias forças e a confiar com maior humildade em Deus, detestando mais ainda as suas próprias faltas e as paixões desordenadas que a causaram e, então, com uma dor quieta e pacífica pela ofensa a Deus, volta aos seus exercícios de perfeição e persegue os seus inimigos com maior força e resolução do que antes.

Estas coisas deveriam ser bem consideradas por certas pessoas que se imaginam muito cristãs, mas que, ao caírem em alguma falta, perturbam-se excessivamente, e então, mais para se libertarem da inquietude que lhes causa seu amor-próprio ferido, buscam ansiosamente seus diretores espirituais, aos quais deveriam recorrer principalmente para lavarem-se dos seus pecados pelo sacramento da Penitência e fortalecerem-se contra as recaídas pelo sacramento da Eucaristia.

CAPÍTULO V

Do erro de algumas pessoas que têm a pusilanimidade por virtude

É também uma ilusão muito comum considerar como virtude a fraqueza e a inquietude de espírito que se seguem ao cometimento do pecado, pensando tratar-se de uma dor legítima o que não passa de amor-próprio ferido, porque não se suporta ver frustrada a confiança que se tinha nas próprias forças.

As almas presunçosas, por julgarem-se seguras na virtude, geralmente menosprezam os perigos e tentações, e, caso venham a cair em algum pecado ou ter alguma experiência de sua fragilidade e miséria, perturbam-se com essa queda como se fosse uma grande surpresa; vendo-se privadas do vão apoio no qual haviam confiado, perdem o ânimo e, sendo fracas e pusilânimes, deixam-se dominar pela tristeza e desespero.

Essa desgraça não sobrevém jamais às almas humildes, que nada presumem de si mesmas, mas se apoiam unicamente em Deus: quando caem em alguma falta, ainda que sintam grande dor por tê-la cometido, não se perturbam, porque, iluminadas pela luz da verdade, sabem que a queda é um efeito natural da sua inconstância e fraqueza.

CAPÍTULO VI

Outras advertências importantes para adquirir a desconfiança de si mesmo e a confiança em Deus

Como toda a força de que necessitamos para vencer nossos inimigos depende da desconfiança de si mesmo e da confiança em Deus, parece-me útil acrescentar ainda alguns conselhos importantes para obter essas virtudes com a graça de Deus.

Primeiramente, deves ter como verdade inquestionável que não bastam todos os dons e talentos, quer sejam naturais, quer sejam adquiridos, nem todas as graças, nem o conhecimento de toda a Sagrada Escritura, nem o haver servido a Deus por largo tempo e estar acostumada a servir-Lhe, para que te tornes capaz de servir à vontade divina e de satisfazer as suas obrigações, ou de fazer qualquer boa obra, ou vencer qualquer tentação, ou livrar-se de qualquer perigo, ou suportar qualquer cruz, se a mão poderosa de Deus não te fortificar e capacitar para isso a cada momento.

Deves gravar profundamente essa verdade em teu coração e não deixar passar nenhum dia sem que a tenhas meditado ou considerado, pois, por este meio, poderás preservar-te do vício da presunção e não te atreverás a confiar temerariamente em tuas próprias forças.

No que toca à confiança em Deus, deves lembrar-te sempre de que é tão fácil para Ele vencer poucos inimigos quanto muitos, sejam eles fortes e experientes ou fracos e desajeitados.

Portanto, mesmo que, depois de ter feito grandes esforços para seguir o caminho da virtude e da verdade, a tua alma se encontre cheia de todos os pecados e vícios imagináveis e, além disso, continues percebendo em ti uma grande facilidade para inclinar-se ao mal e à imperfeição, não deixes, por isso, de confiar em Deus, nem abandones as armas e exercícios espirituais, mas luta sempre generosamente

e considera que os que lutam confiando em Deus nunca perdem a batalha, ainda que às vezes sejam feridos, pois Deus não abandona os seus soldados.

Assim, parte logo para o combate, isso é o importante! Os remédios para as feridas não faltam, e são eficazes para os soldados de Deus, que com confiança recorrem a Ele; e, quando menos esperares, os inimigos estarão vencidos.

CAPÍTULO VII

Do exercício do intelecto; a necessidade de preservá-lo da ignorância e da curiosidade

Se, no combate espiritual, não tivéssemos outras armas além da desconfiança de nós mesmos e da confiança em Deus, não só não venceríamos a nós mesmos como também causaríamos grandes males. É necessário que a esses meios acrescentemos o exercício das nossas potências, que é a terceira arma proposta. Esse exercício deve ser praticado principalmente com a inteligência e com a vontade.

Quanto à inteligência, ela deve ser preservada de duas coisas principalmente:

Uma delas é a ignorância, que obscurece e impede o conhecimento da verdade, que é o seu objeto próprio. Com o exercício, a inteligência deve tornar-se lúcida e clara para poder discernir o quanto é necessário purificar a alma das paixões desordenadas e orná-la de santidade. Esta luz pode ser adquirida de dois modos:

O primeiro e mais importante é a oração, pedindo ao Espírito Santo que infunda em nosso coração essa luz divina. O Senhor não deixará de nos atender, se na verdade buscamos somente a Deus e a Sua vontade, e se tudo submetemos ao juízo dos nossos confessores e diretores espirituais.

O segundo é o contínuo exercício de um profundo e leal esforço para ver as coisas como são, boas ou más, segundo os ensinamentos do Espírito Santo e não segundo os juízos do mundo.

Este esforço, se feito de forma correta, nos faz ver claramente que devemos ter por nada, por vaidade e por mentira todas as coisas que este mundo cego e corrupto ama, deseja e busca de tantas maneiras; que as honras e prazeres terrenos não são mais que vaidade e aflição de espírito; que as injúrias e infâmias que o mundo nos inflige, trazem na verdade glória e paz; que perdoar os inimigos e fazer-lhes o bem é magnânimo e um meio de nos assemelharmos a Deus; que vale mais desprezar o mundo do que dele ser rei; que obedecer à mais desprezível das

criaturas por amor a Deus é mais honroso do que comandar grandes príncipes; que devemos ter em maior conta o humilde conhecimento de nós mesmos do que o domínio de todas as ciências; que vencer os próprios apetites, por pequenos que sejam, merece mais louvores do que conquistar muitas cidades (Prov 16,32), derrotar grandes exércitos, fazer milagres e ressuscitar os mortos.

CAPÍTULO VIII

Por que não discernimos claramente as coisas. O método para conhecer as coisas como são

A razão pela qual não discernimos as coisas de forma clara é que nos detemos nas aparências exteriores, às quais logo associamos sentimentos de amor ou de ódio que bloqueiam nosso entendimento, impedindo-nos de vê-las como realmente são.

Para não caíres nesse engano, conserva sempre a vontade purificada e livre de qualquer afeto desordenado. Considera com discernimento e maturidade qualquer coisa que se apresente, sem permitir que o ódio te incline à rejeição (se for algo contrário às inclinações naturais), ou que o amor produza apegos indevidos (caso se trate de algo agradável).

Assim, livre das paixões, o intelecto pode conhecer com clareza a verdade, perceber o mal oculto sob uma falsa aparência de prazer e o bem encoberto por uma aparência de mal.

Mas, se a vontade se inclina primeiro a amar ou a odiar as coisas, o intelecto não pode conhecê-las bem, porque as paixões se interpõem e o ofuscam, fazendo-o estimá-las de forma errada, e representá-las dessa forma à vontade, que então se move ainda mais ardentemente a amar ou a odiar as coisas, sem qualquer consideração das leis da razão e da ordem.

Por causa das paixões o intelecto fica cada vez mais obscurecido, e essa obscuridade alimenta o engano da vontade em seus amores e ódios, de tal forma que, se não for observada a regra que te vou dar, essas duas faculdades humanas tão nobres, a inteligência e a vontade, irão tropeçar e cair miseravelmente em trevas cada vez mais profundas e em erros cada vez maiores.

Portanto, minha filha, guarda-te cuidadosamente de todo afeto exagerado por qualquer coisa que não tenha sido primeiro examinada e reconhecida pelo que realmente é, à luz da inteligência e mais ainda à luz da Graça, pela oração, e

conforme o parecer do diretor espiritual.

Isso deve ser observado de forma especial na prática de algumas obras exteriores, que são boas e santas, mas que, por isso mesmo, acarretam para nós um risco maior de engano ou de indiscrição. Pois pode acontecer que, por alguma circunstância de tempo, de lugar ou de medida, a prática dessas obras santas e louváveis resulte em grande dano, como se sabe de muitos casos.

CAPÍTULO IX

Uma outra coisa da qual se deve preservar o intelecto para poder conhecer as coisas como são

A outra coisa da qual se deve preservar o intelecto é a curiosidade, porque, se o ocupamos com pensamentos nocivos, vãos e impertinentes, tornamo-nos incapazes de reconhecer o que é melhor para alcançar a perfeição. Por isso, deves renunciar totalmente a qualquer interesse por coisas que não sejam necessárias, mesmo que sejam lícitas.

Conserva, pois, restrito o teu intelecto o quanto puderes, e alegra-te por mantê-lo assim. As novidades e vicissitudes do mundo, grandes ou pequenas, devem ser para ti como se não existissem, e, quando se apresentarem, não lhes dês ouvidos e desvia os olhos.

No que se refere ao entendimento das coisas celestes, faz-te sóbria e humilde, não querendo saber nada além de Cristo crucificado (1Cor 2,2; Gl 6,14; 1Cor 1,23), sua vida e morte e o que mais ele te pedir. Conserva-te longe de todo o resto e farás algo muito agradável a Deus, que aprecia como filhos queridos aqueles que desejam somente a Ele buscam apenas o necessário para poder amá-Lo e fazer a Sua vontade. Qualquer coisa além disso é amor-próprio, soberba e engano do Demônio.

Seguindo essa advertência poderás escapar de muitas insídias, porque a astuta serpente, sabendo que a vontade é forte e confiante nas pessoas de profunda vida espiritual, procura então confundir a sua inteligência, para dessa forma dominar uma e outra. Ela o faz inspirando pensamentos elevados e extravagantes, que muito impressionam as pessoas de índole curiosa e viva, que facilmente se deixam dominar pela soberba, levando-as assim a deleitar-se em meditações que pensam ser profundíssimas, enquanto se esquecem de purificar o próprio coração; e assim, cheias de presunção e vaidade, fazem do próprio intelecto um ídolo e, gradualmente, acostumam-se a consultar, em todas as coisas, apenas o seu

próprio juízo, persuadindo-se de que não precisam do conselho ou direção dos outros.

Esse é um grande perigo e é também um dos males mais difíceis de curar. É mais perigosa a soberba do intelecto do que a da vontade, pois a soberba da vontade, sendo conhecida pelo intelecto, pode ser facilmente curada pela obediência. Mas como poderá ser curado aquele que acredita firmemente que sua opinião é superior à dos outros? Como se submeterá ao juízo de outros aquele que acredita ser o seu o melhor? Se o olho da alma, que é o intelecto, com o qual deveria conhecer-se e purificar-se da soberba, está doente, cego e também cheio de soberba, quem poderá curá-lo? E se a luz se transforma em trevas e a regra falha, o que será do resto?

Cuida, pois, de combater de imediato o vício da soberba, antes que ele se apodere da tua alma. Acostuma-te a sujeitar o teu juízo ao alheio e a amar a simplicidade evangélica com relação às coisas espirituais, e então serás mais sábia que Salomão.

CAPÍTULO X

O exercício da vontade e o fim ao qual se devem direcionar todas as ações interiores e exteriores

Além de exercitar a inteligência, é necessário também disciplinar a vontade, para que seja capaz de renunciar às suas inclinações e conformar-se totalmente à vontade divina. E lembra-te, minha filha, de que não basta querer e procurar as coisas que mais agradam a Deus, mas deves desejá-las e buscá-las sempre movida por Ele e com o fim único de agradá-Lo e glorificá-Lo. Nisto conquistamos grande vitória sobre a nossa natureza, pois esta é de tal forma voltada para si mesma que, em qualquer coisa que busque, mesmo nas coisas do espírito, tem em vista o próprio prazer e comodidade.

De fato, quando realizamos alguma obra boa, muitas vezes o fazemos mais para experimentar a satisfação pessoal que dela decorre, do que simplesmente para agradar a Deus e fazer a Sua vontade.

Esse engano é tanto mais sutil quanto mais nobre for aquilo que buscamos. Até mesmo no desejo de união com Deus podem-se mesclar sentimentos de amor-próprio. Porque muitas vezes se procura mais o próprio interesse e bem do que o cumprimento da vontade de Deus, que deve sempre ser amado, desejado e obedecido por sua própria glória.

Para não caíres nesse erro, que a muitos desvia do caminho da perfeição, e para te acostumares a querer e a fazer tudo sob o espírito e vontade de Deus e com a pura intenção de honrá-Lo (pois Ele deve ser o princípio e o fim de todas as nossas ações), siga este caminho:

Quando se apresentar alguma ocasião de praticar uma boa obra, não te inclines a querê-la sem haver antes discernido o que é vaidade e vontade de engrandecer a ti mesma, e o que é vontade de Deus e o puro desejo, em ti, de agradar-Lhe. Desse modo, a tua vontade, conformada à vontade de Deus, se inclinará a querer o mesmo que Ele e somente para agradar-Lhe e para Sua maior glória.

Mas deves saber que os enganos da natureza são tão sutis e imperceptíveis, que ela facilmente nos faz crer que agimos para agradar a Deus, quando na verdade estamos agindo somente por interesse e para satisfação próprios. Para escapar desse engano, o remédio próprio e intrínseco é a pureza de coração, que consiste em despir-se do homem velho e revestir-se do homem novo (Cl 3,9-10; Ef 4,22-23), o que é justamente a finalidade deste Combate.

Para predispor o coração a atingir essa pureza, deves procurar, antes de qualquer ação, eliminar todo apego ou sombra de amor-próprio; não deves querer, nem realizar, nem recusar coisa alguma sem ter antes a certeza de ser movida unicamente pela vontade do Criador.

Se não puderes ter sempre essa certeza, especialmente nas ações interiores da alma e nas ações exteriores passageiras, procura ao menos ter no coração a vontade e a intenção sincera de agradar somente ao Senhor.

No caso, porém, de ações que se prolongam por algum tempo, não só é importante despertar na alma a motivação correta, como também é necessário renová-la muitas vezes para manter até o fim a pureza do primeiro momento, caso contrário cairás facilmente nos laços do amor-próprio, que, desejando contentar a si mesmo mais que a Deus, estará sempre tentando, imperceptivelmente, fazer-nos mudar de intenção e de fim.

Quando um servo de Deus não presta bastante atenção a esse ponto, pode até iniciar as suas ações sem outro fim que agradar a Deus, mas, pouco a pouco e sem perceber, deixa-se encantar pela satisfação pessoal que delas lhe resulta, de tal forma que, quando Deus coloca um impedimento à sua ação por meio de uma enfermidade, ou adversidade, ou por qualquer outro meio, esse servo se perturba e se inquieta, murmura contra uns e outros e, por vezes, até contra o próprio Deus. E então fica claro que sua intenção não estava colocada em Deus, mas provinha de uma raiz doente e de um falso fundamento. Porque aquele que age com a intenção de agradar somente a Deus, não deseja qualquer coisa mais do que outra, e sim, apenas aquilo que Deus quer. Se, pois, a providência divina dispõe diferentemente do que esperava, ele continua tranquilo e contente porque de qualquer modo atingiu o fim almejado, que era cumprir a vontade de Deus.

Portanto, cuida de estar sempre recolhida em ti mesma e atenta para direcionar todas as tuas ações para o perfeito fim. Mesmo se a disposição de tua alma te move a fazer o bem tendo em vista fugir das penas do inferno ou conquistar a glória do paraíso, ainda podes visar como fim último o cumprimento da vontade divina, que deseja para ti a bem-aventurança e não a condenação.

Nunca se valorizará suficientemente a força e a eficácia desta motivação; pois uma única ação, por mais humilde que seja, feita unicamente para agradar a Deus, vale infinitamente mais do que muitas ações grandiosas e nobres, que não são feitas com essa intenção. Por isso é que mais vale um mísero trocado dado a um pobre com a pura intenção de glorificar a Deus, do que se, com outra finalidade, ainda que excelente (como o desejo de ganhar o céu) nos despojamos de todos os nossos bens.

Este santo exercício de fazer tudo com o fim único de glorificar a Deus parecerá difícil no começo, mas acabará por tornar-se fácil e corriqueiro com o tempo, se soubermos multiplicar nossos atos de amor por Deus e desejá-lo com todo o nosso coração, como o único e perfeitíssimo bem, que por si mesmo merece que todas as criaturas o busquem, sirvam e amem sobre todas as coisas.

E, quanto mais contínua e profundamente te dedicares a considerar os méritos infinitos de Deus, tanto mais fervorosos e frequentes serão os impulsos da tua vontade, e te tornarás mais solícita e pronta para agir sempre sob o olhar de Deus e por amor a ele.

Enfim, para alcançar esse divino ideal, deves pedi-lo insistentemente a Deus em oração, lembrando-te sempre dos inumeráveis benefícios que Deus te tem concedido por puro amor e sem nenhum interesse próprio, pois não precisa de ti para coisa alguma.

CAPÍTULO XI

Considerações para conformar a nossa vontade à de Deus

Para habituar tua vontade a querer sempre o que mais honra a Deus, deves meditar em Sua bondade infinita e como Ele te amou e honrou por primeiro.

Na criação, formando-te do nada à Sua imagem e semelhança, e criando todos os outros seres para te servir (Gn 1,26-28).

E na redenção, enviando, não um anjo, mas o seu único filho para resgatar-te, não a preço de prata ou ouro, que se corrompem, mas ao preço do Seu próprio sangue, derramado na dolorosa e humilhante paixão que sofreu por ti (1Pd 1,18-19).

Além disso, a todo instante Ele continua protegendo-te contra teus inimigos, combatendo por ti com os auxílios de Sua divina graça e mantendo-Se sempre vigilante e disponível, para vossa defesa e sustento, no Santíssimo Sacramento do altar. Isso tudo não é uma prova do amor incomparável que tem por ti esse Deus imenso e soberano? Quem pode compreender esse amor da Majestade infinita por esses seres vis e miseráveis que somos nós, e quanta gratidão e veneração lhe devemos pelo muito que nos tem dado? Se os grandes da terra se julgam obrigados a honrar àqueles que os honram, mesmo os de condição humilde, quanto mais devemos nós honrar o Rei do universo, que nos tem dado tantos sinais de amor!

E, sobretudo, lembra-te sempre de que essa Majestade infinita merece por si mesma que A amemos e sirvamos unicamente para agradá-la.

CAPITULO XII

As muitas vontades que existem no homem e a guerra que se faz entre elas

É possível dizer que há duas vontades no homem: uma, a superior, que é guiada pela razão, e outra, inferior, que segue os impulsos dos sentidos. Mas a vontade guiada pela razão é a mais própria do homem, e dizemos que um homem só quer realmente alguma coisa quando essa vontade superior também o quer.

Por isso, todo o nosso combate espiritual consiste no fato de que a nossa vontade superior e racional, que está como que situada entre a vontade divina e a vontade inferior dos sentidos, vê-se combatida por uma e por outra, porque as duas, a divina e a sensual, disputam entre si para atraí-la e sujeitá-la à sua obediência. Assim, aqueles que foram prisioneiros do pecado, quando buscam mudar de vida, sofrem grandes penas e fadigas ao tentarem libertar-se do mundo e da carne para entregar-se ao amor e serviço de Jesus Cristo, pois são muito fortes os golpes que a vontade superior recebe de uma e de outra, e esse combate lhe causa grandes sofrimentos.

Isso não acontece a quem está habituado na virtude ou no vício e não deseja mudar; porque os virtuosos obedecem sem dificuldade à vontade divina, e os que estão entregues aos vícios não tentam combater os apetites sensuais.

Mas ninguém deve presumir poder adquirir a verdadeira virtude cristã, nem servir a Deus como convém, sem fazer violência contra si mesmo e enfrentar a dor da renúncia, não somente aos grandes prazeres, mas também aos pequenos, aos quais o coração estava apegado com afeto terreno.

E a consequência disso é que são muito poucos os que chegam a alcançar o mais alto grau da perfeição; porque, uma vez superados os grandes vícios, perdem o ânimo e não querem continuar e fazer violência aos vícios menores, que vão a cada dia se apoderando dos seus corações e sujeitando as suas vontades.

Entre estes estão aqueles que, embora não furtem os bens do próximo, afeiçoam-

se excessivamente aos próprios bens; os que não procuram honrarias por meios ilícitos, mas não deixam de desejar essas mesmas honrarias, e mesmo de buscá-las por meios que imaginam lícitos; os que guardam rigorosamente os jejuns de obrigação, mas não querem mortificar a gula, abstendo-se de das iguarias preferidas; os que são castos, mas não deixam de apreciar certas conversas que muito prejudicam o progresso espiritual.

Tais conversas são perigosas para qualquer pessoa, mesmo as virtuosas, e principalmente para quem não teme suas consequências funestas, devendo-se por isso ter um cuidado particular em evitá-las. Quem a elas se dedica contamina suas boas obras com tibieza de espírito, com interesses pessoais e imperfeições ocultas, além de uma vã estima de si mesmo e um desejo de reconhecimento.

Os que assim procedem, não apenas não progridem no caminho da perfeição, mas retrocedem, expondo-se ao perigo de recair em antigos vícios, porque não amam a verdadeira virtude, nem se mostram gratos ao Senhor por tê-los livrado da tirania do demônio; estão cegos e loucos por não perceber o perigo que correm, e falsamente persuadidos de encontrar-se em paz e segurança.

Aqui se esconde um engano tanto mais danoso quanto mais disfarçado. É que muitos dos que desejam progredir na vida espiritual, por amar a si mesmos mais do que deveriam (se é que se pode chamar isso de amor), escolhem os exercícios que mais se conformam aos seus gostos, evitando os que se opõem às suas inclinações naturais e aos seus apetites sensuais, contra os quais, na verdade, deveriam empenhar em combate todas as suas forças.

Por isso, querida filha, eu te aconselho e exorto a amar as dificuldades e esforços inerentes à luta para vencer a ti mesma! Pois, tanto mais certa e segura será a tua vitória, e tanto mais breve a luta, quanto maior for o teu amor pelas dificuldades que a virtude e o combate proporcionam no início; e, se amares as dificuldades e a luta mais do que as vitórias e as virtudes, mais rapidamente ainda obterás estas últimas.

CAPITULO XIII

O modo de combater os impulsos sensuais e os atos que a vontade deve praticar para conquistar o hábito da virtude

Sempre que a vontade racional for combatida, de um lado, pela vontade inferior, e, de outro, pela vontade divina, será necessário que te exercites de muitas maneiras para que esta última prevaleça em tudo.

Primeiramente, deves resistir valentemente às tentações que se apresentarem, para que a vontade superior não consinta nelas.

Depois, quando essas tentações tiverem cessado, deverás excitá-las de novo, para as poder reprimir com maior força.

Mais adiante convocarás os sentidos para uma terceira batalha, para que te acostumes a expulsá-los com soberano menosprezo.

Mas lembra-te, minha filha, de que estes dois incitamentos não devem ser feitos com os apetites desordenados da carne, dos quais trataremos mais adiante.

Enfim, deves praticar atos contrários às tuas paixões viciosas; por exemplo, quando te vires combatida pelos movimentos da impaciência, medita no que se passa em teu interior, e verás que esses movimentos nascem e se formam nos apetites e buscam dominar a tua vontade superior. Deverás então seguir o meu primeiro conselho, fazendo todo o esforço possível para te opores a esses movimentos, e só deixarás esta batalha quando o inimigo, vencido e prostrado, estiver sujeito à razão.

Mas cuidado, filhinha, com a malícia do demônio. Quando esse espírito maligno vê que resistimos valorosamente às paixões, não só deixa de excitá-las em nosso coração, mas as extingue quando surgem, para que não adquiramos resistência a elas e para fazer-nos cair depois nos laços da vanglória e da soberba, enganando-nos com a ilusão de ser grandes soldados que já venceram os inimigos.

Por isso, convém que passes ao segundo combate, rememorando e despertando de novo em teu coração os pensamentos que causaram a impaciência; e, se eles excitarem algum movimento em tua vontade inferior, reprime-os com mais força. Mas, pode acontecer que, mesmo depois de grandes esforços para vencer o inimigo, ainda não estejamos seguros nem livres do perigo de sermos vencidos numa terceira batalha; por isso convém que entres pela terceira vez na luta contra o vício que pretendes vencer, para que não apenas sintas pelo vício aversão e menosprezo, mas também abominação e horror.

Em suma, para aperfeiçoar em tua alma o hábito da virtude, deves praticar atos interiores que são diretamente contrários às tuas paixões desordenadas. Por exemplo, para adquirir com perfeição o hábito da paciência: quando alguém, ao desprezar-te, oferece-te a ocasião de praticar a virtude da paciência, deves não apenas exercitar os três combates já mencionados, mas também apreciar o menosprezo recebido e até desejar ser menosprezada de novo, propondo-te a receber com amor injúrias e humilhações maiores ainda.

A causa da necessidade desses atos contrários, para a perfeição na virtude, é esta: os outros atos, mesmo sendo muitos e fortes, não são suficientes para extirpar a raiz dos vícios.

Portanto (para continuar nesse mesmo exemplo), quando fores desprezada, ainda que não consintas nos movimentos de impaciência, combatendo com os três modos que indiquei anteriormente, se não te habituares a amar o desprezo e o opróbrio, não poderás livrar-te do vício da impaciência, que se funda no desejo de ser estimado pelo mundo e na nossa natural inclinação ao amor-próprio. Enquanto essa viciosa raiz se conservar, estará sempre germinando até que consiga sufocar toda a alma. E por isso, sem os atos contrários aos vícios não é possível conquistar a verdadeira virtude.

Esses atos devem ser frequentes porque, assim como são necessários muitos pecados para formar um hábito vicioso, também são necessários muitos atos bons para formar a virtude.

E digo mais: são necessários mais atos bons para formar um hábito virtuoso do que atos viciosos para criar um hábito pecaminoso; pois os atos virtuosos não

contam com o auxílio da natureza corrompida, como acontece com os atos pecaminosos.

Além disso, as virtudes que desejas adquirir devem ser acompanhadas de alguns atos exteriores, que são conformados aos interiores, como (para continuar no mesmo exemplo) usar de palavras de amor e mansidão, e prestar serviço a quem te deixou impaciente.

Ainda que estes atos, interiores ou exteriores, estejam acompanhados de certa fraqueza de espírito, parecendo-te que os realizas contra a vontade, não deixes de realizá-los, porque, ainda que sejam débeis e fracos, eles te manterão firme e constante na batalha, e te servirão de socorro para alcançar a vitória.

Fica bem atenta e recolhida em ti mesma para combater não só as grandes, mas também as pequenas paixões, porque estas servem de caminho para aquelas. Pelo descuido de alguns em remover do coração essas pequenas paixões, depois de ter removido as maiores, esses se veem, quando menos esperavam, poderosamente assaltados, com muito mais força do que antes. Aconselho-te a mortificar também a vontade de coisas lícitas, mas desnecessárias, porque disso te advirão muitos bens que te tornarão mais disposta a vencer as outras vontades; ganharás força e experiência na batalha contra as tentações, fortalecendo as defesas contra as ciladas do inimigo e agindo, assim, de forma totalmente agradável a Deus.

Digo-te claramente, filhinha, se seguires estes santos exercícios que te aconselho para vencer a ti mesma, asseguro-te que em pouco tempo avançarás muito no caminho do espírito e te tornarás verdadeiramente cristã. Mas, se preferires seguir outro caminho e outros exercícios, ainda que te pareçam excelentes e deleitosos, dando-te a impressão de estar em doce colóquio com o Senhor, não penses que eles te ajudarão a conquistar a virtude e a verdadeira piedade. Esta (como já foi dito no primeiro capítulo) não consiste nos exercícios agradáveis à natureza, mas nos que crucificam as nossas paixões e desejos desordenados. Dessa maneira, o homem renovado por meio dos hábitos da virtude evangélica, configura-se ao Crucificado, seu Criador.

Não há dúvida de que, assim como o hábito vicioso é adquirido através de muitos e repetidos atos da vontade superior quando cede aos apetites dos sentidos, assim

também o hábito da virtude evangélica é conquistado através de uma constante e firme adesão à vontade divina, à qual sempre somos chamados. E, assim como a vontade não pode tornar-se viciosa, por maiores que sejam os esforços dos apetites inferiores para corrompê-la, se ela não consentir, assim também ela não pode ser santa e unir-se a Deus se não cooperar com a graça divina.

CAPÍTULO XIV

O que se deve fazer quando a vontade superior parece vencida pela vontade inferior e pelo inimigo

Se te parecer que a tua vontade superior não pode vencer a inferior ou os inimigos pelo fato de não sentir ânimo bastante para isso, mesmo assim não desistas da batalha. Na verdade, deves considerar-te vitoriosa por não ter cedido. Pois a nossa vontade superior não necessita da inferior para produzir os seus atos, ela tem sempre a liberdade de não ceder a esses impulsos, por mais fortes que sejam os assaltos.

Porque o Criador nos deu um poder tal que, mesmo se todos os sentidos, demônios e criaturas se armassem e conjurassem para sujeitar a vontade, assim mesmo ela poderia livremente escolher agir ou não sob esses impulsos e escolher o modo e os fins das suas ações.

E mesmo que esses inimigos te assaltem e combatam com tanta violência que a tua vontade, quase sufocada, não tenha força para resistir, não deves perder o ânimo, nem depor as armas, mas servir-te, neste caso, da língua, dizendo: "Não cedo, não quero, não consinto!" assim como fazem os que são oprimidos pelo inimigo e não podem resistir com a ponta da espada, mas o fazem com o punho dela; e, assim como aqueles que enganam o inimigo cedendo um passo para logo voltarem a atacá-los de surpresa e matá-los, assim também, conhecendo a ti mesma e o nada que és, recolher-te-ás um instante para, animada de uma generosa confiança em Deus, que tudo pode, pedir-Lhe resistência contra as paixões, dizendo: "Ajuda-me, Senhor; Ajuda-me, Meu Deus; Ajuda-me, Jesus, Maria, para que eu não ceda às tentações!"

Poderás também, quando o inimigo te der tempo, fortalecer a vontade recorrendo ao intelecto e fazendo certas considerações para dar a ti mesma alguma força contra o inimigo. Por exemplo, se em qualquer perseguição ou outro problema que venhas a sofrer, te sentires tentada à impaciência e tua vontade se sentir

incapaz de a combater, as seguintes considerações te confortarão e ajudarão a resistir:

Primeiramente, deves considerar que talvez mereças este mal, por teres sido causa ou ocasião para ele. Se és culpada, é justo que suportes pacientemente as consequências do mal que causaste.

Quando não houver culpa tua, volta teus pensamentos para os outros erros que cometeste, pelos quais Deus agora a está punindo como é devido. E, vendo que a misericórdia de Deus converte o castigo que seria aplicado por um longo tempo no purgatório, ou mesmo eternamente no inferno, em uma pena muito mais branda e leve como a presente, deves não só aceitá-la, como dar graças por ela.

Porém, se te parece que já faz muita penitência e que ofendeu pouco a Deus (algo que não é nunca totalmente verdadeiro), deves recordar que só se entra no Reino dos Céus pela porta estreita das tribulações (Mt 7,13-14).

E, mesmo que pudesses entrar por outra porta, pela lei do amor deverias sempre escolher a das tribulações, para imitar o Filho de Deus e todos os seus escolhidos em suas cruzes, espinhos e tribulações.

Mas o que deves considerar principalmente, nesta e em qualquer outra ocasião, é a vontade de Deus que, pelo amor que tem por ti, compraz-se em ver-te praticar atos de heroísmo e de virtude como prova de fidelidade e de amor por Ele. Tem por certo que quanto mais grave for o teu sofrimento e mais indigna a sua origem, tanto mais o Senhor amará a tua fidelidade e constância na aceitação da Sua divina providência, que estabelece a ordem perfeita mesmo na aparência da desordem.

CAPÍTULO XV

Alguns conselhos sobre o modo de combater, contra quem e com quais virtudes deve ser feito este combate

Já viste, filha, o modo com que deves combater para vencer a ti mesma e ornar-te de virtudes. Agora é bom que saibas que, para conseguir a vitória mais facilmente e de forma mais rápida, é necessário que combatas todos os dias, voltando sempre à batalha e renovando o combate, principalmente contra o amor-próprio, habituando-te a receber como amigos queridos os desprezos e desgostos que o mundo impõe. Pois o descuido nessa batalha torna as vitórias mais difíceis, raras, imperfeitas e instáveis.

Por isso, deves pelejar com força de ânimo, que facilmente obterás se a pedires a Deus. E, ao considerar o ódio e o grande número das hostes inimigas, considera ao mesmo tempo o infinito poder de Deus e o amor que tem por ti, além dos numerosos esquadrões que te auxiliam, formados pelos anjos do céu e pelas orações dos santos que combatem a teu favor. Considera ainda os exemplos das frágeis mulheres que, com essa confiança em Deus, venceram os poderes e a sabedoria do mundo, além de todas as tentações da carne e as forças do inferno.

Por tudo isso não deves perder a coragem, ainda que o combate se mostre difícil e não consigas ver-lhe o fim, e te vejas constantemente em risco de fracassar. Por maior que seja a força dos nossos inimigos, lembra-te de que ela está nas mãos do poder divino. E Ele, que nos impõe este combate para o nosso bem, não só não permitirá que sejas tentada além de tuas forças, como combaterá Ele mesmo por ti e te dará a vitória quando assim o desejar; e, se Lhe aprouver que esse combate dure até o último dia da tua vida, será certamente para o teu proveito.

A ti cabe apenas combater generosamente e, mesmo sendo muitas vezes ferida, não entregar as armas nem fugir da luta. E por fim, mais uma razão para combater valorosamente é ter em conta que essa batalha não pode ser evitada e que só há duas opções, combater ou morrer. Porque os inimigos são tão fortes e

tão grande é o ódio que nos têm, que deles não se pode esperar nem paz, nem trégua.

CAPÍTULO XVI

De que modo o soldado de Cristo deve apresentar-se pela manhã

Ao acordar, a primeira coisa que deves fazer é abrir os olhos da alma e considerar a ti mesma como um campo de batalha, no qual aqueles que não combatem, morrem.

Neste campo de batalha estão os teus inimigos, os vícios e paixões desordenadas que tentam vencer-te e levar-te à morte. Mas lembra-te de que mesmo que o Demônio em pessoa esteja à tua frente, à tua direita está Jesus Cristo como capitão, com a sua santíssima Mãe e o seu caríssimo Pai, além do exército de anjos e santos comandados por São Miguel arcanjo.

Nesses momentos, deves ouvir no fundo do coração a voz do teu anjo da guarda, que diz:

"Deves hoje combater contra estes e muitos outros inimigos. Não deixes que o medo domine teu coração e te faça perder o ânimo, não cedas a eles por temor nem por qualquer outra razão, porque Nosso Senhor é teu capitão e, junto com todo o exército dos céus, combaterá contra todos os seus inimigos, não permitindo que prevaleçam contra ti; fica firme, esforça-te e faz violência contra ti mesma, sofrendo o que for necessário para vencer-te. Clama ao Senhor, à Virgem Maria, aos santos e anjos, do íntimo do teu coração e fica certa de que alcançarás a vitória. Mesmo que sejas fraca, prisioneira dos teus maus hábitos e os teus inimigos sejam muitos e fortes, ainda assim muitíssimo mais forte é a ajuda de Quem te criou e redimiu. Combate com coragem e não temas as penas e sofrimentos, pois é das fadigas e das violências contra os teus maus hábitos que nasce a vitória e o grande tesouro com que se compra o Reino dos Céus, e que une a alma para sempre com seu Deus."

É, então, com as armas da desconfiança de si, da confiança em Deus, da oração e dos exercícios que deves começar a combater o inimigo, isto é, aquele vício que queres vencer, seja por meio da resistência, ou do ódio, ou pela prática da virtude

contrária a ele, ferindo-o de morte para agradar ao Senhor, que, com toda a Igreja triunfante, acompanha o teu combate.

Mais uma vez digo-te que não deves recear o combate, considerando a obrigação que temos de honrar e servir a Deus e a necessidade de lutar, pois ninguém foge à batalha sem morrer. E digo mais, se quisesses rebelar-te e fugir de Deus, entregando-te ao mundo e às delícias da carne, enfrentarias combates ainda piores e sofrerias tantas contrariedades que teu coração seria penetrado de uma angústia mortal.

Considera, pois, a loucura que seria investir tanto esforço para encontrar mais fadigas e penas, e por fim a condenação eterna, em comparação com um combate passageiro que logo acaba e que nos leva à felicidade eterna.

CAPÍTULO XVII

O modo de combater as paixões e os vícios

É muito importante observar o modo de combater corretamente e não ao acaso e superficialmente, como fazem muitos insensatos. O modo como deves combater teus inimigos e vícios é recolher-te em teu próprio coração para discernir claramente, por meio de um diligente exame, quais são os pensamentos e afetos que nele predominam e qual é o teu principal defeito, para então declarar guerra contra eles.

Se, nesse ínterim, vês que algum outro inimigo te assalta mais de perto, combate-o de imediato, e, quando o tiver vencido, volta à tarefa principal.

CAPÍTULO XVIII

O modo de resistir aos impulsos imprevisíveis das paixões

Se, entretanto, não te sentes preparada para resistir aos golpes imprevistos das injúrias ou de qualquer outra adversidade, busca acostumar-te, aprendendo a preveni-las e até a desejá-las cada vez mais, para esperá-las com ânimo preparado.

O modo de preveni-las consiste em, uma vez conhecida a natureza de tuas paixões, considerar as pessoas com quem te deverás encontrar e os lugares que frequentarás, procurando prever tudo o que poderia acontecer. Se, ainda assim, alguma contrariedade imprevista ocorrer, além da resistência já obtida ao preparar-se para as situações previstas, poderás utilizar também este outro conselho:

Ao começares a sentir os primeiros ataques da injúria ou de outra dificuldade, coloca-te em guarda, vigilante, e eleva teu coração até Deus, considerando a Sua bondade e o amor com que te envia essas mesmas adversidades para que, através delas, sejas purificada e possas aproximar-te ainda mais d´Ele. Para que Ele seja glorificado em ti, exorta a ti mesma, dizendo: "Por que renegas a tua cruz, que não te foi dada por um qualquer, mas pelo teu Pai do Céu?" Então encara decididamente a tua cruz, abraçando-a maior alegria possível, e diz: "Ó, cruz, preparada pela providência antes da minha existência! Ó, cruz, amável pelo amor do Crucificado! Crava-te em mim, que já sou livre e posso dar-me a quem me redimiu!"

Se, no começo, te sentires vencida pelas paixões, não conseguindo elevar-te até Deus e sentindo-te ferida, procura fazer o mais rápido possível o que te digo, como se não estivesses ferida; todavia, o remédio mais eficaz contra esses ataques imprevistos é eliminar, com o tempo, as suas causas.

Por exemplo: se sabes que perdes a paz quando te vês privada de algo a que tens apego, o caminho mais seguro para solucionar esse problema é eliminar esse

apego. E se a perturbação não procede de uma coisa, mas de uma pessoa que te desagrada, deves esforçar-te para vê-la com amor, pois ela é também uma criatura formada pelas mãos de Deus e, como tu, redimida pelo sangue de Cristo. Se conseguires amá-la estarás mais próxima do Senhor, pois Ele ama a todos.

CAPÍTULO XIX

O modo de combater os apetites da carne

Contra este apetite deves lutar de modo particular, diferentemente de todos os outros. Para combatê-lo como convém, deves distinguir três tempos: o momento anterior à tentação, o da própria tentação e o posterior a ela.

Antes da tentação, a batalha deve ser travada contra as suas causas. Primeiro, não deves lutar atacando o inimigo, mas fugindo de todas as ocasiões e pessoas que possam constituir para ti um perigo. E, se não puderes evitar o contato, seja a tua atitude atitude modesta e séria, embora correta, e tuas palavras antes graves e severas que excessivamente cordiais.

Não te sintas confiante por não teres, em muito anos, experimentado os estímulos da carne, pois esse vício é capaz de fazer em uma hora o estrago que não fez em muitos anos, e sabe tecer suas tramas ardilosamente e às ocultas, de modo a ferir mais profundamente e causar danos mais irremediáveis tanto mais inofensivo e menos suspeitoso se mostre.

E a experiência demonstra que o perigo é tanto maior quando as ocasiões se apresentam no contexto de coisas lícitas, por razões de parentesco ou deveres de ofício; de fato, ao contato frequente e imprudente vai-se misturando aos poucos o venenoso prazer dos sentidos que, penetrando até o fundo da alma, vai obscurecendo passo a passo a razão, de modo que se consideram insignificantes algumas coisas perigosas como um olhar terno, palavras doces trocadas e o prazer da conversação; e assim, de concessão em concessão, chega-se ao desastre ou a tentações dolorosas e difíceis de superar.

Insisto que deves fugir de tais coisas, pois não podes confiar em ti mesma, ainda que tenhas uma vontade forte e decidida ou que estejas resolvida e disposta a morrer antes de ofender a Deus. O calor do fogo dos vícios seca, pouco a pouco, a água da tua boa vontade e, quando menos pensares, estarás de tal maneira envolvida, que já não respeitarás nem parentes nem amigos, não temerás a Deus, não te importarás com a honra ou com a vida e nem com todas as penas do

inferno. Foge! Foge! se não quiseres ser surpreendida, capturada e morta.

Deves também fugir do ócio e estar sempre vigilante, concentrando o pensamento nas ocupações próprias do teu estado.

Obedece sempre a teus superiores, sem oferecer resistência, realizando com solicitude aquilo que te impuserem, especialmente as tarefas mais humilhantes e mais contrárias às tuas inclinações.

Nunca faças juízo temerário sobre o teu próximo, e menos ainda com relação a esse ponto. Se ficar claro que o teu próximo caiu nesse vício, compadece-te dele e não o deprecies ou humilhes, mas procura tirar dessa situação uma lição de humildade e um conhecimento maior de ti mesma, sabendo que és pó, que és nada. Aproxima-te mais de Deus na oração, e mais do que nunca foge das ocasiões que puderem oferecer perigo. Porque, se julgas e deprecias os outros, é mais do que certo que Deus, para corrigir-te, permitirá que caias na mesma falta, para que, percebendo a tua soberba, possas humilhar-te e corrigir assim ambos os defeitos.

Por fim, se Deus te conceder algum dom ou consolação espiritual, deves evitar todo sentimento de vanglória ou de complacência por ti mesma, tendo-te em alta conta e pensando que teus inimigos já não te farão guerra, porque os manténs à distância. Se não te conservares vigilante, cairás com certeza.

Quando vier a tentação, procura discernir se a causa é interna ou externa. Seriam causas externas a curiosidade dos olhos e dos ouvidos, o excessivo cuidado no vestir, as conversas e atitudes que incitam a esse vício. O remédio nesses casos é a sinceridade e a modéstia, não querendo ver nem ouvir nada que possa levar ao mal: foge sempre dele, por todos os meios.

A causa interior procede da vitalidade do corpo ou dos pensamentos na mente, que se originam dos nossos maus hábitos ou de sugestões do demônio. A sensualidade do corpo se mortifica com disciplinas, cilícios, vigílias e outras austeridades, dentro dos limites da discrição e da obediência. Com relação aos pensamentos, venham de onde vierem, os remédios são: ocupar-se com exercícios adequados ao próprio estado, a oração e a meditação.

A oração deve ser feita da seguinte maneira: ao te dares conta, não só da presença de maus pensamentos, mas da mera insinuação deles, volta-te logo para o Cristo crucificado, dizendo: "Meu Jesus, meu doce Cristo, vem depressa em meu socorro, não deixes que eu caia nas mãos do inimigo!" E abraçando a cruz da qual pende o teu Senhor, beija as chagas dos Seus santos pés, dizendo com fervor: "Ó, adoráveis chagas, santas e castas, vinde imprimir-vos agora neste meu pobre e impuro coração, para livrar-me do perigo de vos ofender!"

Quando as tentações dos prazeres da carne te perseguirem, não me parece bom que medites certos pontos, recomendados por muitos livros como remédios para esse mal, como, por exemplo, a meditação da baixeza dessa tentação, sua insaciabilidade, os desgostos e amarguras que a acompanham, os perigos de perder os bens, a vida ou a honra e coisas semelhantes. Essas meditações nem sempre ajudam a vencer a tentação, mas podem aumentar as dificuldades, pois mantêm o pensamento concentrado naquilo mesmo que deveria ser afastado, podendo às vezes despertar prazer em vez de aversão. Por isso, o melhor remédio consiste em fugir totalmente de tudo o que nos recorde esse vício, ainda que seja contrário a ele.

A meditação, neste caso, deve centrar-se na vida e na paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; e se, durante a meditação, os maus pensamentos continuarem a atormentar-te, não desanimes, nem deixes de meditar para combatê-los diretamente; prossegue firmemente em tua meditação com a maior aplicação possível, ignorando aqueles pensamentos como se não fossem teus, pois esse é o melhor modo de fazer-lhes frente.

Deves terminar a meditação com este pedido: "Por Tua Paixão e inefável bondade, livra-me dos meus inimigos, meu Criador e Redentor". Mas faz esse pedido sem dirigir tua atenção ao inimigo, porque só a lembrança dele já é um perigo. Além disso, não procures discernir se consentiste ou não na tentação, porque, por baixo da aparência de bem, esta é uma armadilha do diabo para tirar-nos a paz e fazer-nos pusilânimes e desconfiados. Por isso, se não tens a certeza de haver consentido nessa tentação, basta mencioná-la brevemente ao diretor espiritual, ficando tranquila com o que ele disser, sem voltar a pensar no

assunto. Mas não deixes de expor-lhe com sinceridade qualquer pensamento, sem permitir que a vergonha ou o respeito humano te impeçam; pois, se necessitamos da humildade para vencer todos os nossos inimigos, muito mais necessitamos dela pra vencer este, que é quase sempre um castigo da soberba.

Quando o momento da tentação tiver passado, ainda que te sintas livre e protegida, cuida de manter bem longe de ti aquilo que te causou a tentação, ainda que houvesse alguma razão boa e virtuosa para agir de outra forma, pois isso seria uma armadilha do demônio para te precipitar nas trevas, enganando-te com falsas luzes.

CAPÍTULO XX

O modo de combater a negligência

Para não caíres na miserável escravidão da negligência, que não só nos atrasa no caminho da perfeição, mas nos entrega nas mãos dos nossos inimigos, deves evitar toda curiosidade, apego mundano ou ocupação que não convenha ao teu estado; e também deves esforçar-te para responder com prontidão às boas inspirações ou às ordens dos teus superiores, atuando no tempo e do modo que eles desejarem.

Esforça-te para realizar imediatamente o que te mandarem fazer, pois a primeira hesitação provoca a segunda, a segunda traz consigo a terceira e assim sucessivamente, de modo que os sentidos cedem cada vez mais facilmente, uma vez habituados à negligência. Começarás a retardar cada vez mais a obediência ou mesmo a recusá-la de todo.

Assim se forma o hábito da negligência, que assume depois tais proporções, que não nos deixa nem mesmo quando, envergonhados de nós mesmos, fazemos o propósito de voltar a ser mais solícitos e diligentes.

Essa negligência se alastra e contamina tudo, corrompendo não apenas a vontade, de forma que qualquer trabalho nos pesa, mas também cegando a inteligência, para que não vejamos como são vãos e precários os propósitos de fazer mais tarde o que deveríamos fazer logo.

Também não basta realizar com prontidão o que deves fazer, mas deves realizá-lo no tempo adequado à natureza e à qualidade de cada tarefa, desincumbindo-te dela com a máxima perfeição possível.

Pois, fazer algo depressa demais e mal feito, para terminar rapidamente e poder descansar, não é diligência, mas, ao contrário, grande negligência.

Esse grande mal acontece por não considerarmos o valor de uma boa obra bem realizada, ao seu tempo e com o ânimo decidido, enfrentando o cansaço e a dificuldade, que são o maior desafio que a negligência apresenta aos principiantes.

Considera e reflete que um único ato de elevação da mente a Deus ou uma só genuflexão feita em Sua honra, vale mais do que todos os tesouros do mundo; que sempre que fazemos violência a nós mesmos e às nossas más inclinações, os anjos nos trazem do Céu uma coroa de glória. Sabe também que as graças concedidas aos negligentes sempre são mal aproveitadas, enquanto que os diligentes sempre as aproveitam ao máximo. Se, no começo, não és suficientemente forte para buscar generosamente as dificuldades, deves fazê-las parecer menores do que parecem aos negligentes.

Por exemplo, se o teu exercício exige de ti numerosos e repetidos esforços, ao longo de muitos dias, para adquirir uma virtude, e os inimigos a vencer te parecem muitos e fortes, começa a realizar essas ações como se tivesses bem pouco a fazer e por pouco tempo. Combate o primeiro inimigo como se não houvesse outros, confiante na força que te dará a graça de Deus para vencer a todos eles. Dessa forma, a negligência cederá pouco a pouco, dando lugar à virtude contrária.

Isso se aplica também à oração. Se o teu exercício requer uma hora de oração e isso parece demasiado à tua negligência, começa como se fosses orar por um quarto de hora apenas; em seguida passa ao outro quarto, e depois aos restantes, e assim facilmente terminarás o exercício. Porém, se no segundo ou terceiro quarto sentires grande dificuldade e repugnância, deixa o exercício por um breve tempo, voltando a ele em seguida.

O mesmo método serve para as ações exteriores: quando tiveres de executar tarefas que parecem excessivas à tua negligência a ponto de tirar-te a paz, deves começar com tranquilidade e ânimo por uma delas, como se não houvesse outras; e assim, uma a uma, conseguirás realizar todas as tarefas com muito menos esforço do que receava a tua negligência.

Se não agires assim, enfrentando corajosamente o cansaço e as dificuldades que, no início, acompanham as ações virtuosas, o vício da negligência te dominará, fazendo com que essas mesmas dificuldades te atormentem até mesmo quando não estão presentes, pela preocupação antecipada e o receio constante de que alguém te peça alguma coisa. Assim, nem mesmo nos momentos de repouso a angústia te abandonará.

Fica sabendo que o vício da negligência, com seu secreto veneno, vai corroendo pouco a pouco, não só os primeiros germes da virtude, mas também a própria virtude já adquirida, consumindo a essência da vida espiritual como o cupim consome a madeira, e abrindo, assim, espaço ao demônio para que arme os seus laços.

Por isso, põe-te em guarda com a oração e os atos de virtude; não deixes para tecer o traje das bodas no dia em que deves vesti-lo para sair ao encontro do esposo; e lembra-te também de que aquele que te dá a manhã não te promete a tarde, e ao dar-te a tarde não assegura a noite. Aproveita, então, todos os momentos do dia segundo o querer de Deus, como se não dispusesses de mais tempo, pois de cada um desses momentos hás de prestar rigorosa conta.

Por fim, lembra-te de considerar perdido o dia em, mesmo tendo realizado muitas coisas, não tenhas obtido repetidas vitórias contras as tuas más inclinações e contra a tua própria vontade, ou não tenhas dado graças muitas vezes ao Senhor por Seus favores, especialmente por sua Paixão redentora, e pelo suave e paternal castigo que Ele te concede ao fazer-te digna do inestimável tesouro de uma tribulação.

CAPÍTULO XXI

O modo de governar os sentidos exteriores e utilizá-los como meios para a contemplação de Deus

Para governar bem e fazer bom uso dos sentidos exteriores é necessária uma contínua atenção e um prolongado exercício, pois a concupiscência, que domina nossa natureza, está excessivamente inclinada a buscar os prazeres e consolações, e, quando não os consegue por si mesma, utiliza os sentidos exteriores como seus soldados, a fim de obter aquilo que deseja e imprimir na alma a sua imagem. Daí nasce o prazer que, devido à afinidade entre a alma e o corpo, espalha-se também pelos sentidos. Assim, tanto a alma quanto o corpo sofrem um comum contágio que corrompe todo o ser.

Para remediar este mal, procura não dar excessiva liberdade aos teus sentidos, nem te sirvas deles apenas para o prazer, mas somente por razões úteis e necessárias. Se, por descuido teu, eles avançarem demasiadamente, obriga-os a retroceder e governa-os de modo que deixem de ser tristes escravos das vãs consolações e se tornem seus senhores, usando de tudo para o bem da alma e para a contemplação das grandezas de Deus, o que poderá ser feito da seguinte maneira:

Quando algum objeto se apresentar a um dos teus sentidos exteriores, concentra o pensamento em seu valor espiritual; considera que nenhuma de suas qualidades lhe pertence por si mesmo, mas que tudo lhe vem de Deus, que com Seu Espírito lhe confere existência, bondade, beleza e qualquer outro atributo que possua. Depois, alegra-te pelo fato de que teu Senhor seja causa e princípio de tantas e tão diversas perfeições das coisas, que não são todavia senão um reflexo das perfeições que Ele mesmo possui de forma eminente.

Quando percebes em ti um sentimento de admiração diante de algo precioso, procura, em pensamento, reduzir essa criatura ao nada que ela é, e então fixa o olhar no supremo Criador que lhe deu o ser e a mantém de forma tão bela; e,

deleitando-se n´Ele somente, diga: "Ó essência divina, sumamente amável, quanto me alegro por seres o princípio supremo de todas as coisas!". E ao contemplares as árvores, plantas e coisas semelhantes, lembra-te de que a vida que elas têm não vem de si mesmas, mas do espírito invisível, que é o único pleno de vida, e então poderás dizer: "Esta é a verdadeira vida na qual, pela qual e para a qual vivem e crescem todas as coisas! Que imensa alegria invade o meu coração!". O mesmo deve ser feito na contemplação dos animais; deves elevar tua mente a Deus, que lhes dá sentido e movimento, dizendo: "Ó Causa das coisas, que moves tudo e que em ti mesmo és imóvel, como me alegram tua estabilidade e firmeza!".

E, se a beleza das criaturas te seduz, separa o que vê do que é espírito e invisível, e então considera que tudo o que é belo e irradia provém do Espírito invisível, causa da beleza exterior e da plenitude de gozo: "Estes são rios da fonte eterna; são gotas do infinito mar de todo o bem. Que gozo é pensar na eterna e imensa beleza que é origem e causa de toda a beleza criada!".

E quando descobrires em outro ser alguma bondade, sabedoria, justiça e outras virtudes, podes fazer a separação que te ensinei, e dizer a Deus: "Ó inesgotável tesouro de virtudes! Quanto me alegro de que só de Ti provenha todo o bem, e que, frente às tuas perfeições, tudo seja um nada! Graças, Senhor, por estes e por todos os bens concedidos ao meu próximo. Recorda-te, Senhor, da minha grande pobreza e necessidade de virtudes da pessoa X".

Quando te dispuseres a fazer alguma obra, pensa que é Deus a causa primeira daquela ação e que tu não és nada mais que um instrumento vivo em Sua mão; e, então, elevando o teu pensamento até Deus, deves dizer: "Supremo Senhor de tudo, que alegria imensa sinto por não poder fazer nada sem Ti; e me sinto feliz que sejas Tu o autor primeiro e principal de todas as coisas!".

Quando estiveres deleitando-te com alguma comida ou bebida, considera que o sabor agradável vem de Deus; e, deleitando-te apenas nEle, diga: "Alegra-te, minha alma, pois, como fora de Deus não há alegria verdadeira, só nEle poderás deleitar-te ao saborear as coisas" (Fl 4,4).

E se tiveres prazer ao sentir um aroma agradável, não fiques apenas com esse

gosto, mas pensa no Senhor, em Quem esse perfume tem origem, e diz, sentindo-te profundamente confortada: "Eis, Senhor, que assim como me alegro que toda suavidade proceda de Ti, assim minha alma, nua e despojada de todo o prazer terreno, seja para Ti um agradável perfume".

Se ouvires uma suave harmonia de sons e cantos, eleva tua alma até Deus e diz: "Meu Senhor e meu Deus, que deleite ter Tuas infinitas perfeições não só juntas numa harmonia celestial, mas também junto com os anjos, com os céus e com todas as criaturas, executando um maravilhoso concerto!".

CAPÍTULO XXII

Como as coisas sensíveis podem nos ajudar na meditação do Verbo encarnado e no mistério de Sua vida e paixão

Mostrei acima como podemos, a partir das coisas sensíveis, elevar nossa mente até a contemplação de Deus. Agora aprenda como partir dessas mesmas coisas para contemplar o Verbo Encarnado, considerando os sagrados mistérios da Sua vida e paixão.

Todas as coisas do universo podem servir a esse fim, se as considerares em Deus, que é a sua causa primeira e única e que compartilha parte do seu Ser, beleza e grandeza com elas.

Então, deves considerar quão grande e imensa é a Sua bondade, pois, sendo o único princípio de tudo, ainda assim quis rebaixar-se tanto que se fez homem, e foi castigado e morto pelos homens, permitindo que se armassem contra Ele para crucificá-lO.

Estes sagrados mistérios nos trazem à mente muitas coisas: armas, cordas, açoites, colunas, espinhos, cravos, martelos e outras coisas que foram instrumentos da Paixão.

Uma pobre habitação pode nos recordar o estábulo e presépio do Senhor. A chuva evoca aquela gota de sangue divino que, no Horto, regou a terra a partir do Seu santíssimo corpo. As pedras nos recordam as que no momento da Sua morte se racharam. A terra nos faz sentir o tremor que se experimentou naquele dia; e o Sol, as trevas que o obscureceram (Mt 27,51; Mc 15,38; Lc 23,44) ; ao ver as águas, recordaremos daquela que brotou das suas costelas (Jo 19,29); e assim com tantas outras coisas semelhantes.

Ao provares o vinho ou outra bebida, recorda o vinagre e o fel que deram ao Senhor; se te deleitar a suavidade dos aromas, pensa no fedor dos corpos mortos que Ele sentiu no Calvário; ao vestir-te, lembra-te do Verbo Eterno, que se vestiu

de carnes humanas para que possamos nos vestir com a divindade; ao desnudar-te, pensa no Cristo que foi desnudado para ser açoitado e cravado na cruz por ti; e, ao ouvir vozes e gritos, recorda-te daquelas abomináveis vozes: "Crucifica-O! Crucifica-O!" (Jo 19,6), que fizeram estremecer os Seus ouvidos; e, cada vez que ouvires tocar o relógio, recorda-te daquele angustioso palpitar do coração que sentiu Jesus, quando no Horto começou a sentir o terror ante a paixão e a morte que se avizinhavam; ou imagina ouvir os secos golpes com que O cravaram na cruz.

Em toda ocasião em que sentires tristeza ou se te apresentarem sofrimentos, próprios ou alheios, recorda-te de que não são nada se comparados com as indizíveis angústias que transpassaram e atormentaram o corpo e a alma do teu Senhor.

CAPÍTULO XXIII

Outro modo de governar nossos sentidos conforme as diversas situações que se apresentam

Acabamos de ver como se eleva o conhecimento das coisas sensíveis até as coisas de Deus e aos mistérios do Verbo Encarnado. Mencionarei agora outros meios de aproveitar essas coisas na meditação, porque, sendo muitos e diferentes os gostos das almas, é bom que possam escolher entre muitos e variados manjares. Isso pode ser proveitoso não só às pessoas mais simples, mas também para as mais perspicazes e as que estão mais adiantadas na vida espiritual, pois nem sempre o espírito está igualmente disposto para as mais elevadas especulações.

Não receies confundir-te em tão grande variedade de opções, desde que te ajustes à regra da discrição e aos conselhos do teu diretor espiritual, que deves seguir com humildade e confiança não só nesta, mas em todas as advertências que te darei.

Ao contemplares a infinidade de coisas agradáveis e preciosas que existem na terra, deves considerá-las vis e desprezíveis se comparadas com as riquezas celestes. Aspira ardentemente a estas, desprezando o mundo. Olhando o Sol, pensa que tua alma é mais bela e brilhante quando está na graça do Senhor, e, do contrário, considera-a mais obscura e abominável que as trevas do inferno. Elevando os olhos ao céu que te envolve, penetra com os olhos da alma mais acima e permanece em pensamento ali, no lugar que para ti está preparado como morada eternamente feliz, se viveres honradamente na terra. Ao escutares os cantos dos pássaros ou outras melodias, eleva tua mente à música celestial do Paraíso, onde ressoa uma interminável Aleluia, e então pede ao Senhor que te faça digna de O louvar eternamente junto aos anjos no céu.

Quando percebes que tomas gosto pela beleza de uma criatura, concentra o pensamento na ideia de que por trás dela se esconde a serpente infernal, à espera de uma oportunidade para matar-te ou ao menos ferir-te. A ela dirás: “Sei que estás aí, maldita serpente, pronta a me devorar!”. E então dirige-te a Deus:

"Bendito sejas, meu Deus, que me revelaste o inimigo e me livraste de sua mão!". Foge então imediatamente da sedução, refugiando-te nas chagas do Cristo crucificado e fixando nelas a tua mente, considerando o que sofreu o Senhor em Sua carne para livrar-te do pecado e tornar-te odiosos os prazeres da carne.

Outro modo de escapar a essa perigosa sedução é imaginar como ficará, depois da morte, aquela criatura que agora te agrada.

Ao caminhares, recorda a cada passo que te aproximas da morte. Ao veres os pássaros voarem e o correr da água, pensa com que velocidade corre tua vida em direção ao fim. Quando o vendaval ruge, ou há relâmpagos e trovões, imagina-te no terrível dia do juízo final, e então põe-te de joelhos, implorando a Deus que te conceda a graça e o tempo necessário para preparar-te para aquele dia.

Na infinidade de coisas que te podem acontecer, exercita-te assim:

Por exemplo, quando te sentes oprimida por alguma dor ou melancolia, ou sofres calor ou frio, ou qualquer outra coisa, eleva tua mente para a vontade de Deus que, para teu bem, quis que em tal tempo e em tal medida experimentasses esses desgostos. Assim, contente pelo amor que Deus te mostra e pela oportunidade de servi-lO no que mais Lhe agrada, deves dizer em teu coração: "Está se cumprindo a vontade de Deus, que desde a eternidade dispôs com amor que eu suporte agora este contratempo. Seja por isso sempre louvado o meu Senhor!". E, se em tua mente aflora algo bom, dirige-te a Deus e reconhece, com humildade e gratidão, que a Ele deves esse dom.

Quando estiveres lendo, faz como se visses o Senhor por baixo das palavras e recebe-as como se viessem da Sua própria boca.

Se estiveres contemplando a santa cruz, pensa que é o estandarte do Seu exército: se o perdes de vista, poderás cair nas mãos de cruéis inimigos; se o segues, chegarás ao céu carregada de riquezas.

Ao veres a querida imagem da Virgem Maria, volta o coração para a Rainha dos céus e dá-lhe graças por estar sempre aberta à vontade de Deus, por haver gerado, amamentado e alimentado o Redentor do mundo e por sempre nos ajudar com seus favores em nosso combate espiritual.

As imagens dos santos te recordem todos esses campeões que, lutando valorosamente, abriram o caminho que também tu deves percorrer, para que, ao chegar ao fim, sejas coroada de glórias eternas com eles. E quando vires alguma igreja, lembra que tua alma é o templo de Deus e que deves mantê-la limpa e pura para que seja para Ele digna habitação.

Quando ouves os três toques do Ângelus, podes fazer estas breves meditações para acompanhar as invocações de costume: ao primeiro toque, dá graças a Deus pela Ajuda que enviou do Céu à terra para a nossa salvação. Ao segundo toque, alegra-te com a Virgem Maria por sua grandeza, à qual foi elevada por sua profundíssima humildade. Ao terceiro toque, junto com a veneranda Mãe e o anjo Gabriel, adora o menino que acabou de ser concebido. Não te esqueças de inclinar levemente a cabeça a cada toque, e um pouco mais profundamente no último.

Estas considerações, distribuídas segundo os três toques, servem para todos os tempos.

As que se seguem são próprias para a tarde, a manhã e o meio-dia e se referem à paixão do Senhor, pois é nosso dever recordar os padecimentos que Nossa Senhora suportou por causa da Paixão. Seríamos ingratos se não o fizéssemos.

Ao entardecer, invoca as angústias da Virgem pura ante o suor de sangue, a prisão no Horto e as dores ocultas do seu bendito Filho durante aquela noite. Ao amanhecer, acompanha-a em suas aflições por ocasião da apresentação a Pilatos e a Herodes, da sentença de morte e da caminhada com a cruz às costas. Ao meio-dia, volta teu pensamento para a espada de dor que atravessou o coração da desconsolada mãe na crucifixão e morte do Senhor e quando a cruel lança atravessou Suas costelas.

Podes fazer essas meditações das dores da Virgem Maria desde a tarde de quinta-feira até o meio-dia de sábado, e as outras nos outros dias. Isso dependerá da tua particular devoção e das oportunidades que te oferecerão as circunstâncias exteriores.

Para resumir, enfim, a maneira de governar os teus sentidos é estares alerta, para

que, em qualquer acontecimento, sejas movida e atraída não pelo apego ou repugnância das coisas, mas apenas pela vontade de Deus, acolhendo ou rejeitando somente o que Deus quer que acolhas ou rejeites.

Mas advirto-a de que não propus esse modo de governar os sentidos para que te ocupes deles, pois teu pensamento deve estar constantemente recolhido em Deus, que quer de ti a vitória sobre tuas fraquezas e paixões, através da prática das virtudes. A razão desses conselhos é para que saibas como agir, quando a ocasião se apresentar. Porque os exercícios apenas não bastam, ainda que excelentes em si mesmos, podendo por vezes levar ao amor-próprio, à confusão e a tentações do demônio.

CAPÍTULO XXIV

O modo de governar a língua

A língua do homem tem grande necessidade de ser controlada e refreada, porque somos muito inclinados a deixá-la correr solta e discorrer sobre o que mais agrada aos nossos sentidos. O falar demais geralmente tem sua raiz na soberba, com a qual, convencidos de saber muito e da superioridade de nossas opiniões, procuramos impô-las aos outros, querendo sempre ter a última palavra, como se fôssemos mestres de quem todos tivessem de aprender.

Não se pode dizer em poucas palavras os danos causados pelo seu excesso. A loquacidade é mãe da preguiça, sinal de ignorância e imaturidade, porta da distração, provedora da mentira e inibidora da devoção e do fervor. O muito falar alimenta as paixões viciosas, o que por sua vez anima cada vez mais a língua a continuar em sua tagarelice indiscreta. Não te alongues em grandes discursos com quem te ouve de má vontade, para não o cansar, e nem tampouco com quem te ouve com prazer, para não exceder os limites da modéstia.

Evita falar com muita ênfase e em voz muito alta, pois ambas as coisas são indícios de presunção e vaidade. Não fales nunca de ti mesma, nem das tuas coisas, nem dos teus, a não ser por necessidade, e, nesse caso, com a maior brevidade e concisão possível. Quando te parecer que alguém fala demasiado de si próprio, não o julgues desfavoravelmente, mas também não o imites, ainda que ele fale com humildade e para acusar-se. Do teu próximo e do que lhe diz respeito, fala o mínimo possível, e sempre favoravelmente, quando a ocasião se apresentar.

De Deus, deves falar com gosto, especialmente da sua bondade e amor, mas sempre receando a possibilidade de te equivocares, pelo que deves preferir ouvir com atenção o que os outros dizem, conservando suas palavras no fundo do teu coração. De outros temas, deixa que só o som repercuta em teus ouvidos, enquanto elevas a mente ao Senhor. E quando te vês obrigada a escutar o que falam para poderes responder, nem por isso deixes de dirigir um pensamento ao

Céu, onde habita Deus, admirando Sua grandeza que não despreza a tua pequenez (Lc 1,48).

Examina bem as coisas que o coração te dita, antes que cheguem à língua, e verás que é preferível que algumas delas não saiam da boca. Mesmo entre aquelas que te parecem dever ser pronunciadas, seria melhor que muitas delas fossem deixadas no silêncio do coração, como perceberás, se nelas refletires depois de passado o momento de dizê-las.

O silêncio é uma grande fortaleza no combate espiritual e uma garantia segura de vitória; é amigo de quem desconfia de si mesmo e confia em Deus; é guardião da autêntica oração e uma magnífica ajuda no exercício das virtudes.

Para te acostumares a ficar calada, considera os danos e perigos da loquacidade e as grandes vantagens do silêncio. Toma amor por esta virtude, e, para te habituares a ela, exercita-te por algum tempo em calar até mesmo as coisas que faria bem em dizer, desde que isso não cause prejuízo a ti ou a outros. Foge das conversações, para que não tenhas por companheiros os homens, mas sim os anjos, os santos e o próprio Deus. Finalmente, lembra-te do constante combate que tens de travar, pois a consideração do quanto te falta para alcançar a perfeição servirá de motivação para evitares perder tempo com distrações supérfluas.

CAPÍTULO XXV

Para combater o inimigo, o soldado de Cristo deve fugir da inquietude e perturbação do coração

Quando se perde a paz do coração, deve-se fazer de tudo para recuperá-la, sabendo que nada no mundo nos deve roubar essa paz.

Devemos, sim, lamentar nossos pecados, mas essa deve ser uma dor pacífica, como já ficou dito mais de uma vez. E com a mesma serenidade e caridade devemos compadecer-nos de qualquer pecador e lamentar suas culpas.

Quanto a outros acontecimentos tão temidos pelas pessoas, como enfermidades, feridas, mortes, pestes, guerras, incêndios e outros males semelhantes, podemos, ajudados pela divina graça, não somente desejá-los mas até mesmo amá-los, como ocasião de reparação pelos pecados e de crescimento na virtude. É por essa razão que Nosso Senhor os permite, e, se nos conformamos à Sua vontade, passaremos serenos e imperturbáveis pelas amarguras desta vida. Convence-te de que qualquer inquietude nossa Lhe desagrada, pois, qualquer que seja a sua origem, é sempre um sinal de imperfeição e sempre procede do amor-próprio.

Por isso, fica sempre em guarda para que, ao surgir algo que possa perturbar-te ou fazer-te perder a paz, tenhas em mãos as armas para tua defesa, considerando que tais males, no fundo, não são verdadeiros males, ainda que assim o pareçam à primeira vista, nem podem tirar-nos os verdadeiros bens, e são enviados ou permitidos por Deus pelos motivos já mencionados ou outros que não conhecemos, mas sabemos serem sempre justos e santos.

Se conservas a alma tranquila em qualquer circunstância, ainda que adversa, isso só te fará bem. Se, pelo contrário, te inquietas, teus exercícios não serão frutuosos e ficarás mais exposta aos ataques dos inimigos, além de te tornares incapaz de discernir com clareza o caminho correto e seguro das virtudes.

Nosso inimigo, que odeia visceralmente esta paz, na qual habita o Espírito Santo

para realizar Suas maravilhas, faz o possível para no-la roubar, disfarçando-se sob a aparência de desejos aparentemente bons. Esse embuste se reconhece, entre outros sinais, quando tais desejos nos inquietam e nos tiram a paz.

Para te protegeres desse risco, não abras as portas do teu coração a nenhum novo desejo, sem antes apresentá-lo a Deus, livre de qualquer vontade e preferência própria, confessando a tua cegueira e ignorância e pedindo-Lhe com insistência que te ilumine para saberes se provém dEle ou do inimigo. Além disso, recorre também ao conselho do teu diretor espiritual.

Ainda que o desejo provenha de Deus, procura mortificar o excesso de vivacidade, pois, precedida dessa mortificação, tua ação será muito mais agradável a Ele do que se a executares conforme o teu gosto natural. Pode até ser que a mortificação Lhe agrade mais que a própria obra.

Desta forma, afugentando de ti os maus desejos e não realizando os bons sem antes mortificar-te, conservarás em paz e segurança a fortaleza do teu coração.

E, para garantir ainda melhor essa paz, deves defendê-la também contra a autocrítica e os remorsos interiores, que provêm às vezes do demônio, embora pareçam inspirados por Deus. Por seus efeitos reconhecerás sua procedência: se os remorsos estimulam em ti a humildade, se te tornam mais solícita na prática do bem e não te tiram a confiança em Deus, recebe-os como graça e com o coração agradecido. Mas, se te perturbam e te deixam desanimada e negligente na prática das boas obras, tem por certo que procedem do inimigo; nesse caso não lhes dês atenção e prossegue com o teu exercício.

E como, além de tudo isso, a inquietude do coração nasce também das contrariedades que nos sucedem, deves defender-te dessas ameaças de duas maneiras:

Primeiro considera a quem esses acontecimentos contrariam, se ao espírito ou ao amor-próprio e à tua vontade. Se forem contrários a estes, não os consideres contrariedades, mas sim favores e graças de Deus, e recebe-os com o coração alegre e agradecido. Se forem contrários ao espírito, nem por isso deves perder a paz do coração, como veremos no próximo capítulo.

A segunda coisa a fazer é voltar-te para Deus, aceitando de bom grado e recebendo como favores excelentes tudo o que à sua Providência aprouver enviar-te, sem questionar, ainda que por ora não o possas compreender.

CAPÍTULO XXVI

O que devemos fazer quando somos feridos

Quando te sentires ferida por haver caído em algum pecado, seja por fraqueza, seja por malícia, não desanimes e nem te inquietes por isso. Dirige-te imediatamente a Deus dizendo: "Eis aqui, meu Senhor, comportei-me segundo a minha natureza, pois de mim não se pode esperar mais que tropeços". Depois dedica um tempo a humilhar-te aos teus próprios olhos, lamenta a ofensa feita ao Senhor e considera tuas más inclinações, especialmente aquela que provocou a falta. E então diz: "Não teria parado por aqui, meu Senhor, se não fosse socorrida por tua bondade!". Neste ponto dá-lhe muitas graças e ama-O com mais devoção, maravilhando-te por tão grande clemência, já que, mesmo ofendido por ti, Ele te sustenta com Sua poderosa mão.

Por fim, com grande confiança em sua infinita misericórdia, dirás: "Senhor, que és todo amor e perdão, perdoa-me, e não mais permitas que eu me separe de ti, nem te ofenda!". Feito isso, não fiques imaginando se Deus te perdoou ou não, pois isso seria soberba, desassossego, perda de tempo e engano do demônio. Abandona-te simplesmente nas amorosas mãos de Deus e continua o teu exercício como se nunca tivesses caído. E se voltares a cair várias vezes ao longo do dia, e te sentires ferida no combate, faz o mesmo, com a mesma confiança, na segunda, na terceira vez e até na última como na primeira; e, humilhando-te cada vez mais e odiando cada vez mais o pecado, esforça-te para agir de maneira mais prudente.

Essa prática desagrada muito ao demônio, tanto por ver-se derrotado, quanto por saber que a tua vitória agrada muito a Deus. Por isso, ele usa de diversos truques para fazer-nos abandonar o bem, conseguindo-o às vezes pelo nosso descuido e pouca vigilância sobre nós mesmos; essa é a razão pela qual, quanto mais dificuldade encontrares nesse exercício, mais empenho deverás colocar em repeti-lo várias vezes, ainda que tenhas caído apenas uma vez.

E se, depois da queda, te sentes confusa, inquieta e desconfiada, a primeira coisa

que deves fazer é recuperar a paz, a tranquilidade do coração e a confiança, e com estas armas recorrer à ajuda de Deus.

O modo de recuperar a paz é deixar de pensar na falta para considerar a bondade inefável de Deus, que está sempre totalmente disposto a perdoar qualquer pecado, por mais grave que seja, chamando o pecador de mil maneiras e por mil caminhos diferentes para santificá-lo com Sua graça nesta vida e fazê-lo eternamente feliz na glória eterna.

Uma vez que, com semelhantes considerações, tenhas tranquilizado o teu espírito, volta a pensar em tua falta, para dela te arrependeres. E, quando chegar o momento da confissão sacramental – que aconselho-te a praticar com frequência –, volta ao exame das tuas faltas e, com renovada dor e arrependimento pela ofensa a Deus e propósito de não voltar a ofendê-lO, relata ao confessor as tuas quedas.

CAPÍTULO XXVII

Da ordem seguida pelo demônio em sua perseguição, tanto aos que desejam seguir o caminho da virtude, quanto aos que já são escravos do pecado

Deves saber, filhinha, que o demônio não anseia outra coisa que a nossa ruína. E que, para obtê-la, serve-se de diferentes ardis.

Para começar a descrever alguns dos truques, métodos e enganos por ele utilizados, devemos partir dos diferentes estados e situações do homem.

Há os que são escravos do pecado e não têm intenção de livrarem-se dele.

Há outros que querem libertar-se, mas nunca dão o primeiro passo.

Outros, ainda, imaginam andar nos caminhos da virtude, mas na verdade se afastam dela.

E, por fim, há alguns que, depois de terem alcançado a virtude, caem numa ruína maior ainda.

Sobre cada um desses falaremos um pouco.

CAPÍTULO XXVIII

Os truques que o demônio usa contra os que já são escravos do pecado

Quando o demônio mantém alguém na escravidão do pecado, cuida de cegá-lo cada vez mais, afastando dele qualquer pensamento que possa fazê-lo compreender a infelicidade de sua vida.

E não somente o afasta dos desejos e inspirações que o chamam à conversão com pensamentos contrários ao pecado, como o leva a cair repetidamente no mesmo pecado ou em outros maiores. Com isso, sua cegueira se acentua cada vez mais, e ele se precipita cada vez mais, escravizando-se de tal forma que, se Deus não o socorre com sua graça, sua vida vai despencando, de cegueira em cegueira, de pecado em pecado, até a morte.

Para quem se acha em tão miserável estado, o único remédio é acolher as inspirações da graça que o convidam a sair das trevas para a luz, e clamar ao Senhor: "Ajuda-me! Ajuda-me, Senhor! Não me deixes nesta noite escura de pecado!". Deve repetir muitas vezes esta ou outras invocações semelhantes, e, logo que possível, deve procurar o confessor, em busca de conselho e socorro para vencer o inimigo.

Se não o puder fazer logo, deve recorrer de imediato ao Senhor crucificado, lançando-se por terra diante dele, e também à Virgem Maria, implorando sua misericórdia e socorro. É esta solicitude que garante a vitória, como verás no próximo capítulo.

CAPÍTULO XXIX

Os truques usados pelo demônio contra aqueles que reconhecem a servidão em que se encontram e dela querem livrar-se. E por que os bons propósitos nem sempre dão resultado

Os que têm consciência do estado de pecado em que vivem e desejam abandoná-lo, são muitas vezes enganados e vencidos pelo demônio por pensamentos como esse: "Depois, depois; amanhã, amanhã. Primeiro vou resolver este assunto, para então poder dedicar-me com mais calma à vida espiritual".

São muitos os que caíram e caem nesse truque. A causa está na nossa negligência e descuido, pois o que diz respeito à nossa salvação e à honra de Deus deve ser executado com prontidão e sentido de urgência: "Agora! Agora! Por que depois? Hoje! Hoje! Por que amanhã? Ainda que Deus me conceda o amanhã ou o depois, é por acaso caminho de salvação querer aumentar as feridas e as desordens, antes de buscar a cura?"

Como vês, para escapar deste engano, como daquele do capítulo precedente, e vencer o inimigo, o remédio é responder prontamente às inspirações divinas. O que importa é a prontidão e não os propósitos, pois estes muitas vezes falham e levam a enganos, por diversas razões.

A primeira, já indicada, é que nossos propósitos não se fundam na desconfiança de nós mesmos e na confiança em Deus. Mas a nossa soberba nos impede de reconhecer nosso engano. A luz para descobri-lo e a ajuda para curá-lo provêm da bondade de Deus, que permite que caiamos para que, através da queda, percebamos como era vã a confiança que tínhamos em nós mesmos e passemos a confiar somente nEle, e o conhecimento de nós mesmos derrube a nossa soberba. Se queres que teus propósitos sejam eficazes, eles têm de ser fortes, e para serem fortes devem ser fundados na desconfiança de nós mesmos e na humilde confiança em Deus.

Outra razão é que, quando formulamos um propósito, temos em vista a beleza e o valor da virtude que nos atrai; mas, sendo nossa vontade fraca e débil, ao percebermos as dificuldades a vencer para adquirir essa virtude, voltamos atrás. Por isso, deves acostumar-te a apreciar mais as dificuldades que a própria virtude, e alimentar com elas a tua vontade, se queres de fato adquirir a virtude.

A terceira razão é que nossos propósitos muitas vezes não tendem nem à virtude e nem à vontade de Deus, mas ao nosso próprio interesse. Isso acontece com os propósitos que se fazem nos momentos de deleite espiritual ou nas tribulações que nos agoniam e oprimem, pois é para buscar alívio ou para manter o gozo que fazemos o propósito de nos entregar inteiramente a Deus e ao exercício das virtudes.

Para evitar esse engano, fica alerta nos momentos de deleite espiritual, sendo humilde em teus propósitos, promessas e votos; e, quando te vires provada pela tribulação, que teus propósitos sejam feitos no sentido de suportar com paciência a cruz que Deus te envia e abraçá-la com amor, recusando qualquer alívio da terra e talvez mesmo do Céu. Não tenhas mais que o desejo de suportar qualquer adversidade com a virtude da paciência e de forma agradável ao Senhor.

CAPÍTULO XXX

O engano daqueles que imaginam caminhar para a perfeição

Vencido no primeiro e no segundo ataques, o inimigo recorre ao terceiro, que consiste em fazer com que, esquecendo-nos dos inimigos que nos combatem e hostilizam no momento, alimentemos desejos e propósitos de chegar a altos graus de perfeição. A consequência é que, sendo constantemente feridos, não cuidamos dessas feridas, acreditando que os propósitos já são as próprias virtudes e enchendo-nos de soberba por isso.

Embora sejamos incapazes de suportar qualquer pequena tribulação, gastamos o tempo em longas reflexões, fazendo propósitos de suportar os maiores tormentos e até mesmo as penas do purgatório, por amor a Deus. E como tais propósitos, por serem algo distante e apenas hipotético, não nos causam repugnância, em nossa miséria nos convencemos de ter já alcançado a altura dos que sofrem com paciência coisas muito grandes.

Para fugir desse engano, aplica-te na luta contra os inimigos que estão perto e que de fato te fazem guerra, e então descobrirás se teus propósitos são verdadeiros ou falsos, firmes ou débeis, e caminharás para a virtude e a perfeição pela estrada real, que tantos outros já percorreram.

Não te aconselho a travar batalha contra os inimigos que normalmente não te molestam, a não ser quando prevês que te atacarão em breve; nesse caso, estando prevenida e forte, podes fazer primeiro alguns propósitos.

O que nunca deves fazer é considerar teus propósitos como resultados obtidos, ainda que te tenhas exercitado adequadamente nas virtudes por algum tempo. Antes, sê humilde e desconfia de ti mesma e de tua fraqueza; confia em Deus e recorre a ele com frequentes orações, para que te dê força e te guarde dos perigos, especialmente o da presunção.

Assim fazendo, ainda que não consigamos vencer alguns pequenos defeitos, que

muitas vezes Deus nos deixa para que, com humildade, reconheçamos o nada que somos e conservemos o bem que temos, podemos, contudo, esperar alcançar um grau superior de perfeição.

CAPÍTULO XXXI

Os enganos que o demônio usa para que deixemos o caminho da virtude

O quarto engano do qual se serve o demônio para nos atacar se manifesta quando seguimos o caminho da virtude com retidão. Ele consiste em diversos bons desejos que provocam em nós a queda da virtude para o vício.

Por exemplo: uma pessoa doente suporta a sua enfermidade com grande valentia. O que fará o astuto inimigo, sabendo que ela poderá dessa forma alcançar a virtude da paciência? Sugerirá à pessoa enferma muitas boas ações que ela poderia realizar se estivesse em situação diversa, e fará o possível para convencê-la de que serviria melhor a Deus e seria mais útil a si mesma e aos demais se tivesse saúde. Esse desejo vai crescendo a tal ponto que põe em desassossego a pessoa que não consegue realizar o que quer. E quanto mais cresce o desejo, mais cresce a inquietação, da qual o inimigo se aproveita para conduzi-la pouco a pouco à impaciência e à rebeldia contra a doença, não por esta mesma, mas pelo impedimento de realizar as boas obras às quais tanto aspirava, buscando um bem maior.

Tendo-a conduzido a esse ponto, é fácil ao diabo fazer com que a pessoa se esqueça da sua principal obrigação (servir a Deus) para buscar somente os meios de se livrar da doença. Ao ver que isso não acontece, ela se inquieta de tal maneira que perde totalmente a paciência; e então, sem se dar conta, perde a virtude que praticava e cai no vício contrário.

A maneira de se opor a esse engano é não alimentar bons desejos que não possam ser realizados no momento, evitando assim a inquietação de não os poder realizar. Para isso, com humildade, paciência e resignação, convence-te de que teus desejos não teriam o efeito esperado, pois és mais fraca e incapaz do que imaginas. Ou então pensa que Deus, por algum desígnio oculto ou devido aos teus pecados, não deseja que realizes essa boa obra, mas sim que te humilhes e te rebaixes, aceitando com paciência a Sua vontade (1Pd 5,6).

Do mesmo modo, se o teu diretor espiritual ou qualquer outra causa te impedem de praticar alguma devoção do teu gosto, especialmente receber a comunhão[1], não te deixes abater e nem te inquietes no desejo dela, mas, despojando-te de toda vontade própria, entrega-te à vontade do Senhor, dizendo contigo: "Se a divina providência não visse em mim ingratidão e pecado, eu não estaria agora impedida de receber a Eucaristia. Já que o Senhor me revela desta maneira a minha indignidade, seja Ele para sempre bendito e louvado. Confio plenamente em tua bondade, meu Deus, e creio firmemente que por este modo não desejas senão que me incline à tua vontade e te obedeça em tudo, abrindo meu coração para que nele entres espiritualmente e o consoles, fortalecendo-o contra os inimigos que pretendem afastar-me de Ti. Que se cumpra tudo o que é agradável aos Teus olhos. Que a Tua vontade seja agora e para sempre o meu alimento e sustento, meu Criador e Redentor. Só esta graça Te peço, meu divino Amor, que minha alma seja purificada e limpa de qualquer coisa que te possa desagradar, que esteja sempre adornada de virtudes e preparada para a tua vinda, bem como para tudo o que quiseres pedir a esta tua indigna criatura".

Se observares estes princípios, podes estar certa de que, sempre que não te for possível realizar algum bom propósito, seja por alguma deficiência da tua natureza, seja pela ação do demônio que te quer afastar do caminho da virtude, seja porque o próprio Deus quer provar dessa forma a tua resignação à Sua vontade, será justamente nessa resignação que realizarás a vontade divina. Precisamente nisso consiste a verdadeira devoção e o serviço que Ele espera de nós.

A fim de que nunca percas a paciência nas provações, venham de onde vierem, quero advertir-te que, mesmo usando dos meios lícitos que Deus concede aos Seus servos, não o faças com a intenção de ver-te livre das provações, mas apenas por que Deus o quer. Pois não sabemos se é Sua vontade livrar-nos das provações. Se assim não fizeres, facilmente cairás na impaciência ao ver que as coisas não sucedem segundo a tua expectativa, ou tua paciência será defeituosa, pouco agradável a Deus e de pouco mérito.

Finalmente, previno-te sobre um engano muito sutil do nosso amor-próprio, que

é muito hábil em dissimular e até defender, em certas ocasiões, os nossos defeitos. Um exemplo é quando um doente se impacienta com a sua enfermidade e tenta justificar essa impaciência alegando para ela uma causa justa. Ele dirá que a sua impaciência não se deve à enfermidade, mas ao remorso por ser ele mesmo o seu causador, ou pelo incômodo que causa aos que cuidam dele, ou por outros danos que podem advir dessa doença.

O mesmo se dá com o ambicioso, que, perturbado por não haver obtido a dignidade que desejava, não atribui essa perturbação à sua própria soberba e vaidade, mas a outras razões que, entretanto, em nada o preocupam quando não estão em jogo os seus interesses. Como o enfermo, que tanto se compadece dos que se ocupam dele, mas não sofre igualmente quando essas mesmas pessoas se dedicam a outros doentes.

É um sinal evidente de que a raiz de suas lamentações não está nas razões alegadas, mas unicamente no fato de terem seus desejos contrariados. Para não caíres nesse erro, procura suportar sempre com paciência e humildade o sofrimento e a dor, venham de onde vierem.

1 - No tempo em que esta obra foi escrita, não era de costume e nem recomendação da Igreja a comunhão frequente exceto em caso de pecado grave, como hoje.

CAPÍTULO XXXII

O último assalto e truque do qual o demônio se utiliza para que as nossas virtudes nos sejam ocasião de ruína

A astuta e maligna serpente não deixa de nos tentar com os seus enganos para conseguir que mesmo as nossas virtudes se convertam em ocasião de ruína, pois podemos nos comprazer nelas e em nós mesmos e cair no vício da soberba e da vanglória.

Para evitar esse perigo, combate sempre, permanecendo no terreno baixo e seguro de um verdadeiro e profundo conhecimento de ti mesma, reconhecendo que não és nada, não sabes nada, não podes nada, que não há em ti senão misérias e defeitos e não mereces mais do que a condenação eterna. Fica firmemente estabelecida nessa verdade, sem permitir que nada te faça duvidar dela, convencida de que qualquer coisa ou pensamento em contrário são inimigos que te querem matar ou ferir.

Para te exercitares bem no conhecimento do teu próprio nada, serve-te desta regra: Sempre que te puseres a refletir sobre ti mesma ou sobre tuas obras, faze-o tendo em conta o que realmente te pertence e deixa de lado o que pertence a Deus e à Sua graça.

Se considerares o tempo anterior à tua vinda ao mundo, verás que, em todo aquele abismo de eternidade, não eras mais do que nada e nada podias fazer para chegar a ser algo; e mesmo no tempo atual, em que, por pura bondade de Deus, tu existes, é ainda Ele que mantém e conserva a tua existência a cada momento. Se por um só instante Ele te abandonasse, voltarias ao nada de onde Ele te tirou. Fica claro, então, que por nós mesmos não temos nada de que possamos nos vangloriar diante de nós mesmos ou dos outros.

E no que se refere ao efeito da graça ou à capacidade de fazer o bem, é claro que nada disso poderia ser realizado por tua natureza sem a ajuda de Deus. Considera

os teus erros passados e os muitos males que poderias ter cometido se Deus não te tivesse em Suas mãos; e que, multiplicados pelos dias, pelos anos, e ainda pelos próprios atos e hábitos (pois um pecado chama outro) fariam de ti um verdadeiro demônio! É necessário que a cada dia te tenhas em menor conta, para não retirar à divina bondade a glória que lhe é devida, e atribuir a ti somente o que é teu.

Mas, deves ter em conta que essa apreciação de ti mesma deve ser acompanhada de justiça, pois, do contrário, não te seria benéfica. Se, por conheceres tua maldade, te sentes mais virtuosa que outros, que, em sua cegueira, atribuem a si mesmos algum mérito, mas , por isso mesmo, esperas ser estimada e louvada, então te tornas pior do que eles, porque desejas ser tida por aquilo que não és.

Se queres, pois, que o conhecimento da tua maldade e pequenez mantenha longe os teus inimigos e te torne agradável a Deus, procura não só depreciar-te a ti mesma como indigna de todo o bem e merecedora de todo o mal, mas também ser depreciada pelos outros, fugindo das honras, alegrando-te com as humilhações e dispondo-te a fazer, quando preciso, tudo o que os outros depreciam. Para manter-te nessa prática, procura não fazer caso do juízo alheio. Mas faze-o com o único fim de exercitar-se na prática da desconfiança de si, sem cair no erro da presunção do espírito ou da soberba, que também costuma levar ao desprezo da opinião alheia.

E se, por alguma graça ou favor de Deus, chegas a ser estimada pelos outros, recolhe-te em ti mesma e não te apartes por nada da verdade e da justiça, mas antes, dirige-te a Deus dizendo em teu coração: "Não permitas nunca, Senhor, que eu me aproprie da honra que Te é devida e das graças que Te pertencem! A Ti o louvor, a honra e a glória, e a mim, a confusão". Depois, pensando em quem te louva, dirás interiormente: "Por que razão me julgas boa? Bom é só o meu Deus, e só as suas obras são boas! (Mc 10,18)". Assim fazendo e dando ao Senhor o que lhe pertence, manterás à distância os teus inimigos e estarás mais preparada para receber os dons e graças de Deus.

Se a recordação das tuas boas obras te coloca em perigo de cair na vaidade, lembra-te de considerá-las de Deus e não tuas. E, como se falasses a elas, diz: "Eu não sei como surgistes e vos formastes em minha mente, já que não está em mim

a vossa origem, mas em Deus. A ele somente quero reconhecer como vosso Pai e autor, e render-Lhe graças e louvores" (2Mac 7,22-30).

Considera, depois, que todas as boas obras que já executastes foram feitas de forma muito imperfeita e sem corresponder devidamente à graça que Deus te havia concedido, além de nelas não teres trabalhado com todo o fervor e diligência devido. Portanto, tens antes motivo para te envergonhares delas do que para orgulhar-te, porque sempre manchamos com nossas imperfeições as graças puras e perfeitas que recebemos da divina Majestade.

Compara em seguida tuas obras com as dos santos e outros servos de Deus, e verás que, em comparação às deles, as tuas melhores obras não passam de moeda falsa e sem valor. E muito mais ainda o verás se comparares tuas obras com as que realizou por ti Nosso Senhor Jesus Cristo, com tão puro amor, nos mistérios de sua sagrada vida. E levantando, por último, o pensamento à imensa Majestade do teu altíssimo e poderosíssimo Senhor e ao muito que lhe deves, entenderás claramente que não há por que alimentar qualquer vaidade por alguma obra tua, mas, ao contrário, somente desconfiança e temor. Pelo que, a todo momento e em tudo o que fizeres, hás de suplicar de todo o coração: "Senhor, tem piedade de mim, que sou uma grande pecadora!"

Não queiras conhecer a medida dos dons com que Deus te agraciou, porque isso quase sempre Lhe desagrada. Prefere sempre humilhar-te, reconhecendo que tu e tuas obras não são mais do que nada, pois isso é que corresponde à realidade.

Esse é o fundamento de todas as demais virtudes: Deus nos criou do nada, e, agora que recebemos dele a existência, deseja que toda a nossa vida espiritual seja construída sobre esse conhecimento de que nada somos. E quanto mais nos diminuirmos a nossos próprios olhos, mais resplandecerão em nós as virtudes, pois, quanto mais retiramos a terra de nossas misérias, mais fundo Deus pode lançar o alicerce da Sua graça.

Por mais que te humilhes, nunca creias que já é o suficiente. Antes, convence-te de que, se fosse possível ao ser humano uma medida infinita, o teu nada seria infinito.

Com estas convicções bem arraigadas, possuímos todo o bem; sem elas, somos nada, ainda que tenhamos capacidade de realizar a obra de todos os santos e que estivéssemos sempre ocupados em Deus.

Ditoso conhecimento que nos faz felizes na terra e nos dá a glória no Céu! Ó luz, que brota nas trevas para dar brilho e claridade nas almas! Ó alegria desconhecida, que resplandece em meio às nossas imundícies! Ó nada, cujo conhecimento nos faz donos de tudo!

Jamais me cansaria de falar disso: Se quiseres honrar a Deus, acusa-te a si mesma e aprecia que os outros te acusem. Se quiseres glorificá-lo em ti, humilha-te e submete-te a todos. Se quiseres encontrá-lo, não te eleves, pois então ele se afastará, mas rebaixa-te, e Ele virá buscar-te e abraçar-te.

Considera-te indigna de todos os dons que o teu Deus, por ti humilhado, te concede para unir-se contigo. Não deixes de dar-lhe muitas graças por proporcionar-te oportunidades de ser humilhada, e agradece também a quem te ultrajou e humilhou.

Se, apesar de todas essas considerações, a astúcia do demônio, a nossa ignorância e as nossas más inclinações prevalecerem sobre nós, de modo que o desejo de exaltação continue a inquietar-nos e a abrir brechas em nosso coração, então devemos humilhar-nos ainda mais a nossos próprios olhos, ao considerarmos o pouco proveito que tiramos das provas pelas quais passamos no caminho da perfeição, já que continuamos escravos desses desejos que têm raiz em nossa soberba e vaidade. Assim, do próprio veneno tiraremos mel e saúde para nossas feridas.

CAPÍTULO XXXIII

Alguns conselhos para vencer as paixões e vícios e adquirir novas virtudes

O primeiro conselho: Se quiseres adquirir alguma virtude, não te sirvas de certas práticas espirituais que se baseiam nos dias da semana, um dia para uma virtude, outro dia para outra.

A ordem que deves seguir no combate é enfrentar as paixões que mais te atormentam, esforçando-te para adquirir em alto grau as virtudes contrárias. Alcançando essas virtudes, poderás facilmente obter todas as demais, logo que se apresente a ocasião, pois as virtudes estão sempre unidas e relacionadas entre si, de modo que quem possui uma perfeitamente, tem todas as demais de prontidão à porta do coração.

O segundo conselho: Nunca proponhas a ti mesma um prazo, nem de dias, nem de semanas, nem de anos, para adquirir uma virtude; mas, como se tivesses acabado de nascer, procura constantemente alcançar os mais altos graus de perfeição.

Não te detenhas por nenhum momento, pois parar no caminho da virtude e da perfeição não significa tomar fôlego e recuperar as energias, mas regredir e cair mais baixo do que antes.

Por parar, entendo eu a falsa crença de haver chegado ao cume da virtude, tendo em pouca conta as ocasiões que nos chamam a novos atos de virtude e não levando em conta as pequenas faltas.

Por isso, sê solícita, fervorosa e atenta para não perderes a mínima oportunidade de exercitar a virtude. Ama, pois, todas as ocasiões que induzem a ela, sobretudo as que nos trazem dificuldades, porque os esforços realizados para vencê-las estabelecem os hábitos com maior rapidez e profundidade.

O terceiro conselho: Sê prudente e discreta nas virtudes que podem causar danos ao teu corpo, como são as disciplinas, os cilícios, as vigílias, as meditações e outras

semelhantes, porque estas se adquirem aos poucos e de forma gradual, como logo mostrarei.

Quanto às demais virtudes puramente interiores, como o amor a Deus, o desprezo do mundo, a humilhação aos próprios olhos, o ódio das paixões e do pecado, a paciência, a mansidão, o amor por todos, inclusive pelos que nos ofendem, não é necessário que sejam adquiridas aos poucos, mas também nessas virtudes deves esforçar-te por realizar cada ato com a máxima perfeição possível.

O quarto conselho: Dirige todos os teus pensamentos, teus desejos e o teu coração para vencer a paixão contra a qual combates e conquistar a virtude que buscas. Que isto seja para ti o mundo inteiro, o céu e a terra, que seja todo o teu tesouro, com o único fim de agradar a Deus. Se estiveres comendo, ou andando, se estiveres cansada, ou descansando, se estiveres acordada, ou dormindo, se estiveres em casa, ou fora dela, se estiveres rezando, ou ocupada em trabalhos manuais, deves sempre orientar tudo para a superação da paixão que combates e a aquisição da sua virtude contrária.

O quinto conselho: Rejeita, sem exceção, os prazeres terrenos e as comodidades, para que, ao te encontrares com poucas forças, não sejas assaltada pelos vícios, que têm todos a sua raiz no prazer. Corta, pois, essa raiz com o desprezo de ti mesma, e os vícios perderão as suas forças.

Pois, se por um lado buscas fazer guerra aos vícios e, por outro, buscas os prazeres terrenos, mesmo que não sejam pecados mortais, dura e áspera será a guerra e incerta a tua vitória.

Deves, pois, recordar aquelas máximas divinas: "Aquele que ama a sua vida, perdê-la-á; aquele que odeia sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna" (Jo 12,25). "Assim, pois, irmãos, não somos devedores dos baixos instintos para termos de viver de acordo com eles. Pois, se viveis segundo os baixos instintos, morrereis; mas se, conforme o espírito, dais morte às ações carnais, vivereis" (Rm 8,12-13).

O sexto conselho: Por último, seria bom e talvez necessário que fizesses antes uma confissão geral, com as devidas disposições, para teres maior garantia de

estar em graças com o teu Senhor, de quem se há de esperar todas as graças e vitórias.

CAPÍTULO XXXIV

Deve-se adquirir as virtudes aos poucos e gradativamente, uma de cada vez

Ainda que o verdadeiro soldado de Cristo, que aspira aos cumes da perfeição, não deva nunca impor limites ao próprio progresso, alguns fervores espirituais devem ser moderados pela discrição. Pois, sendo comuns no começo da caminhada, tais fervores logo esfriam e desaparecem, deixando-nos no meio do caminho.

Por isso, além do que foi dito sobre a moderação com relação aos exercícios exteriores, convém que saibas que também as virtudes interiores devem ser adquiridas com moderação, pois assim o pouco se converte em muito e em algo duradouro.

Por exemplo, não devemos, ordinariamente, exercitar-nos em amar ou desejar as contrariedades, se antes não tivermos passado pelos graus mais elementares da virtude da paciência. Tampouco recomendo que te dediques a todas as virtudes, ou a muitas de uma só vez, mas primeiro a uma e depois a outra, pois assim o hábito virtuoso fixa raízes mais profundas na alma. Porque, com o exercício contínuo de uma só virtude, a memória volta a ela em todas as ocasiões e com maior prontidão; o entendimento vai-se fazendo mais agudo na busca de novos modos e razões para consegui-la; e a vontade se inclina para ela com mais facilidade e afeto. Todas essas coisas não sucederiam se exercitássemos todas as virtudes de uma só vez.

Além disso, pela conformidade que existe entre elas, os atos relacionados a uma virtude resultam, com o exercício constante, em menor fadiga para conquistar as demais, já que uma virtude atrai outra semelhante. Por essa semelhança, encontramos nosso coração mais preparado e disposto a receber o que se refere às novas virtudes.

Estas razões têm maior força por sabermos que quem se exercita bem em uma virtude, aprende também a exercitar-se nas outras, de modo que, com o crescimento de uma, todas crescem juntas, graças ao vínculo inseparável que as

une, como raios procedentes da mesma luz divina.

CAPÍTULO XXXV

Os meios para adquirir as virtudes. Como aplicá-los durante um tempo determinado para adquirir uma delas

Além do que já foi dito, para adquirir as virtudes é preciso ter grandeza e generosidade de ânimo, uma vontade firme e resoluta e a predisposição para enfrentar muitas dificuldades e problemas. Ademais, é necessário amar as virtudes, o que se pode conseguir considerando o quanto elas agradam a Deus, o quão nobres e excelentes são em si mesmas e o quão necessárias e úteis são para nós, já que nelas começa toda a perfeição.

A cada manhã deves fazer propósitos de te exercitares nas virtudes, segundo os prováveis acontecimentos do dia, ao longo do qual deves examinar-te várias vezes para ver se os cumpriste ou não, renovando-os depois com maior intensidade. Isto vale principalmente para a virtude específica que estejas praticando.

Também os exemplos dos santos, as tuas orações e as meditações sobre a vida e paixão de Jesus Cristo, tudo deve servir prioritariamente para estimular essa mesma virtude na qual te exercitas.

Faze o mesmo em todas as ocasiões, ainda que diversas entre si, como mostraremos concretamente mais adiante. Trata de te acostumares aos atos virtuosos, tanto interiores quanto exteriores, de modo que consigas realizá-los com facilidade e prontidão, assim como realizavas anteriormente os atos correspondentes às paixões e desejos naturais. Quanto mais te opuseres a estes, tanto mais te habituarás à virtude.

As palavras da Sagrada Escritura, pronunciadas oral ou mentalmente, têm uma maravilhosa força para nos ajudar nesse exercício. Por isso, convém que possuas um bom repertório com relação à virtude que estiveres praticando, para repetires durante o dia, quando a paixão contrária se sublevar. Por exemplo, se estiveres lutando para conquistar a paciência, poderás repetir estas e outras frases: “Filhos,

suportai com paciência a ira que da parte de Deus vos alcançou" (Br 4,25); "Não se perde para sempre a esperança do miserável" (Sl 9,19); "Mais vale um homem paciente do que um herói, mais vale um homem que domina a si mesmo do que um que conquista cidades" (Prov 16,32); "Com a vossa perseverança, salvareis vossas vidas" (Lc 21,19); "Devemos correr com perseverança na prova que nos é proposta" (Hb 12,1).

Com a mesma finalidade, podemos dizer estas e outras orações semelhantes:

"Quando, meu Deus, se armará o meu coração com o escudo da paciência?"

"Quando, para alegrar o Senhor, suportarei toda aflição com o ânimo tranquilo?"

"Ó, quão ditosas são as tribulações, que me fazem semelhante ao meu Jesus crucificado, por mim torturado!"

"Conseguirei viver algum dia, vida da minha alma, contente pela sua glória, mesmo em meio às tribulações?"

"Ditoso sou se, em meio às tribulações e tormentas, ardo de desejo de sofrer outras maiores".

Podemos nos servir dessas breves orações, ou de outras adequadas ao progresso na virtude e devoção.

Essas orações breves se chamam jaculatórias, porque são como flechas ou dardos que se lançam até o céu e têm grande força para excitar-nos na virtude e para chegar até o coração de Deus, com a condição de que sejam acompanhadas de duas coisas: o verdadeiro conhecimento da alegria que Deus experimenta pela nossa prática das virtudes, e o verdadeiro e ardente desejo de adquiri-las com o único fim de agradá-lO.

CAPÍTULO XXXVI

Deve-se caminhar com solicitude contínua no exercício da virtude

Uma das coisas mais importantes e necessárias para obter a virtude, além das que ensinei anteriormente, é que, para alcançar o fim proposto, deves caminhar sempre adiante, pois parar já equivale a retroceder. Quando deixamos de realizar atos virtuosos, nossa violenta inclinação ao apetite dos sentidos e outros apelos exteriores que nos atraem, fazem com que as paixões desordenadas voltem a nos dominar. Essas paixões destroem ou ao menos enfraquecem as nossas virtudes e nos privam de inúmeras graças e dons que poderíamos obter do Senhor se progredíssemos no caminho do bem.

O caminho do espírito é diferente dos caminhos da terra. Nestes, quando paramos, não perdemos nada do que já foi percorrido, ao contrário do que ocorre com o espírito. Além disso, a fadiga do caminhante aumenta com a continuação do movimento corporal; enquanto que, no caminho do espírito, quanto mais andamos, mais força e vigor adquirimos.

Porque o exercício da virtude vai enfraquecendo os nossos instintos inferiores, que com sua resistência tornavam o caminhar árduo e cansativo, enquanto se fortalecem e se consolidam as faculdades superiores, onde reside a virtude. E assim, à medida que se progride no bem, a dificuldade que experimentamos diminui, enquanto vamos adquirindo uma alegria interior cada vez maior; e então, de virtude em virtude, chegamos ao cume do monte, onde a alma, já perfeita, não só trabalha sem desgostos, mas também com agrado e júbilo, já que não é mais prisioneira das paixões, mas sim livre e superior às criaturas e vitoriosa sobre si mesma, vivendo feliz e serenamente no coração de Deus.

CAPÍTULO XXXVII

Deve-se sempre exercitar a virtude e não fugir das ocasiões que se apresentam para conquistá-la

Vimos claramente que, na viagem rumo à perfeição, convém avançar sempre, sem se deter. Para fazer isso, devemos estar atentos e vigilantes para não deixar escapar nenhuma ocasião que se apresente para conquistar a virtude. Por isso, não agem corretamente aqueles que se afastam das contrariedades, que poderiam servir a essa finalidade.

Por exemplo, se desejas adquirir o hábito da paciência, convém que não fujas das situações, pessoas, ações e pensamentos que a movem para a impaciência. Não evites as conversas que te desagradam, mas conserva a vontade sempre disposta e pronta para tolerar qualquer dissabor que elas te possam causar. Se agires de forma diferente, jamais conseguirá a virtude da paciência.

Igualmente, se alguma ocupação te repugna, por si mesma ou pela pessoa que a impôs a ti, ou porque essa ocupação te impede de fazer outra coisa mais agradável, não hesites em empreendê-la e continuá-la, ainda que o pudesses evitar. Porque a paz obtida dessa forma não seria verdadeira, e não aprenderias a sofrer.

O mesmo acontece com os pensamentos ruins, que às vezes agitam a mente. Não deves afastá-los totalmente, pois, com o mal-estar que produzem, te ensinam a tolerar as contrariedades. E quem te disser o contrário estará ensinando-te mais a fugir da dor do que a adquirir a virtude que desejas.

É verdade que convém, especialmente ao soldado mais jovem, contemporizar com destreza nessas ocasiões, algumas vezes enfrentando-as, outras, rechaçando-as, na medida em que vá crescendo nas virtudes e fortalecendo o espírito. Mas, jamais se deve virar totalmente as costas e fugir do campo de batalha, afastando-se de todas as contrariedades, pois, ainda que de momento nos livremos do perigo

de pecar, mas adiante estaremos expostos aos golpes da impaciência, por não nos termos exercitado antes na virtude contrária.

Porém, estas advertências não servem para o apetite carnal, do qual já tratamos.

CAPÍTULO XXXVIII

Deve-se abraçar com gosto todas as ocasiões de combate para a conquista das virtudes, principalmente as que apresentam maior dificuldade

Filhinha, não me contento com que não fujas das ocasiões que se apresentam para adquirir as virtudes, mas quero, além disso, que as procures e as abraces imediatamente com grande alegria, como algo de grande valor e digno de apreço, e com maior vontade as que forem mais desagradáveis aos teus sentidos. Farás isso, com a ajuda divina, se gravares bem na mente as seguintes considerações.

A primeira é que as ocasiões são meios adequados e necessários para adquirir as virtudes. Por isso, quando pedimos ao Senhor as virtudes, pedimos consequentemente as ocasiões; pois, de outra forma, a oração seria vã e estaríamos nos contradizendo e tentando a Deus, já que Ele não costuma dar a paciência sem as tribulações, nem a humildade sem o desprezo.

O mesmo acontece com as demais virtudes, que se conseguem através das contrariedades. Essas contrariedades nos são mais úteis, e portanto mais preciosas e gratas, quanto mais difíceis são; pois, quanto mais generosos e árduos forem os nossos esforços, mais rápidos e fáceis serão os progressos na virtude. Mas nem por isso deves deixar de te exercitares nas pequenas ocasiões, como um olhar maldoso ou uma palavra que fere, já que, embora exijam menor esforço, essas ocasiões são mais frequentes que as de maior importância.

A segunda consideração, como já foi dito anteriormente, é que tudo o que nos acontece é enviado por Deus para o nosso proveito e benefício. Ainda que algumas coisas, como os nossos pecados e os alheios, não venham diretamente de Deus, pois Ele não quer o pecado, ainda assim podemos dizer que vêm dele, pois Ele as permite. Todas as aflições e penas que nos sucedem, por nossa culpa ou pela maldade alheia, vêm de Deus e são de Deus, porque Ele se serve delas. Então, Ele não quer que cometamos o mal, que é uma deformidade aos Seus olhos

puríssimos, mas quer que soframos suas consequências, para que cresçamos na virtude e por outros motivos que desconhecemos.

Portanto, se estamos persuadidos de que o Senhor quer que suportemos com alegria qualquer mal, seja ele devido às nossas más ações ou às alheias, o dizer (como muitos dizem para disfarçar a própria impaciência) que tais coisas não são vontade de Deus, não passa de um pretexto para encobrir a própria culpa e recusar a cruz que ele nos ordena carregar (Lc 9,23).

Ademais, creio que agrada mais ao Senhor que aceitemos as contrariedades que procedem da maldade dos homens – especialmente se estes foram antes beneficiados por nós – do que aquelas advindas de outras circunstâncias difíceis. Isso, porque as primeiras são mais eficazes para reprimir a soberba de nossa natureza, mas também porque, aceitando-as de bom grado, contentamos e glorificamos plenamente ao nosso Deus, cooperando com Ele em algo que reflete, em alto grau, a sua inefável bondade e onipotência, que consiste em tirar do veneno da maldade e do pecado o fruto precioso e saboroso da virtude e do bem.

Por isso, deves saber que, tão logo o Senhor nos vê desejosos e resolvidos a empenhar esforços para alcançar uma meta tão sublime, imediatamente nos prepara o cálice das mais fortes tentações, para que o tomemos. E nós, reconhecendo que nisso Ele mostra o Seu amor e visa ao nosso bem, devemos recebê-lo de boa vontade, com os olhos fechados, e bebê-lo totalmente, até a última gota, com firmeza e prontidão, já que se trata de remédio preparado por mão que não erra, com ingredientes tanto mais úteis para a alma quanto mais amargos em si mesmos.

CAPÍTULO XXXIX

Como utilizar diversas situações para o exercício de uma mesma virtude

Vimos acima como é mais proveitoso aplicarmo-nos por algum tempo a uma só virtude do que a muitas virtudes ao mesmo tempo; e que as ocasiões, por mais diversas que sejam, devem ser ordenadas e utilizadas para a prática dessa virtude escolhida. Considere agora como se pode fazer isso com grande facilidade.

Pode acontecer de num mesmo dia, e até numa mesma hora, sermos repreendidos por uma boa ação, ou que alguém murmure contra nós, que nos neguem com dureza algum favor, que pensem mal de nós sem razão, que nos provoquem alguma dor física, que nos imponham uma tarefa pesada, que nos sirvam um prato mal temperado, ou que nos aconteçam outras coisas piores e mais difíceis de aceitar, entre tantas que são comuns à miserável vida humana.

Em todas essas ocasiões, podes realizar diversos atos virtuosos, atendendo aos conselhos que te mostrei anteriormente, praticando atos adequados à virtude que estiver exercitando no momento.

Por exemplo, quando se apresentam essas situações e estás exercitando a paciência, procura realizar atos que ajudem a suportá-las de bom grado e com ânimo alegre. Se o exercício é voltado para a humildade, deves, em todas as contrariedades, reconhecer-te merecedora de todos os males. Se desejas a virtude da obediência, deves submeter-te com prontidão à vontade e ao agrado de Deus. Se desejas exercitar a pobreza, alegra-te de ver-te privada de todos os bens e consolos deste mundo. Se for a caridade que procuras, realiza atos de amor ao próximo, como um instrumento para adquirir a bondade, e de amor a Deus, sabendo que é por teu amor e para o teu proveito espiritual que Ele envia tais males.

Dentre as diversas ocasiões que mencionei, podem ocorrer algumas de natureza especial, como grandes doenças ou tribulações prolongadas, nas quais também podes exercitar, da mesma forma, a virtude que desejas adquirir.

CAPÍTULO XL

O tempo que devemos empregar para adquirir cada virtude e os sinais de aproveitamento

Não cabe a mim determinar o tempo de dedicação necessário ao exercício de cada virtude, já que isto depende das necessidades de cada um, do progresso que cada um vai realizando na vida espiritual e também do juízo de quem nos guia nesse caminho. Porém, se nos aplicarmos verdadeiramente e com grande solicitude, em poucas semanas teremos avançado muitíssimo na virtude escolhida.

Sabemos que progredimos na virtude quando, em meio à aridez, trevas, angústias e ausência de consolações espirituais, continuamos a exercitar-nos nela.

Outro indicador claro de progresso é a resistência que opõem os nossos sentidos à prática das virtudes: essa resistência vai perdendo a força na medida em que progredimos, e, por isso, a ausência de oposição dos sentidos, sobretudo nos ataques repentinos e imprevistos, é um sinal certo de que conseguimos alguma virtude. E quanto mais presteza e alegria acompanharem nossos atos virtuosos, mais podemos concluir que nos exercitamos com proveito.

Mas é necessário ter em mente que jamais poderemos ter certeza da posse de alguma virtude e nem de haver vencido totalmente alguma paixão, nem mesmo depois de muito tempo sem sentir seus estímulos, pois aqui também pode insinuar-se a astuta ação do demônio ou da nossa natureza suscetível ao erro. Assim, em nossa soberba, às vezes vemos como virtude o que na verdade é um vício. Além disso, se levamos em conta o grau de perfeição a que Deus nos chama, ainda que tenhamos avançado muito nas virtudes, teremos de reconhecer que foi muito pouco o que conseguimos.

Por isso, como guerreira iniciante que és, deves recomeçar sempre os teus exercícios como se fosse a primeira vez, e como se nada tivesses feito ainda.

E digo-te ainda que deves pensar mais em avançar no caminho da virtude do que em medir o progresso feito, já que o Senhor Deus, que é o único que conhece a

fundo os corações, revela isso a uns e não a outros, pois sabe que tal conhecimento pode despertar em alguns a humildade, e em outros a soberba; e assim, como Pai amoroso, afasta de alguns o perigo e oferece a outros a ocasião de crescer na virtude. Por isso, ainda que a alma não conheça os próprios progressos, deve continuar com seus exercícios, pois os conhecerá quando o Senhor julgar conveniente.

CAPÍTULO XLI

Não devemos fugir das dificuldades, que devem ser suportadas com paciência.O modo de governar nossos desejos para que sejam virtuosos

Quando estiveres passando por alguma dificuldade e te esforçares por suportá-la com paciência, não te deixes persuadir pelo demônio ou pelo amor-próprio no sentido de desejar livrar-te dela, pois isso te acarretaria dois danos principais.

Em primeiro lugar, ainda que esse desejo não te desvie de imediato da virtude da paciência, acabaria por conduzir-te, pouco a pouco, à impaciência.

Em segundo lugar, tua paciência seria menos meritória e Deus te recompensaria apenas pelo tempo que sofreste, enquanto que, se te entregas inteiramente à Sua divina vontade, ainda que pouco padeças, o Senhor te recompensará como se tivesses padecido muito mais por Ele.

Toma, pois, como regra geral, manter os teus desejos afastados de qualquer outro objeto que não seja aquele que constitui o seu único e verdadeiro fim, que é a vontade de Deus. Desse modo, eles serão justos e retos, e, ante qualquer contrariedade, não somente estarás tranquila, mas contente, pois, como nada acontece sem que seja a vontade de Deus, se a desejas terás sempre os teus desejos saciados em qualquer circunstância.

Embora isso não se aplique aos pecados próprios ou alheios, porque Deus não os quer, aplica-se às aflições que decorrem desses pecados ou de qualquer outro motivo, ainda que sejam tão violentas e penetrantes que, chegando ao fundo do coração, quase arranquem as raízes da vida natural, pois isto faz parte da cruz com que Deus se compraz em favorecer, às vezes, os seus amigos mais íntimos e queridos.

CAPÍTULO XLII

O modo de opor-se ao demônio, quando ele procura enganar com a desproporção e a indiscrição

Quando o malicioso demônio vê que avançamos no caminho da virtude, com desejos vivos e ordenados, e percebe que não nos pode arrastar para si por meio de enganos evidentes, transfigura-se então em anjo de luz e, com pensamentos amigáveis, com frases da escritura, com exemplos de santos, leva-nos a caminhar de modo exagerado para o cume da perfeição, para que logo depois caiamos no precipício.

Por exemplo, quando nos incita a castigar duramente o corpo com disciplinas, cilícios, abstinências e outras mortificações, para que nos tornemos soberbos, crendo (isso acontece principalmente às mulheres) que fazemos grandes coisas; ou para que, sobrevindo alguma doença, nos tornemos incapazes de praticar boas obras; ou ainda para que, pelo excessivo cansaço e sofrimento, nos aborreçamos e enfastiemos das práticas espirituais, e, desse modo, nos entreguemos, com mais avidez do que antes, aos prazeres terrenos. Isso aconteceu a muitos, que, com presunção de espírito e um ímpeto exagerado, ultrapassaram nos rigores exteriores a medida da própria virtude, e caíram assim nos próprios laços, tornando-se motivo de riso aos malignos demônios. Eles o teriam evitado se tivessem em conta que as mortificações, ainda que louváveis, devem ser proporcionais às forças e à natureza de cada um, além de praticadas com grande espírito de humildade.

Nem todos podem imitar as austeridades dos santos, mas não faltam ocasiões para imitá-los de outra forma, por exemplo, com ardentes e eficazes desejos e com orações fervorosas, aspirando às mais gloriosas coroas destinadas aos que combatem por Cristo desprezando o mundo e a si mesmos, entregando-se ao silêncio e à solidão, sendo humildes e delicados com todos, sofrendo o mal e fazendo o bem mesmo ao maior dos inimigos e evitando todo pecado, ainda que

venial. Tudo isso agrada mais a Deus do que as mortificações corporais, nas quais recomendo-te que sejas discreta e moderada, para poder aumentá-las quando for oportuno, e não ter de reduzi-las devido aos excessos.

Por outro lado, deves evitar cair no erro de alguns que, parecendo embora muito devotos, deixam-se enganar pela natureza e se preocupam excessivamente em manter a saúde corporal, mostrando-se tão zelosos por ela que, por qualquer coisinha, receiam perdê-la, e dela cuidam acima de tudo, preocupando-se mais, porém, em obter alimentos conformes ao seu gosto do que à sua saúde, que acaba por debilitar-se com esse excesso de delicadezas.

E assim, com o pretexto de servir melhor a Deus, na verdade o que fazem é tentar conciliar dois inimigos capitais que são o espírito e o corpo, sem obter, porém, senão desvantagem para ambos, já que este fica privado da saúde e aquele da devoção. Por isso é mais seguro e proveitoso, sob todos os aspectos, viver de forma livre, embora adaptada às condições de cada um, pois nem todos podem submeter-se à mesma regra.

Ademais, como já demonstrei a propósito da conquista gradual das virtudes, devemos proceder com moderação, tanto nas coisas exteriores, como nas interiores.

CAPÍTULO XLIII

O quanto é forte em nós a inclinação, instigada pelo demônio, para a maledicência e o juízo temerário do próximo. O modo de resistir a isso

Da estima demasiada de si próprio e da própria reputação nasce outro vício, mais grave, que é o juízo temerário, pelo qual depreciamos e rebaixamos nosso próximo. Esse defeito, que tem origem na soberba, também é por ela estimulado e alimentado, pois, quanto mais nos exaltamos, mais rebaixamos o próximo, julgando-nos imunes às imperfeições que vemos neles.

Quando o astuto inimigo descobre em nós essa péssima disposição de ânimo, fica atento para nos abrir os olhos e incitar-nos a descobrir, examinar e aumentar os defeitos alheios. As pessoas superficiais não conseguem imaginar o quanto se esforça o demônio para fixar em nossa mente os pequenos defeitos do nosso próximo, quando não há defeitos grandes.

Sendo ele, porém, tão astucioso para te prejudicar, tu deves ser ainda mais vigilante para não cair em suas armadilhas; ao perceberes qualquer defeito do teu próximo, afasta imediatamente o pensamento dele. E se, além disso, te sentes tentada a julgar, não cedas a essa tentação. Considera que não te cabe esse direito (Mt 7,1; Lc 6,37; 1Cor 4,5), e que, ainda que o tivesses, serias incapaz de julgar retamente, por estares contaminada por mil paixões e por demais inclinada a pensar mal sem motivo.

Para remediar tudo isso com eficácia, deves manter o pensamento ocupado com tuas próprias misérias, porque então te darás conta de que tens tanto a corrigir em ti mesma, que não te sobrará tempo nem forças para prestar atenção no que fazem os outros. Além disso, dedicando-te a esse exercício de modo conveniente, purificarás o teu olhar interior das más inclinações, que são as causas desse vício pestilento.

Considera também que, quando pensas mal do teu irmão, é porque tens em ti

alguma raiz desse mesmo mal, pois o coração mal disposto reconhece as disposições semelhantes às suas.

Por isso, quando te sentires movida a julgar nos outros algum defeito, indigna-te contra ti mesma, considerando-te culpada do mesmo defeito, e diz interiormente: "Quão grande é minha desdita! Estando afundada neste defeito e em outros mais graves, como tenho a coragem de levantar a cabeça para julgar o meu próximo?". E assim, as armas que, apontadas para os outros, iriam ferir a ti mesma, quando apontadas para ti, curam as tuas feridas.

Se o erro cometido por teu próximo é claro e patente, desculpa-o com compaixão e pensa que esse teu irmão deve ter muitas virtudes ocultas. Para preservá-las, o Senhor permite que ele caia durante algum tempo nesse defeito, a fim de crescer em humildade e tornar-se mais agradável a Deus.

Se o pecado não é somente manifesto, mas também grave, fruto de um coração obstinado, recorre mentalmente aos juízos de Deus. Com essa luz, verás que, antes dele, muitos homens totalmente perversos alcançaram depois um alto grau de santidade, enquanto outros, que pareciam haver chegado ao mais sublime estado de perfeição, caíram depois num miserável precipício. Por isso, vive com mais temor e tremor por ti mesma do que por qualquer outra pessoa.

Convence-te de que a capacidade de pensar bem do teu próximo e de alegrar-se com isso é fruto do Espírito Santo; enquanto que todo desprezo, má vontade e juízo temerário vêm da tua malícia e da sugestão diabólica. Por isso, quando alguma imperfeição alheia deixar em ti uma profunda impressão, não descanses enquanto não tiveres feito tudo para erradicá-la do teu coração.

CAPÍTULO XLIV

A oração

Se a desconfiança de nós mesmos, a confiança em Deus e os exercícios são necessários ao fim que almejamos, tanto mais necessária é a oração (a quarta arma indicada no início), com a qual podemos obter de Deus não somente os bens já citados, mas também qualquer outro bem. De fato, a oração é instrumento para obter todas as graças que jorram da fonte divina de bondade e amor.

Se a aproveitas bem, porás a espada nas mãos de Nosso Senhor, para que lute e vença por ti. Para aproveitá-la bem, é necessário que estejas habituada ou te esforces por habituar-te às seguintes coisas:

Primeiro: Que tenhas sempre um profundo desejo de servir a Deus em tudo e como mais Lhe agradar. Para avivar esse desejo, considera atentamente que Deus, pela excelência de Seus atributos – isto é, por Sua bondade, majestade, sabedoria, beleza e infinitas outras perfeições –, é sumamente digno de ser servido e honrado; e que, para servir a ti, Ele sofreu e fatigou-se por trinta e três anos, que curou tuas horríveis chagas, envenenadas pela malícia do pecado, não com azeite ou vinho, mas com o Seu preciosíssimo sangue e Sua puríssima carne, arrebentadas pelo açoite, espinhos e cravos; e pensa, além disso, na importância desse serviço divino, que nos leva a ser donos de nós mesmos, vencedores do demônio e filhos de Deus.

Segundo: Que tenhas uma fé viva e uma viva confiança em Deus que quer dar todo o necessário para o teu bem. Essa confiança é como um vaso que a misericórdia divina preenche com o ouro da Sua graça: quanto maior for o vaso, tanto maior a riqueza que fluirá em nosso coração pela oração. Pois, como poderia o imutável e todo-poderoso Senhor deixar de fazer-nos partícipes dos Seus dons, quando Ele mesmo nos mandou pedi-los (Mt 7,7-11), e nos prometeu o Espírito Santo se o pedíssemos com fé e perseverança? (Lc 11,9-13; Jo 14,16; 16,7-11 e 13; 2Cor 1,21).

Terceiro: Deves sempre buscar a oração com a intenção de realizar a vontade de Deus e não a tua, tanto ao pedir, quanto ao obter o que pedes. Quer dizer, deves rezar porque Deus o quer e na medida em que Ele o queira. Em resumo, a tua intenção deve se conformar-te à vontade de Deus, e não que Ele se conforme à tua. Porque, estando a tua vontade contaminada pelo amor-próprio, frequentemente se equivoca e não sabe o que pede, ao contrário da vontade divina, que está sempre unida à sua bondade inefável e que jamais pode equivocar-se. Portanto, essa vontade deve reinar sobre todas as outras e merece ser por todas seguida e obedecida. Só deves pedir alguma coisa, com a condição de que também o queira o Senhor. E, ao pedires algo que Ele certamente quer, como as virtudes e a capacidade para servi-lO acima de tudo, faze-o antes para servi-lO e agradá-lO do que por qualquer outra razão, por mais nobre que seja.

Quarto: Tua oração seja acompanhada das obras correspondentes aos teus pedidos, e, depois da oração, deves buscar tornar-te cada vez mais digna das graças e virtudes que pediste. Porque o exercício da oração deve ser acompanhado do exercício da superação de nós mesmos, de modo que um siga o outro naturalmente, pois seria tentar a Deus, pedir uma virtude e não trabalhar para consegui-la.

Quinto: Geralmente os pedidos devem ser precedidos de uma ação de graças pelos benefícios já concedidos. Pode-se rezar assim, ou de forma semelhante: "Meu Senhor, que por pura bondade me criaste e redimiste, e tantas vezes me livraste da mão de inimigos que nem sequer conheço, socorre-me agora apesar da minha rebeldia e ingratidão, não me negues o que Te peço". E, se pediste alguma virtude em particular, mas obtiveste em seu lugar alguma contrariedade, não deixes de dar graças ao Senhor por essa ocasião de exercitar a virtude, pois é também um grande benefício.

Sexto: Sabendo que a oração tem o poder de "obrigar" a divina majestade a atender nossos desejos, conhecendo a Sua natural bondade e misericórdia, os méritos da vida e da paixão do Seu Filho e a promessa que Ele mesmo fez de sempre nos escutar, deves encerrar teus pedidos com uma ou várias orações como esta: "Por tua imensa bondade, ó Senhor, concede-me esta graça. Que os méritos

do Teu Filho alcancem o que Te peço. Recorda-te, meu Deus, das Tuas promessas e escuta os meus pedidos!".

Também podes pedir graças pelos méritos da Virgem Maria e de outros santos que têm grande força perante Deus e são muito honrados por Ele, porque nesta vida O honraram.

Sétimo: É necessário que te mantenhas perseverante na oração, pois a humilde perseverança vence o invencível. Se a constância e importunação da viúva do evangelho dobraram a dureza do juiz iníquo (Lc 18,1-8), como não terão as nossas orações a força de atrair a plenitude de todos os bens?

Por isso, ainda que o Senhor tarde em atender tua oração ou mesmo dê sinais de que não o pretende fazer, continua rezando e mantendo firme e viva a confiança em Sua ajuda, pois nEle nada falta, mas transborda em medida infinita tudo que é necessário para nos enriquecer com sua graça. Assim, se não houver falha de tua parte, podes ter certeza de que receberás o que pedes, ou outra coisa que te seja mais útil, ou mesmo ambas.

E quanto mais forte for a tua impressão de não ser ouvida, mais deve humilhar-te aos próprios olhos e, considerando as tuas faltas, mantém o pensamento firme na bondade divina e alimenta continuamente a tua confiança nEla.

Além disso, reconhecendo a Sua bondade, sabedoria e amor, dá-Lhe sempre muitas graças, igualmente quando te nega e quando te concede algum favor, permanecendo sempre alegre e firme em qualquer situação, com humilde submissão à Sua divina providência.

CAPÍTULO XLV

O que é a oração mental

A oração mental é uma elevação da mente a Deus com um pedido atual ou virtual do que desejamos.

O pedido atual se faz quando, com palavras mentais, se pede alguma graça desta forma ou de outra parecida: "Meu Deus, concede-me esta graça para tua honra e glória". Ou: "Meu Senhor, creio que será do teu agrado e servirá para a tua glória que eu peça e obtenha esta graça; que se cumpra, pois, em mim a tua vontade". E quando sofreres o ataque dos teus inimigos, reza desse modo: "Meu Deus, socorre-me depressa, para que eu não sucumba nas mãos dos meus inimigos". Ou: "Meu Deus, meu refúgio, fortaleza da minha alma, vem depressa socorrer-me para que eu não caia". E se a luta continuar, continua também orando da mesma forma, e resiste sempre com valentia ao teu oponente.

Terminada a dura batalha, dirige-te ao Senhor, mostrando-lhe o inimigo que combateste e a tua negligência em fazer resistência a ele, dizendo: "Aqui estou Senhor, uma criatura que é obra das Tuas mãos, redimida pelo Teu sangue e pela Tua bondade infinita. E aqui está o inimigo que procura apartar-me de Ti e devorar-me. Meu Senhor, só a Ti recorro, só em Ti confio, pois és todo-poderoso e bom e vês minha incapacidade e fraqueza perante o inimigo, se não conto com a Tua ajuda. Socorre-me pois, esperança e fortaleza da minha alma!".

O pedido virtual é o que fazemos quando elevamos a mente a Deus para obter alguma graça, apresentando nossas necessidades sem palavras ou discurso algum. Por exemplo, quando, em sua presença, nos reconhecemos incapazes de nos defendermos do mal e de fazer o bem, desejando e esperando então, com humildade e fé, a Sua ajuda para poder servi-Lo com amor. Esse conhecimento, esse ardente desejo, essa fé em Deus é uma oração que virtualmente pede tudo de que necessita. Quanto mais puro e sincero for esse conhecimento, mais ardente o desejo e mais viva a fé, mais eficaz será o pedido.

Há também outro tipo mais sucinto de oração virtual, que se faz dirigindo a Deus

um pensamento rápido, como uma piscadela, que é na verdade a recordação de um pedido anterior de ajuda que lhe havíamos dirigido.

Trata de aprender bem este tipo de oração e torná-la familiar, porque, como a experiência te mostrará, é uma arma que poderás utilizar facilmente em qualquer ocasião ou lugar, e cujo valor e proveito é impossível descrever.

CAPÍTULO XLVI

A oração sob a forma de meditação

Se queres orar durante certo tempo – por exemplo, meia hora, uma hora inteira ou mais – convém que à oração acrescentes uma meditação sobre a vida e a paixão de Jesus Cristo, aplicando Suas atitudes à virtude que pretendes adquirir. Por exemplo, se desejas obter a virtude da paciência, convém que medites o mistério da flagelação de Nosso Senhor.

Em primeiro lugar, considera como, depois da sentença dada por Pilatos, entre gritos e injúrias, o Senhor foi arrastado por aqueles ministros da maldade ao local da flagelação.

Em segundo, como, com diligente malícia o despojaram de suas vestes, deixando totalmente descoberta sua carne puríssima.

Terceiro, como suas mãos inocentes foram amarradas à coluna com ásperas cordas.

Quarto, como seu corpo foi lacerado e rasgado pelos açoites, fazendo correr em abundância seu precioso sangue.

Quinto, como os golpes sucessivos no mesmo lugar agravavam cada vez mais as feridas já abertas em Seu corpo.

Para adquirires a virtude da paciência pela meditação desses ou de outros pontos semelhantes, deves fazer com que os teus sentidos participem e experimentem, com a maior vivacidade possível, as amarguras e angústias e os duríssimos sofrimentos que Nosso Senhor suportou em todo o Seu corpo.

Depois, deves considerar a Sua alma santíssima, que com toda a mansidão e paciência resistiu a tantas aflições, sem esgotar a sua sede de padecer por honra ao Pai e por nosso bem.

Contempla-o, depois, cheio de um vivo desejo de que tu também queiras participar dos Seus sofrimentos, e vê que roga por ti ao Pai eterno, para que te

conceda a graça de carregar com paciência a cruz que agora te atormenta, ou qualquer outra.

E então, com redobrada e fervorosa disposição para sofrer com paciência, dirige teus pensamentos ao Pai, e, depois de Lhe dar graças por ter, por puro amor, enviado ao mundo Seu Filho para suportar tantos e tão duros tormentos por tua causa, pede-lhe a virtude da paciência pelo mérito das obras e orações do Seu Filho.

CAPÍTULO XLVII

Outro modo de rezar meditando

Poderás rezar e meditar também de outro modo.

Depois de teres considerado atentamente as aflições do Senhor e meditado na presteza de ânimo com que as suportava, a enormidade dos Seus sofrimentos e a Sua paciência, podes passar para duas outras considerações.

Uma é a consideração dos seus merecimentos.

Outra é a consideração da complacência e glória que o Pai Eterno recebia pela perfeita paciência do seu Filho crucificado (Fl 2,8; Hb 5,8).

Apresentando a Deus estas duas considerações, pedirás, em virtude delas, a graça que desejas; e poderás fazer isso não somente com cada mistério da Paixão de Nosso Senhor, mas com cada ato particular, interior ou exterior, que ele realizava em cada um desses mistérios.

CAPÍTULO XLVIII

Um modo de rezar por intercessão da Santíssima Virgem Maria

Além dos modos anteriores, pode-se também rezar e meditar pedindo a intercessão da Santíssima Virgem Maria, dirigindo primeiro o pensamento ao Deus eterno, depois ao seu doce Filho Jesus, e por fim à sua gloriosíssima Mãe.

Ao te dirigires a Deus, deves considerar duas coisas.

A primeira é a complacência que ele, desde toda a eternidade, experimentava ao pensar em Si mesmo como filho de Maria, antes que ela fosse criada do Nada.

A segunda são as virtudes e ações da Virgem, depois de vir ao mundo.

Ao meditar sobre o primeiro ponto, dirige o pensamento através dos tempos e acima das criaturas, penetrando na eternidade mesma e na mente de Deus, considerando a felicidade que experimentava pela Virgem Maria. Em virtude desses méritos dela, pede então a Deus, confiantemente, graça e força para vencer os teus inimigos, especialmente os que te fazem guerra no momento.

Passando depois à consideração das tantas e tão singulares virtudes e ações da Mãe santíssima, e apresentando-as a Deus todas juntas, ou algumas em particular, pede à bondade infinita, em virtude delas, ajuda nas tuas necessidades.

Depois, dirige tua mente ao Filho e recorda o seio virginal que O levou por nove meses; a reverência com que, depois de nascer, a virgem O adorou, reconhecendo-O como verdadeiro homem e verdadeiro Deus, Filho e Criador seu; os olhos misericordiosos que O viram em tanta pobreza e os braços que O estreitaram; os beijos amorosos com que ela O beijou; o leite que O alimentou; as fadigas e angústias que ela padeceu por Ele durante Sua vida e paixão. Em virtude de todas essas maravilhas pede insistentemente ao Filho que ouça as tuas súplicas.

Dirige-te finalmente à Virgem santíssima, recordando-lhe que foi eleita pela eterna providência para ser Mãe da graça e misericórdia, e advogada nossa. Por

isso, depois do seu bendito Filho, não temos refúgio mais seguro e poderoso que ela. Lembra-lhe suas inúmeras intervenções milagrosas, e que jamais alguém a invocou sem que ela tenha respondido misericordiosamente.

Por fim, apresenta-lhe os sofrimentos que seu único Filho padeceu por nossa salvação, rogando-lhe que obtenha dele a graça, e que esta frutifique em ti para sua honra e glória.

CAPÍTULO XLIX

Alguns conselhos para recorrer com fé e confiança à Virgem Maria

Se queres recorrer à Virgem Maria com fé e confiança em qualquer necessidade, poderás consegui-lo levando em conta as seguintes considerações.

Sabe-se por experiência que qualquer vaso que já tenha contido um vinho precioso, mesmo depois de vazio, conserva algo do seu olor, sobretudo se esse líquido esteve dentro do vaso por muito tempo e, mais ainda, se algo desse líquido permaneceu; e, pela mesma razão, quem fica perto de uma grande fogueira conserva por muito tempo o seu calor, ainda que se afaste dela.

Se as coisas são assim, que poderemos dizer do fogo de amor, misericórdia e piedade que abrasa e alenta o coração da Virgem Maria? Ela, com efeito, levou durante nove meses em seu seio virginal e leva sempre em seu coração o Filho de Deus, que é o amor, a misericórdia e a piedade mesma; e que possui todas as virtudes sem nenhum limite ou fim.

Portanto, assim como quem se aproxima de uma grande fogueira não pode deixar de receber o seu calor, assim também nenhum necessitado de auxílio ou graças deixa de receber misericórdia e piedade ao aproximar-se, com humildade e fé, da fogueira de amor que arde no coração da Virgem.

A segunda consideração é que nenhuma criatura amou mais a Jesus Cristo e nem se conformou tanto à Sua vontade quanto a Sua mãe santíssima. Então, se o próprio Filho de Deus, que deu a sua vida por nós, deu-nos também a Sua mãe como mãe e advogada nossa, para que nos ajude e seja, depois dele, instrumento de salvação para nós, como poderia Ela faltar-nos, desobedecendo à ordem do seu Filho?

Assim, filhinha, recorre com confiança, em todas as necessidades, à santíssima Mãe de Deus, porque rica e bendita é essa confiança e seguro o refúgio que ela nos concede, pleno de graças e misericórdia.

CAPÍTULO L

O modo de meditar e de rezar pela intercessão dos anjos e de todos os santos

Para servir-te da ajuda e favor dos anjos e santos do céu, podes usar dois métodos.

Em primeiro lugar, dirige-te ao Pai eterno e apresenta a Ele o grande amor e louvor com o qual é exaltado por toda a corte celeste, e as fadigas e penas, que por Seu amor sofreram os santos da terra; em virtude desses méritos, pede então as coisas de que necessitas.

O segundo é recorrer aos espíritos gloriosos, que não só anseiam por nossa perfeição, mas também querem ver-nos num trono mais alto que o seu próprio, pedindo que te ajudem a lutar contra as paixões e inimigos e que te protejam na hora da morte.

Deves também considerar as muitas graças que eles receberam do sumo Criador, excitando em ti mesma um vivo sentimento de amor e alegria por terem eles sido tão favorecidos, como se tais graças fossem tuas. Mais ainda, deves alegrar-te, se possível, por esses dons não serem teus e sim deles, porque essa foi a vontade de Deus. Que Ele seja louvado e glorificado.

Para fazer esse exercício com ordem e facilidade, podes dividir os bem-aventurados segundo os dias da semana, desta maneira:

No domingo: os nove coros angélicos;

Na segunda-feira: São João Batista;

Na terça-feira: os patriarcas e profetas;

Na quarta-feira: os apóstolos;

Na quinta-feira: os mártires;

Na sexta-feira: os pontífices e demais santos;

No sábado: as virgens e demais santas.

Mas não deixes de recorrer, por um dia que seja, à Virgem Maria, rainha de todos os santos, ao teu anjo da guarda, a são Miguel arcanjo e a todos os teus santos protetores.

E reza todo dia à Virgem Maria, ao seu Filho e ao Pai do céu para que te concedam o favor de dar-te como principal advogado são José, esposo da Virgem; e dirige-te depois a ele, pedindo que te tome sob sua proteção.

São muitas as maravilhas que se contam desse glorioso santo e muitos os favores recebidos pelos que a ele recorreram nas necessidades temporais e espirituais. Se Deus escuta os outros santos por O terem honrado e obedecido, quanto mais escutará e atenderá os pedidos deste a quem Ele próprio honrou quando estava na terra, obedecendo-o e servindo-o como a um pai!

CAPÍTULO LI

A meditação da Paixão de Cristo e os sentimentos que dela se podem tirar

O que já foi dito sobre a Paixão do Senhor serve para rezar e meditar por meio de pedidos. Agora, aludo ao modo de obter, dessa mesma meditação, diversos sentimentos. Se, por exemplo, te propões meditar o mistério da crucificação, poderás considerar os seguintes pontos:

Primeiro: Como o Senhor foi violentamente despojado de suas vestes no monte Calvário por aqueles soldados enfurecidos, que Lhe rasgaram as carnes, que estavam aderidas às vestes, por meio de golpes terríveis.

Segundo: Como Lhe arrancaram a coroa de espinhos da cabeça e como, ao recolocá-la, causaram novas feridas.

Terceiro: Como, a golpes de martelo, foi brutalmente cravado na Cruz.

Quarto: Como, para chegar aos orifícios feitos para encaixar os cravos, aqueles desalmados estiraram os Seus membros sagrados com tanta violência que os ossos, totalmente deslocados, se podiam contar um a um.

Quinto: Como, pendendo no duro madeiro, sem outro apoio que os cravos, Suas chagas se dilataram e se agravaram, em meio a uma dor inexprimível, por causa do peso do Seu corpo.

Se queres suscitar em si maiores sentimentos de amor, esforça-te para adquirir, com estas e outras considerações, uma maior consciência da infinita bondade e amor do Senhor, que tanto quis padecer por ti, pois, quanto maior for essa consciência, maior será também o teu amor.

A partir dessa consciência da bondade e amor infinitos que o Senhor te mostrou, será mais fácil experimentar sentimentos de contrição e dor por haveres ofendido tantas vezes e com tanta ingratidão a Deus, que de tantas maneiras foi maltratado por tuas maldades.

Para estimular em ti a esperança, considera que o Senhor deixou-se reduzir a um estado tão calamitoso apenas para destruir o pecado e liberar-te, tanto dos laços do demônio como de tuas culpas pessoais; para reconciliar-te com o Pai Eterno e para que recorras a Ele em tuas necessidades.

Poderás experimentar alegria, se, das considerações dos Seus sofrimentos, passares aos seus efeitos, isto é, como, por meio desses sofrimentos, Jesus paga os pecados do mundo inteiro, aplaca a ira do Pai, confunde o príncipe das trevas, destrói a morte e enche os tronos dos anjos. Alegra-te, além disso, pela alegria que esses efeitos proporcionam à Santíssima Trindade, à Virgem Maria e a toda a Igreja militante e triunfante.

Para incitar o ódio aos próprios pecados, aplica especificamente a esse fim todos os pontos que meditares, como se o Senhor tivesse padecido apenas para livrar-te das paixões desordenadas, em especial essa que mais te domina e desagrada a Ele.

Experimentarás grande admiração e espanto, se considerares como é possível ver o Criador do universo e da vida perseguido por Suas criaturas, ver humilhada a Sua suprema majestade, ver perseguida a Sua justiça, ver depreciada a Sua beleza, ver odiado o Seu amor, ver abandonada ao poder das trevas a Luz eterna e inacessível, ver convertida em desonra e vergonha da humanidade e reduzida à miséria extrema a Sua glória e felicidade.

Para despertar a compaixão por teu Senhor, além de meditar em Seus sofrimentos exteriores, penetra mentalmente naqueles outros, maiores e sem comparação, que O atormentavam interiormente. Se aqueles te comovem, será difícil que, perante estes, o teu coração não seja destroçado pela dor.

A alma de Cristo contemplava a essência divina como a contempla agora no Céu; o Ser infinitamente digno de honra, por Seu inefável amor ao Pai, desejava que todas as criaturas O glorificassem com todas as forças.

Por isso, ao vê-lO, ao contrário, ofendido e depreciado de maneira tão absurda pelas infinitas culpas e abomináveis maldades do mundo, a alma de Cristo se sentia atravessada ao mesmo tempo por muitas punções de dor. O Seu tormento era maior na medida em que era maior o Seu amor e o desejo de que o Pai fosse

honrado e servido por todos.

E, como não é possível conhecer a grandeza desse amor e desse desejo, tampouco é possível que cheguemos a conhecer quão terríveis e pungentes eram as aflições interiores do Senhor crucificado. Além disso, amando Ele de maneira infinita todas as criaturas, também foram proporcionais a esse amor as suas aflições por todos os pecados cometidos e por cometer, que tanto nos afastam dEle. E cada pecado separava um pouco o Cristo do Pai, ao qual estava unido por amor. Essa separação é muito mais dolorosa que a dos membros do corpo, já que a alma tem maior capacidade de sofrimento, por ser puro espírito, mais nobre e mais perfeita que o corpo.

Dentre todos os sofrimentos causados pelas criaturas, o mais duro foi o que experimentou o Senhor por todos os pecados dos condenados que, não podendo mais reunir-se a Ele, sofrem incomparáveis tormentos eternos.

Mas, se a alma comovida pelo amável Jesus segue avançando com o pensamento, verá que pode compadecer-se dEle também por outras dores gravíssimas, não só em consequência dos pecados cometidos, mas também de outros que nunca o chegaram a ser, já que o Senhor, ao preço dos Seus infinitos sofrimentos, conseguiu o perdão de alguns pecados e a preservação de muitos outros.

E não te faltarão outras considerações ainda para condoer-se das torturas do Crucificado: porque não há nenhuma dor jamais experimentada por qualquer criatura, que Ele também não tenha assumido sobre Si. As injúrias e as tentações, as infâmias, as penitências, as angústias e tribulações de todos os homens do mundo atormentaram a alma de Cristo com mais força que os que as padeceram. Pois o nosso piíssimo Senhor quis, por Seu imenso amor, imprimir em Seu coração todos os sofrimentos, pequenos ou grandes, da alma ou do corpo, até a menor das dores de cabeça.

Mas não há nada capaz de expressar em que medida O afetaram as dores da Sua santíssima Mãe. De todas as formas e por todos os motivos pelos quais o Senhor sofreu e padeceu, sofreu e padeceu igualmente a Virgem Maria, ainda que com menor intensidade. Essas mesmas dores renovaram as feridas interiores do Seu bendito Filho até o ponto em que o Seu doce coração foi como que ferido por

inumeráveis flechas de amor.

Por todos esses tormentos e por outros infinitos, que nós desconhecemos, bem se pode dizer que esse coração era um amoroso inferno de sofrimentos voluntários, como escreve uma alma devota, de santa sensibilidade[1].

Se considerares atentamente a causa de todas essas dores de nosso Senhor e Redentor crucificado, não encontrarás nenhuma outra além do pecado.

A consequência evidente é que a verdadeira e principal compaixão e reconhecimento que Ele espera de nós é o nosso arrependimento, por amor a Ele, da ofensa que Lhe fizemos; o nosso ódio ao pecado e a nossa vontade de combatê-lo generosamente; e, que, despojando-nos do homem velho e das suas obras, nos vistamos do homem novo (Ef 4, 20-24), adornando o nosso ânimo de virtude evangélica.

1 - Beata Camila Bautista de Varano, Dores mentais do Cristo, a segunda dor, Paris 1660, 282.

CAPÍTULO LII

Os frutos que se pode obter na meditação do Crucificado. A imitação da sua Virtude

São muitos os frutos que se pode retirar dessa santa meditação.

Um deles é que não só te arrependas dos teus pecados passados, mas te aflijas por ainda teres paixões que contribuem para crucificar o Senhor.

Outro fruto é que Lhe peças o perdão das tuas culpas e a graça do ódio saudável de ti mesma para não ofendê-lO mais, mas servi-lO e amá-lO mais, coisa que não é possível sem esse ódio santo.

O terceiro é que, com eficácia, persigas até a morte todas as tuas más inclinações, mesmo as menores.

O quarto é que, com todo o teu esforço, procures imitar as virtudes do Salvador, que padeceu não só para redimir-nos, mas também para nos dar o exemplo (1Pd 2,21).

Com esse fim, proponho-te um modo de meditar. Por exemplo, se, para imitar Cristo, desejas alcançar a paciência, considera os seguintes pontos:

Primeiro: O que, durante a Paixão, a alma de Cristo fez para com Deus.

Segundo: O que Deus fez para com a alma de Cristo.

Terceiro: O que a alma de Cristo fez para si mesma e para o seu santíssimo corpo.

Quarto: O que Cristo faz conosco.

Quinto: O que nós devemos fazer com Cristo.

Considera, então, em primeiro lugar, como a alma de Cristo, totalmente absorta em Deus e maravilhada em Sua infinita grandeza, diante da qual todas as coisas criadas são nada, submete-se (sem perder a Sua glória) a sofrer na terra os mais rudes tratos que o homem pode suportar, somados a infidelidades e menosprezos, e como Ele se entrega a isso por inteiro e sem reservas.

Segundo. Vê o que Deus faz na alma de Cristo, como O impulsiona a suportar as bofetadas, os desprezos, as blasfêmias, os açoites, os espinhos e a cruz, manifestando-Lhe a Sua complacência.

Terceiro. Passa a considerar como a alma de Cristo, sendo convidada por Deus Pai a padecer por nosso amor e para nosso exemplo, conhecendo, com a Sua inteligência luminosa, o quanto o Seu sacrifício agradaria ao Pai e amando-O de modo infinito por suas grandezas infinitas, Ele obedeceu resolutamente à vontade santíssima do Pai. Quem poderia penetrar os profundos desejos que animaram essa alma puríssima e amorosíssima, que buscava ardentemente novos modos de sofrimento, entregando-se livre e totalmente ao capricho e ferocidade de homens malvados e dos demônios do inferno?

Quarto. Depois disso, concentra-te no amoroso Jesus que, com olhos misericordiosos, te diz: "Olha onde me levaram os teus desejos desenfreados, por não haveres querido esforçar-te um pouco. Vê quão grande é o meu sofrimento e com quanta alegria eu o padeço, por amor a ti e para dar um verdadeiro exemplo de paciência. Por todas as minhas dores, peço que abraces de boa vontade essa cruz e qualquer outra que eu te mandar, abandonando-te nas mãos dos perseguidores, por muito que façam, com vileza e maldade, contra a tua honra e o teu corpo. Se soubesses o quanto isso me consola! Mas bem podes julgá-lo pelas feridas que eu quis receber, como joias preciosas, para adornar de preciosas virtudes a tua alma que tanto prezo! E, se eu estou reduzido a este estado por teu amor, como, pois, não irás querer padecer um pouco para mitigar as minhas feridas, que são também frutos da tua impaciência?".

Quinto. Considera atentamente quem é que assim te fala e verás que é o próprio Rei da Glória, Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Considera a grandeza dos Seus tormentos, que nem o pior dos ladrões do mundo merece. Observa o teu Senhor, que não só permanece imóvel e paciente perante todos os tormentos, mas também se alegra com eles e deseja intensificá-los.

Considera que o Senhor padeceu e realizou tudo isso, não por interesse próprio, mas por amor a ti, e para que tu, imitando-O, te exercites na virtude, não só sofrendo com paciência, mas com alegria.

Este Senhor crucificado é o livro que deves ler e no qual poderás descobrir o verdadeiro retrato de toda virtude, pois é o Livro da vida, e não só nos dá o entendimento com Suas palavras, mas também, pelo vivo exemplo, nos inflama a vontade de segui-lo. O mundo está cheio de livros, mas nenhum deles pode ensinar a perfeição como o pode um olhar ao Deus crucificado.

Deves saber que aqueles que empregam muitas horas a chorar a Paixão do Senhor e em admirar a Sua paciência, mas depois, na adversidade, mostram-se tão impacientes como se, na oração, não tivessem aprendido a paciência, mas o seu contrário, são como muitos soldados deste mundo: estes, quando estão sob as tendas, antes da batalha, comprometem-se a grandes façanhas, mas, tão logo apareça o inimigo, largam as armas e fogem. O que pode haver de mais torpe e miserável que ver, como num espelho, as virtudes do Senhor, mas esquecer-se delas tão logo se apresente uma dificuldade?

CAPÍTULO LIII

O Santíssimo Sacramento da Eucaristia

Como vês, filhinha, até aqui recomendei-te as quatro armas necessárias para vencer os teus inimigos, e dei-te muitas advertências para que sejas capaz de manejá-las bem. Mas agora quero propor-te outra arma, que é o sacramento da Eucaristia. E esta quinta arma supera todas as outras.

As outras quatro retiram seu valor dos méritos e da graça obtida pelo sangue de Cristo, mas esta arma é o próprio corpo, sangue, alma e divindade de Cristo. Com aquelas se combate os inimigos com a força de Cristo; já com esta nós combatemos junto com Cristo e Cristo combate conosco, porque aquele que come a Sua carne e bebe o Seu sangue permanece em Cristo e Cristo permanece nEle (Jo 6,56-57).

E esta arma pode ser utilizada de duas maneiras: sacramentalmente, uma vez ao dia, e espiritualmente em todos os momentos, deves usar a segunda maneira com grande frequência, e a primeira, sempre que te for permitido.

CAPÍTULO LIV

O modo de receber o Santíssimo Sacramento da Eucaristia

Com diferentes finalidades podemos aproximar-nos desse sacramento. Para obtê-las, devemos dar certos passos em três momentos: antes, durante e depois da comunhão.

Antes da comunhão, seja qual for a finalidade com que a recebes, deves purificar-te e lavar-te com o sacramento da penitência, caso tenhas cometido pecado mortal. Depois, é necessário que te entregues de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças a Jesus Cristo, já que Ele, no sacramento, nos dá Seu corpo e sangue, junto com a Sua alma, divindade e méritos. Então, tendo em conta que o que oferecemos é bem pouco, devemos desejar possuir tudo o que Lhe ofereceram todas as criaturas do céu e da terra, para podermos oferecer-Lhe.

O desejo do Senhor, de que Lhe reservemos um espaço em nosso coração, para que Ele possa unir-se a nós e ajudar-nos a vencer nossos inimigos, é tão grande que não há entendimento humano capaz de compreendê-lo. Desde a véspera, ao menos, deves começar a preparar o coração, meditando nesse desejo.

Para poder começar a compreendê-lo, deves gravar na mente duas coisas:

A primeira é a inefável alegria que Deus, infinitamente bom, encontra em unir-se conosco, a ponto de dizer que a nossa companhia são as suas delícias (Prov 8,31).

A segunda é o ódio infinito que Ele tem ao pecado, por ser impedimento e obstáculo para a união que tanto deseja ter conosco, e também porque, sendo Ele pura luz e beleza infinita, não pode deixar de odiar o pecado, que não é mais que treva e mancha intolerável nas nossas almas.

Dessa forma, conhecendo ao menos em parte o desejo que Deus tem de se apossar do teu coração, para lançar fora os teus e Seus inimigos, anima-te também do desejo de O receber com essa mesma finalidade. E, para melhor te preparares,

redobra os atos de virtude com os quais buscas vencer tuas paixões, nas horas que antecedem a Sagrada Comunhão.

Um pouco antes de receber a comunhão, deves relembrar brevemente as tuas faltas desde a comunhão anterior, e então, aproximando o teu abismo de ingratidão do abismo de bondade do Senhor, chega-te a Ele com confiança e abre-lhe a porta do teu coração, para que Ele tome posse de ti. Ao mesmo tempo, fecha resolutamente a porta a todas as coisas do mundo, a tudo o que não seja Deus.

Depois de receberes a comunhão, encerra-te no íntimo do teu coração, adora o teu Senhor com profunda e humilde reverência, e então dialoga mentalmente com Ele da seguinte forma: "Vês, meu único Bem, com quanta facilidade Te ofendo e como essa paixão é maior do que eu, e que sozinha não consigo vencê-la. Mas esse combate é sobretudo Teu, e, embora eu tenha de lutar, só de Ti espero a vitória".

Oferece ao Pai eterno, em ação de graças pela vitória que esperas alcançar sobre ti mesma, o Seu próprio Filho, que Ele já te deu, e tens dentro de ti. E, enquanto lutas generosamente contra as tuas paixões, espera com fé a vitória de Deus, pois, ainda que tarde, ela não falhará, se fizeres tudo o que estiver ao teu alcance.

CAPÍTULO LV

Como devemos nos preparar para a comunhão, aumentando o nosso amor por Deus

Para crescer no amor a Deus por esse sobrenatural sacramento, pensa no amor que Ele tem por ti, meditando desde o dia anterior esse ponto: Não contente com ter-te criado à Sua imagem e semelhança (Gn1,26), não contente com haver enviado à terra o Seu Filho unigênito para padecer por trinta e três anos pelas tuas maldades e suportar ásperas penas e a duríssima morte na Cruz para redimir-te, o imenso e todo-poderoso Senhor quis ainda deixar-te, como alimento, a Eucaristia.

Considera bem os incompreensíveis excessos desse amor, que o fazem perfeitíssimo e singular em todos os aspectos.

Primeiro: Se nos fixamos em sua duração, veremos que o nosso Deus nos amou desde a eternidade, pois, assim como é eterno em Sua divindade, também é eterno em Seu amor, com o qual, antes de todos os séculos, decidiu dar-nos o Seu Filho de forma tão admirável.

Alegrando-te nEle, podes dizer: "Como é possível que, desse abismo de eternidade, Ele me aprecie e ame tanto a minha pequenez a ponto de pensar em mim e, com amor inefável, desejar dar-me como alimento o Seu Filho?".

Segundo: Além disso, todos os outros amores, por maiores que sejam, têm um término e não podem estender-se além dele; só o amor do nosso Senhor é um amor sem medida.

E, por isso, o amor é como um dom e o dom como um amor; um e outro são tão grandes que nenhuma inteligência é capaz de conceber algo maior.

Terceiro: Deus não nos ama movido por alguma necessidade ou força, mas tão somente a sua intrínseca bondade o move a esse tão grande e incompreensível amor.

Quarto: Nenhuma obra ou mérito nosso pode preceder tão grande amor como o é o do Senhor. Ele se entregou totalmente a nós por absoluta liberalidade, apesar da nossa pequenez e indignidade.

Quinto: Se pensares na pureza desse amor, poderás ver que nele não se mistura nenhum tipo de interesse pessoal, ao contrário dos amores terrenos, pois o nosso Senhor não necessita de bens, sendo Ele mesmo o supremo Bem. Por isso Ele nos concede o Seu amor exclusivamente para o nosso proveito.

Pensando nessas coisas, deves dizer interiormente: "Como é possível, a tão sublime Senhor, preocupar-se com uma criatura tão mesquinha? Que procuras, Rei da Glória, que esperas de mim que não sou mais do que pó? Meu Deus, à luz do Teu ardente amor, descubro que tens um único desígnio para mim, que é alcançar a perfeição em Ti. Não porque precises de mim, mas para que, vivendo Tu em mim e eu em Ti, eu me transforme em Ti mesmo por uma união amorosa, e a pequenez do meu coração terreno chegue a ser contigo um só coração divino".

Depois, considerando que não há nada capaz de produzir em ti efeitos tão sublimes quanto receber a Eucaristia, abre o teu coração ao Senhor com as seguintes jaculatórias: "Ó, alimento sagrado, quando chegará a hora de me oferecer totalmente a Ti, em holocausto no fogo do Teu amor? Quando, quando, Amor Eterno? Pão vivo, quando viverei em, por e para Ti? Quando, Maná celestial, quando, farta de qualquer outro alimento terrestre, desejarei somente a Ti e só de Ti me alimentarei? Meu Senhor, livra-me de todo apego e de toda paixão desordenada, enche meu coração com Tuas santas virtudes e com o desejo de fazer tudo unicamente para Te agradar; desse modo abrirei com doce violência o meu coração e convidarei o Senhor, para que entre nele e realize em mim, sem nenhuma resistência, os santos frutos do Seu amor."

Podes, minha filha, dedicar-te a esses santos exercícios desde a véspera à noite e pela manhã, para te preparares para a comunhão.

Quando chegar o momento da comunhão, pensa no que vais receber: o Filho de Deus, ante cuja imensurável majestade treme todo o Céu e as potências da terra, o Santo dos santos, o espelho sem mancha e a pureza inacessível, que foi escárnio

da plebe (Sl 22,7), que foi, por amor, pisado, preso, machucado e crucificado pela maldade e iniquidade do mundo.

Estás para receber o próprio Deus, que tem em Suas mãos a vida e a morte de todo o universo. Este Senhor te chama à Sua mesa divina e não te cerra as portas da Sua compaixão, nem tampouco te vira as costas, ainda que sejas leprosa, cega, endemoninhada e te tenhas prostituído. Ainda que não sejas mais que um nada, e que por teus pecados desças ainda mais baixo, merecendo as penas do inferno. Ainda que, em lugar de corresponder com gratidão às imensas graças recebidas, tantas vezes as desprezes, entregando-te aos apetites dos sentidos, calcando aos pés o precioso sangue derramado por Ti. Apesar de tudo isso, o Senhor te pede apenas:

Primeiro: Que te arrependas de O haver ofendido.

Segundo: Que odeies não somente o pecado mortal, mas também o venial.

Terceiro: Que te ofereças e te abandones totalmente à Sua vontade e que O obedeças em todas as ocasiões.

Quarto: Que confies e acredites firmemente que Ele te perdoará, purificará e protegerá de todos os teus inimigos.

Confortada por esse amor inefável, aproxima-te para comungar com santo e amoroso temor, dizendo: "Senhor, não sou digna de receber-Te porque Te ofendi gravemente tantas e tantas vezes e porque não chorei como devia pelas minhas faltas. Senhor, não sou digna de receber-Te, porque não estou limpa do apego aos pecados veniais. Senhor, não sou digna de receber-Te, porque não me entreguei sinceramente ao Teu amor, à Tua vontade e à Tua obediência. Meu Senhor todo-poderoso e infinitamente bom, por Tua bondade e por Tua palavra torna-me digna de receber-Te com fé".

Depois de comungar, encerra-te em teu coração e, alheia a todas as coisas criadas, conversa com o Teu Senhor dessa forma ou outra semelhante: "Altíssimo Rei dos Céus, quem Te conduziu a mim, miserável, pobre, cega e nua?". E Ele responderá: "O amor". Tu replicarás: "Incriado amor, doce amor! Que queres de mim?". E Ele dirá: "Só o amor, nenhum outro fogo eu quero que arda no altar do

teu coração além do fogo do amor, que deve arder e consumir tudo, todas as tuas obras, toda a tua vontade e qualquer outro afeto, para que dele possa sair um suavíssimo perfume. Desejo ser todo teu e que tu sejas toda minha, e não o poderás ser enquanto estiveres apegada a ti mesma e à tua vontade. Quero que renuncies a ti mesma e me entregues o teu coração para que Eu o una ao meu, pois para isso ele foi aberto na cruz (Jo 19,33-34). Quero todo o teu ser, para que Eu possa ser todo teu. Desejo que nada queiras, busques ou vejas fora de Mim e da minha vontade, para que Eu veja, busque e queira tudo em ti. E, então o teu nada, submerso no abismo da minha infinidade, se converterá todo nela. Desse modo serás plenamente feliz em Mim e Eu me comprazerei plenamente em ti".

Por fim, deves oferecer o Filho ao Pai, primeiro em ação de graças, depois por tuas necessidades e pelas da Igreja, e também pelas necessidades de todos aqueles com quem tens obrigações e relações, e pelas almas do purgatório. Essa oferta deve ser feita em recordação e comunhão com a que fez de Si mesmo o Filho, no alto da cruz, coberto de sangue, ao Pai.

CAPÍTULO LVI

A comunhão espiritual

Ainda que não possas receber sacramentalmente o Senhor mais de uma vez por dia, poderás fazê-lo espiritualmente a cada hora e a todo momento; para essa comunhão espiritual não há nenhum impedimento senão a nossa própria negligência. E ela pode ser mais frutífera e agradável a Deus do que muitas comunhões sacramentais mal recebidas.

Sempre que te dispuseres a essa comunhão, encontrarás o Filho de Deus pronto a alimentá-la espiritualmente de Si mesmo e com Suas próprias mãos. Para te preparares, orienta para Ele o pensamento com essa finalidade; e, considerando brevemente as tuas faltas, entristece-te por O haver ofendido, e, com toda a humildade e fé, pede-Lhe que se digne vir à tua alma com nova infusão de Sua graça, para curá-la e fortalecê-la contra os teus inimigos.

Assim também, quando quiseres fazer violência e mortificar alguma das tuas paixões, ou quando quiseres praticar atos virtuosos, faze-o sempre com a finalidade de preparar o coração para o Senhor, que continuamente te chama. E, ao dirigir-te a Ele, chama-O com o desejo de que venha, com a Sua graça, curar-te e livrar-te dos teus inimigos, de modo que só Ele seja dono do Teu coração. Ou ainda, recordando-te da última comunhão sacramental, diz com o coração ardente: "Quando, meu Senhor, Te receberei outra vez? Quando, quando?". Porém, se quiseres preparar-te melhor para comungar espiritualmente de maneira mais perfeita, orienta com um dia de antecedência todas as obras de mortificação, todas as ações virtuosas e boas obras à finalidade de receber o Senhor. Pela manhã, considera o bem e a felicidade que experimentam aqueles que recebem dignamente a Sagrada Eucaristia, que permite voltar à inocência batismal e recuperar as virtudes perdidas, acrescidas dos frutos e merecimentos da Paixão do Senhor; considerando ainda o quanto agrada a Deus que recebamos dEle todos esses bens, esforça-te para acender no teu coração um grande desejo de recebê-lO para agradá-lO.

Estando inflamada desse desejo, dirige-te a Ele dizendo: “Senhor, neste dia não me é possível receber-Te sacramentalmente. Mas concede-me, ó bondade e potência incriada, que eu Te receba espiritualmente a cada dia e a cada hora; perdoa meus pecados, cura minhas feridas, renova em mim a Tua graça e dá-me força para combater meus inimigos, particularmente este que no momento combato para Te agradar”.

CAPÍTULO LVII

A ação de graças a Deus

Como todo o bem que temos e fazemos vem de Deus e a Ele pertence, devemos dar-Lhe muitas graças por toda boa obra que praticamos, por todas as vitórias que alcançamos e todos os favores particulares e comuns recebidos da Sua mão bondosa. Para fazê-lo do modo devido, temos de considerar o fim que move o Senhor a nos dar essas graças, pois esse conhecimento nos indicará o melhor modo de expressar nossa gratidão.

Posto que em todos os favores que nos concede, o Senhor busca que o honremos e que sejamos atraídos para seu amor e serviço, faz interiormente esta reflexão: "Quão grande é o poder, a sabedoria e bondade do meu Deus ao conceder-me essa graça!".

Então, considera que não és digna de favor algum, e que apenas existem em ti defeitos e ingratidões, e diz ao Senhor com profunda humildade: "Como, Senhor, Te dignas conceder-me tantos favores a mim, que sou tão miserável? Bendito sejas pelos séculos dos séculos!".

Finalmente, sabendo que através desses favores, Ele apenas espera que correspondas ao Seu amor, inflama-te de amor por Ele e de um desejo sincero de servi-lO, como Ele quiser. E a isso acrescentarás um oferecimento completo de ti mesma, que será feito do seguinte modo.

CAPÍTULO LVIII

O oferecimento

Para que o oferecimento de ti mesma seja agradável a Deus sob todos os pontos de vista, são necessárias duas condições.

A primeira é a união com a oferta feita por Cristo ao Pai; a segunda é que a tua vontade esteja desligada de qualquer apego às criaturas.

Com relação à primeira, deves saber que o Filho de Deus, quando viveu neste vale de lágrimas, não só ofereceu sua Pessoa e obras ao Pai do Céu, mas também, juntamente consigo, ofereceu a nós e às nossas obras. Então, os nossos oferecimentos devem ser feitos em união com os do Cristo e pondo neles a nossa confiança.

Com relação à segunda condição, deves considerar atentamente, antes de te ofereceres, se a tua vontade está presa a algum apego terreno. Se estiver, deves primeiro livrar-te dele, recorrendo a Deus para que, com Sua mão poderosa, te liberte das criaturas, a fim de que possas oferecer-Lhe a integridade de todo o teu Ser.

Isso é muito importante, pois, se te ofereces a Deus permanecendo apegada às criaturas, não ofereces o que é teu, mas o que pertence a outros, porque não pertences a ti mesma, mas sim às criaturas às quais estás apegada. Isso desagrada e ofende ao Senhor, pois é como se quiséssemos enganá-Lo. Tais oferecimentos, além de serem vazios e infrutíferos, tornam-se fonte de novos pecados.

Mesmo continuando apegados às criaturas, podemos oferecer-nos a Deus, mas pedindo-Lhe que Sua bondade nos libere e nos torne capazes de entregar-nos totalmente a Ele e ao Seu serviço. Devemos fazer isso frequentemente e com fervor.

Portanto, o teu oferecimento deve ser desapegado, livre de qualquer desejo ou de qualquer bem terreno ou mesmo celeste, desejando apenas a vontade divina, à qual te deves submeter e oferecer em perpétuo holocausto e, alheia às criaturas,

dizer: “Eis, meu Senhor e Criador, todo o meu ser e vontade em Tuas mãos e entregue à Tua eterna providência, faz de mim o que quiseres em vida, na morte e depois dela, no tempo e na eternidade”.

Se assim agires com sinceridade (o que reconhecerás pelas perseguições e provações) então te converterás de criatura terrena em celestial: serás de Deus e Deus será teu, pois Ele se dá sempre àqueles que se afastam das criaturas e de si mesmos para se entregarem e sacrificarem sem reservas a Ele.

Aqui tens um meio poderosíssimo para vencer teus inimigos, pois, se o teu oferecimento te une com Deus ao ponto de seres totalmente Dele e Ele ser teu, que inimigo ou potência será capaz de te causar dano? E, quando quiseres oferecer alguma obra tua como orações, mortificações, atos de paciência e outras obras meritórias, considera primeiro como Cristo oferecia ao Pai as suas próprias obras, e então oferece as tuas, confiando no valor e virtude daquelas.

Ao ofereceres ao Pai os méritos de Cristo em troca de tuas dívidas, começa por relembrar os teus pecados, constatando que sozinha não podes aplacar a ira de Deus nem satisfazer a justiça divina; considera então a vida e a paixão do Seu Filho, mentalizando algumas das Suas obras, como os jejuns, as orações, as injúrias e padecimentos suportados. Verás, então, que, para aplacar o Pai e para pagar com suas obras a dívida de tuas maldades, Jesus lhe oferece Sua paixão e sangue, como que dizendo:

“Eis, Pai Eterno, que segundo a Tua vontade eu satisfaço abundantemente a Tua justiça pelos pecados e dívidas de .... . Possa a Tua Divina Majestade perdoá-la e recebê-la entre os eleitos”.

E então, apresenta tu também ao Pai essa mesma oferta e essas mesmas orações, suplicando-Lhe que, pelos méritos do Seu Filho e por Sua bondade, perdoe as tuas dívidas. Podes fazer isso passando de um mistério ao outro da vida de Cristo, mas também de um ato ao outro dentro de cada mistério, e esse oferecimento pode ser feito também por outras pessoas.

CAPÍTULO LIX

A devoção sensível e a aridez

A devoção sensível tem três causas: a natural, a demoníaca ou a graça. Pelos frutos que produz podemos conhecer de onde procede. Se ela não te torna melhor nem te leva a corrigir teus erros, deves suspeitar que venha do demônio ou da natureza, e em tanto maior medida quanto mais te conduzir ao apego e estima de ti mesma.

Então, quando teu coração se sentir cheio de doçuras e consolações espirituais, não percas tempo tentando discernir de onde procedem, nem te apegues a elas, mas conserva viva a consciência do teu nada e procura intensificar o desprezo por ti mesma e pelas coisas, deixando o teu coração aberto somente para Deus e Sua vontade; desse modo, qualquer que seja a origem das consolações, ainda que venham da natureza ou do demônio, seu efeito se transformará em graça.

Também a aridez espiritual pode ter as mesmas três causas.

Pode vir do demônio, para desviar a mente das coisas do espírito e encaminhá-la aos prazeres do mundo.

Pode vir de nós mesmos, das nossas culpas, negligências e apegos às coisas da terra.

Ou pode ser uma graça de Deus, uma advertência para que sejamos mais diligentes em Seu serviço; ou para que conheçamos, por experiência, que todo o nosso bem vem dele, e assim estimemos mais os Seus dons e sejamos mais humildes e cuidadosos em conservá-los; ou para unirmo-nos mais estreitamente à Sua divina majestade com a total renúncia a nós mesmos e até aos nossos afetos espirituais, para que nada fique de nós que não pertença a Nosso Senhor; ou mesmo porque Ele se compadece de ver-nos combater com todas as nossas forças e com a ajuda da Sua graça.

Então, sempre que sentires aridez, examina a ti mesma para ver qual foi o defeito que te privou da devoção sensível, e procura corrigi-lo logo, não para recuperar a

consolação, mas para afastar de ti tudo o que desagrada a Deus. Caso não encontres o defeito, esquece a devoção sensível e procura a verdadeira devoção, que consiste em estares sempre pronta à vontade de Deus. Por isso, não deixes nenhum exercício espiritual, mas continua a praticá-los com toda a fidelidade, ainda que te pareçam insípidos e infrutuosos, bebendo com gratidão o cálice de amargura que, na aridez, te envia o Pai do Céu.

E, se a aridez se fizer acompanhar de tão densas trevas que teu espírito se tornar incapaz de agir e de saber que rumo tomar, não temas, mas fica firme em tua cruz, desprezando todos os bens e prazeres que te poderiam dar o mundo e as criaturas. Revela tua pena somente ao teu diretor espiritual, não para que te alivie, mas para que te instrua quanto ao modo de suportá-la segundo a vontade de Deus.

Não busques a comunhão, a oração ou qualquer outro exercício espiritual para te livrares da tua pena, mas para obter mais força e serenidade para a enfrentares em honra de Cristo. Não podendo meditar ou rezar como de costume pela própria confusão mental, medita como puderes. E, se não o conseguires com o intelecto, esforça-te para consegui-lo com a vontade e com palavras, falando a ti mesma e ao Senhor, e então verás os efeitos milagrosos de força e alento que o teu coração receberá.

Nestes casos, deves falar desta forma a ti mesma: "Por que te entristeces, alma minha, por que te inquietas tanto? Espera em Deus, porque ainda voltarás a louvá-lo" (Sl 42,6). "Por que o Senhor se faria tão distante, e no tempo da angústia se esconderia? Não me abandones, Senhor!" (Sl 10,1).

E, recordando-te do que disse Sara, mulher de Tobias, inspirada por Deus, no tempo das tribulações, deves repetir as suas palavras: "Todo aquele que te serve sabe que receberá a coroa pelas provações suportadas e será libertado de suas tribulações; se foi submetido a correções, terá acesso à tua misericórdia. Pois não te comprazes em nossa perda, mas, depois da tempestade, trazes a bonança, e, depois das lágrimas e do pranto, infundes a alegria. Ó Deus de Israel, seja bendito o teu nome para sempre!".

"Chiunque ti serve ha per certo che la sua vita riceverà la corona delle prove

sostenute e la liberazione dalle tribolazioni; e pure se castigato, potrà contare sulla tua misericordia. Tu infatti non godi della nostra perdizione, perché dopo la tempesta concedi la pace e dai gioia dopo le lacrime e il pianto. O Dio di Israele, sia benedetto il tuo nome nei secoli" (Tb 3,20-23; Vulgata).

Recorda-te agora de Cristo, que, no horto e no Calvário, sentiu-se abandonado pelo Pai em sua sensibilidade humana, e, suportando com Ele a cruz, dirás de todo o teu coração: "Seja feita a tua vontade". Desta forma, a tua paciência e a tua oração farão com que as chamas do teu sacrifício subam até o Trono de Deus. Pois a verdadeira devoção não consiste senão em uma vontade firme e determinada de seguir Jesus Cristo com a cruz às costas, por qualquer caminho onde ele nos chame a segui-Lo, e em buscar Deus por Deus, estando prontos até a deixá-Lo por Ele mesmo. Se muitas pessoas que vivem uma vida espiritual, especialmente as mulheres, medissem os seus progressos por essa verdadeira devoção e não pela sensível, não seriam enganadas por si mesmas e nem pelo demônio; nem se queixariam com ingratidão do grande bem que lhes faz o Senhor ao confiar-lhes a cruz, mas dedicar-se-iam com maior fervor ao seu serviço, sabendo que Ele tudo dispõe para a Sua glória e para o nosso bem.

E nisso se enganam as mulheres que, com temor e prudência, guardam-se das ocasiões de pecado, mas, ao serem molestadas por horríveis e impuros pensamentos, perdem o ânimo e se convencem de terem sido abandonadas por Deus e entregues a si mesmas, pois o Espírito Santo não poderia habitar numa alma povoada por maus pensamentos. E então ficam muito abatidas, a ponto de se desesperarem, deixando seus exercícios espirituais e voltando às "cebolas" do Egito, isto é, aos prazeres sensíveis.

Estas não compreendem a graça que lhes concede o Senhor ao permitir que sejam tentadas, para que conheçam a si mesmas e reconheçam o quanto necessitam do divino socorro. Por isso se queixam com ingratidão, quando deveriam dar graças a Deus pelo favor que lhes faz.

O que deves fazer em casos semelhantes é considerar as tuas más inclinações, reconhecendo que, sem a assistência divina, te precipitarias na ruína. Desse conhecimento hás de retirar maior esperança e confiança em Sua ajuda. Ele te faz

ver os perigos para que, com humildade, mais te aproximes dele na oração, dando-Lhe muitas graças por ter piedade de ti.

Podes estar certa de que tal espírito de tentação e tão perversos pensamentos são vencidos mais facilmente quando se suporta com paciência a humilhação que causam e se procura voltar a atenção para outra coisa, do que com a tentativa de resistir-lhes diretamente.

CAPÍTULO LX

O exame de consciência

Para realizar o exame de consciência, deves considerar três coisas: as faltas cometidas no dia, as causas que as motivaram, e o teu ânimo e prontidão para as combater e cultivar as virtudes.

Com relação às faltas, observa o que foi dito no capítulo XXVI, que indica o que fazer quando somos feridos. E, com relação às causas, esforça-te com diligência para eliminar as ocasiões de queda.

Fortifica a vontade para adquirir as virtudes, com desconfiança de ti mesma, confiança em Deus, oração e numerosos atos de renúncia ao pecado e de amor à virtude.

As vitórias que alcançares e as boas obras que realizares devem ser-te sempre suspeitas, e não deves deter nelas o pensamento, para que não sejam motivo de vanglória e soberba. Entrega-as simplesmente nas mãos da misericórdia divina e pensa no muito que te falta fazer.

No que se refere à ação de graças pelos dons e favores que o Senhor te concedeu nesse dia, reconhece-O como o autor de todo o bem e dá-Lhe muitas graças por te ter libertado de tantos males manifestos e ocultos, por ter-te inspirado bons pensamentos, proporcionado ocasiões para praticar a virtude e por quaisquer outros benefícios que ignores.

CAPÍTULO LXI

O dever de combater nesta batalha até a morte

Entre as coisas necessárias para esse combate, uma das mais importantes é a perseverança com que devemos sempre mortificar as nossas paixões, que nunca morrem totalmente durante a nossa vida, mas sempre voltam a crescer em nosso coração como ervas daninhas. Esta batalha, que só acaba com a morte, não pode ser evitada durante a vida, e aquele que se recusa a combater, perde com certeza a liberdade e a vida.

Temos de nos haver com inimigos que nos odeiam profundamente, e dos quais não podemos esperar nem paz, nem trégua, pois são implacáveis e causam maior desgraça aos que procuram a sua amizade.

Contudo, não te inquietes pelo seu grande número e força, porque nessa batalha somente será vencido quem o quiser; toda a força dos inimigos está submetida ao Capitão, por cuja honra e glória combatemos. Ele não só não permitirá que sejas ferida pelo inimigo ou que sejas tentada acima de tuas forças, mas combaterá a teu favor, garantindo-te a vitória, desde que não confies em ti, mas confies plenamente no Seu infinito poder e bondade.

E, se o Senhor tardar em conceder-te a vitória, nem por isso perde o ânimo, sabendo que, se combateres com fidelidade e generosidade, Ele aplicará em teu benefício e vantagem todas as dificuldades que enfrentas, até mesmo aquelas que a ti mais parecem prejudicar do que favorecer a vitória. E essa segurança renovará a tua confiança para perseverares no combate com renovadas forças.

Segue, pois, filhinha, o teu celeste Capitão e Senhor, que por ti venceu o mundo e se entregou à morte. Aplica-te com generosidade de ânimo a este combate, até a total destruição de todos os teus inimigos; se deixares um único deles com vida, ele será como um cisco no teu olho ou uma lança no peito, dificultando tua gloriosa vitória.

CAPÍTULO LXII

O modo de preparar-se contra os assaltos do inimigo no momento da morte

Ainda que toda a nossa vida sobre a terra seja uma guerra contínua (Jó 7,1), a principal e mais célebre das batalhas é a da nossa última hora, porque aquele que cai nessa derradeira luta não perde apenas aquela batalha, mas todas. O que deves fazer, preparando-te para esse tempo, é combater virilmente, pois quem combate bem durante a vida obtém facilmente a vitória na morte, por estar já habituado ao bem.

Deves também pensar muitas vezes na morte, porque assim, quando ela chegar, tu a temerás menos, e a tua mente estará livre e pronta para a batalha.

Os homens do mundo fogem do pensamento da morte, pois são escravos de suas paixões e têm medo de perder as coisas que lhes dão prazer; assim, suas paixões não só não diminuem com o tempo, mas, ao contrário, aumentam; e, quando eles buscam desapegar-se desses bens tão agradáveis, têm grandes dificuldades, tão grandes quanto o tempo pelo qual estiveram apegados a eles.

Para melhor fazer essa importante preparação, podes imaginar-te desamparada e sozinha, nas angústias da morte, e então trazer ao pensamento os seguintes conselhos, que te ajudarão a desembaraçar-te, servindo como um remédio para essa última batalha. Porque convém fazer bem o que se irá fazer uma única vez, para não cometer erros que não poderão ser corrigidos.

CAPÍTULO LXIII

Os quatro assaltos do nosso inimigo na hora da morte. O assalto contra a fé e o modo de defender-se

São quatro os assaltos mais perigosos com os quais o nosso inimigo procura enganar-nos na hora da morte: a tentação contra a fé, o desespero, a vanglória e as várias ilusões e transformações do demônio em anjo de luz.

Quanto ao primeiro assalto, se o inimigo começa a tentar-te com seus falsos argumentos, não procura disputar com ele, mas ignora-o e dize-lhe com energia: "Afasta-te, Satanás (Mt 16,23), pai da mentira, não quero ouvir-te, a mim bastam as verdades da santa Igreja!". E, por mais que pareçam inócuos, não fiques remoendo pensamentos que contrariem a fé, mas antes considera esses pensamentos como pretextos do demônio para atacá-la. Mesmo que o teu espírito esteja tão imerso nesses pensamentos que não possas repeli-los, sê forte e mantém a fé na Igreja, mesmo contra aqueles que usam a autoridade das Sagradas Escrituras, pois é muito fácil interpretá-las de forma malévola, ainda que a ti pareça boa, clara e evidente.

Se a astuta serpente te perguntar sobre o que crê a Igreja de Cristo, não lhe respondas, mas, vendo que a intenção dela é apenas seduzir-te com alguma palavra ambígua, faz um ato interior de fé; e, se quiseres quebrar o orgulho dela, responde que a Igreja crê na Verdade. E se ela perguntar o que é a Verdade, responde que é o que a Igreja crê.

Sobretudo, conserva sempre o coração fixo no crucificado, dizendo: "Meu Deus, meu criador e salvador, socorre-me e não te afastes de mim, para que eu não me afaste da verdade da tua santa fé, fé da qual sou nascida pela tua graça, e na qual rogo poder terminar a vida, para ver a tua glória".

CAPÍTULO LXIV

O assalto do desespero. O remédio contra ele

O outro engano do qual o perverso demônio se utiliza para derrotar-nos é o de encher-nos de um medo que se apossa de nós ao recordarmos nossas culpas, para nos precipitar numa fossa de desespero.

Ao caíres nesse perigo, relembra este conselho:

As lembranças dos teus pecados, quando te tornam humilde e arrependida pela ofensa a Deus e confiante na Sua bondade, são frutos da graça. Mas, quando essas lembranças te inquietam, perturbam ou te deixam pusilânime e desesperançada da salvação, fica sabendo que são sugestões do demônio, e então procura humilhar-te e confiar em Deus ainda mais, porque assim poderás vencer o inimigo e honrar o Senhor.

Arrepende-te, minha filha, das ofensas que fizeste a Deus sempre que estas te vierem à lembrança, mas pede perdão com confiança na bondade de Deus.

Digo-te mais: se te parecer que o próprio Deus te diz que não estás entre os Seus escolhidos, não deixes por isso de confiar nEle, mas deves dizer-lhe humildemente: "Senhor, tens razão de reprovar-me pelos meus pecados, mas eu tenho ainda mais razão para confiar na Tua piedade e perdão. Por isso Te peço que Te compadeças desta miserável criatura que, mesmo sendo quem é, pode ser salva pelo Teu sangue. Meu Redentor, quero salvar-me para poder cantar a Tua glória e, confiando na Tua imensa misericórdia, abandono-me em Tuas mãos. Dispõe de mim segundo a Tua vontade, porque és meu único Senhor, e, ainda que não queiras dar-me a vida eterna, esperarei sempre em Ti.

CAPÍTULO LXV

O assalto da vanglória

O terceiro assalto é o da vanglória e da presunção.

Não te deixes, sob hipótese alguma, cair na sedução da complacência, pois a tua complacência deve ser dirigida exclusivamente ao Senhor, à Sua misericórdia, vida e paixão.

Quanto a ti, deves guardar sempre um grande desprezo por ti mesma, humilhando-te e reconhecendo a própria miséria até o último suspiro, sabendo que a origem de todo o bem que te atribuem é na verdade divina. Recorre à ajuda dEle, mas não a esperes por teus méritos ou por teres superado muitas e grandes batalhas. Conserva sempre o santo temor, confessando sinceramente que todos os teus preparativos de guerra são vãos se não reconheces o teu Deus e nem confias na Sua proteção.

Seguindo estes avisos, o teu inimigo não prevalecerá, e poderás seguir pela estrada que leva à Jerusalém celeste.

CAPÍTULO LXVI

O assalto das ilusões e das falsas aparições antes da morte

E por último, minha filha, se nosso obstinado inimigo, que não se cansa de nos atormentar, te atrair com falsas aparições, transformando-se em anjo de luz, fica firme e atenta na tua condição de seres nada, e diz-lhe com força: "Volta, infeliz, para as tuas trevas, porque eu não mereço visões e não preciso de outra coisa além da misericórdia de Jesus Cristo, e das orações da Virgem Maria, de seu esposo São José e dos outros santos!".

E se, por muitos e evidentes sinais, a tua visão te parece vinda do céu, nem por isso deves deixar de repeli-la o quanto puderes; e não temas que essa resistência, fundada na consciência da própria miséria, desagrade o Senhor. Pois, se for de fato coisa dEle, Ele saberá esclarecer-te, e tu nada perderás, pois aquele que dá a Sua graça aos humildes, não a retira quando eles se humilham.

Estas são as armas mais comuns que o inimigo costuma usar contra nós nessa hora derradeira. Ele tenta sempre aproveitar-se das nossas inclinações particulares para nos sujeitar. Por isso, antes que chegue o momento da grande batalha, devemos nos armar bem e combater com grande esforço as paixões violentas que nos sujeitam, para facilitar a vitória quando chegar o tempo do último e decisivo combate, dizendo: "Combate-os até que sejam destruídos!" (1Sm 15,18).

Pe. Lorenzo Scupoli C.R

Tradução do original italiano: Gastão Américo de Monteiro.

Index

Folha-de-Rosto	2
Ficha-Catalográifca	3
Apresentação	4
Capítulo-1---O-que-é-a-perfeição-cristã,-o-combate-para-conquistá-la,-e-as-quatro-coisas	6
Capítulo-2---A-desconfiança-de-si	10
Capítulo-3---Da-confiança-em-Deus	12
Capítulo-4---Como-podemos-saber-se-agimos-com-confiança-em-Deus-e-desconfiança-de-nós-mesmos	14
Capítulo-5---Do-erro-de-algumas-pessoas-que-têm-a-pusilanimidade-por-virtude	15
Capítulo-6---Outras-advertências-importantes-para-adquirir-a-desconfiança-de-si-mesmo-e-a-confiança-em-Deus	16
Capítulo-7---Do-exercício-do-intelecto;-a-necessidade-de-preservá-lo-da-ignorância-e-da-curiosidade	18
Capítulo-8---Por-que-não-discernimos-claramente-as-coisas.-O-método-para-conhecer-as-coisas-como-são	20
Capítulo-9---Uma-outra-coisa-da-qual-se-deve-preservar-o-intelecto-para-poder-conhecer-as-coisas-como-são	22
Capítulo-10---O-exercício-da-vontade-e-o-fim-ao-qual-se-devem-direcionar-todas-as-ações-interiores-e-exteriores	24
Capítulo-11---Considerações-para-conformar-a-nossa-vontade-à-de-Deus	27
Capítulo-12---As-muitas-vontades-que-existem-no-homem-e-a-guerra-que-se-faz-entre-elas	28
Capítulo-13---O-modo-de-combater-os-impulsos-sensuais-e-os-atos-que-a-vontade-deve-praticar-para-conquistar-o-hábito-da-virtude	30
Capítulo-14---O-que-se-deve-fazer-quando-a-vontade-superior-	34

parece-vencida-pela-vontade-inferior-e-pelo-inimigo 34

Capítulo-15---Alguns-conselhos-sobre-o-modo-de-combater,-contra-quem-e-com-quais-virtudes-deve-ser-feito-este-combate 36
Capítulo-16---De-que-modo-o-soldado-de-Cristo-deve-apresentar-se-pela-manhã 38
Capítulo-17---O-modo-de-combater-as-paixões-e-os-vícios 40
Capítulo-18---O-modo-de-resistir-aos-impulsos-imprevisíveis-das-paixões 41
Capítulo-19---O-modo-de-combater-os-apetites-da-carne 43
Capítulo-20---O-modo-de-combater-a-negligência 47
Capítulo-21---O-modo-de-governar-os-sentidos-exteriores-e-utilizá-los-como-meios-para-a-contemplação-de-Deus 50
Capítulo-22---Como-as-coisas-sensíveis-podem-nos-ajudar-na-meditação-do-Verbo-encarnado-e-no-mistério-de-Sua-vida-e-paixão 53
Capítulo-23---Outro-modo-de-governar-nossos-sentidos-conforme-as-diversas-situações-que-se-apresentam 55
Capítulo-24---O-modo-de-governar-a-língua 59
Capítulo-25---Para-combater-o-inimigo,-o-soldado-de-Cristo-deve-fugir-da-inquietude-e-perturbação-do-coração 61
Capítulo-26---O-que-devemos-fazer-quando-somos-feridos 64
Capítulo-27---Da-ordem-seguida-pelo-demônio-em-sua-perseguição,-tanto-aos-que-desejam-seguir-o-caminho-da-virtude,-quanto-aos-que-já-são-escravos-do-pecado 66
Capítulo-28---Os-truques-que-o-demônio-usa-contra-os-que-já-são-escravos-do-pecado 67
Capítulo-29---Os-truques-usados-pelo-demônio-contra-aqueles-que-reconhecem-a-servidão-em-que-se-encontram-e-dela-querem-livrar-se.-E-por-que-os-bons-propósitos-nem-sempre-dão-resultado 68
Capítulo-30---O-engano-daqueles-que-imaginam-caminhar-para-a-perfeição 70

o-caminho-da-virtude

Capítulo-32---O-último-assalto-e-truque-do-qual-o-demônio-se-utiliza-para-que-as-nossas-virtudes-nos-sejam-ocasião-de-ruína 75

Capítulo-33---Alguns-conselhos-para-vencer-as-paixões-e-vícios-e-adquirir-novas-virtudes 79

Capítulo-34---Deve-se-adquirir-as-virtudes-aos-poucos-e-gradativamente,-uma-de-cada-vez 82

Capítulo-35---Os-meios-para-adquirir-as-virtudes.-Como-aplicá-los-durante-um-tempo-determinado-para-adquirir-uma-delas 84

Capítulo-36---Deve-se-caminhar-com-solicitude-contínua-no-exercício-da-virtude 86

Capítulo-37---Deve-se-sempre-exercitar-a-virtude-e-não-fugir-das-ocasiões-que-se-apresentam-para-conquistá-la 87

Capítulo-38---Deve-se-abraçar-com-gosto-todas-as-ocasiões-de-combate-para-a-conquista-das-virtudes,-principalmente-as-que-apresentam-maior-dificuldade 89

Capítulo-39---Como-utilizar-diversas-situações-para-o-exercício-de-uma-mesma-virtude 91

Capítulo-40---O-tempo-que-devemos-empregar-para-adquirir-cada-virtude-e-os-sinais-de-aproveitamento 93

Capítulo-41---Não-devemos-fugir-das-dificuldades,-que-devem-ser-suportadas-com-paciência.O-modo-de-governar-nossos-desejos-para-que-sejam-virtuosos 95

Capítulo-42---O-modo-de-opor-se-ao-demônio,-quando-ele-procura-enganar-com-a-desproporção-e-a-indiscrição 97

Capítulo-43---O-quanto-é-forte-em-nós-a-inclinação,-instigada-pelo-demônio,-para-a-maledicência-e-o-juízo-temerário-do-próximo.-O-modo-de-resistir-a-isso 99

Capítulo-44---A-oração 101

Capítulo-45---O-que-é-a-oração-mental 104

Capítulo-46---A-oração-sob-a-forma-de-meditação 106

Capítulo-47---Outro-modo-de-rezar-meditando 108

Capítulo-48---Um-modo-de-rezar-por-intercessão-da-Santíssima-Virgem-Maria 109

Capítulo-49---Alguns-conselhos-para-recorrer-com-fé-e-confiança-à-Virgem-Maria 111

Capítulo-50---O-modo-de-meditar-e-de-rezar-pela-intercessão-dos-anjos-e-de-todos-os-santos 113

Capítulo-51---A-meditação-da-Paixão-de-Cristo-e-os-sentimentos-que-dela-se-podem-tirar 115

Capítulo-52---Os-frutos-que-se-pode-obter-na-meditação-do-Crucificado.-A-imitação-da-sua-Virtude 119

Capítulo-53---O-Santíssimo-Sacramento-da-Eucaristia 122

Capítulo-54---O-modo-de-receber-o-Santíssimo-Sacramento-da-Eucaristia 123

Capítulo-55---Como-devemos-nos-preparar-para-a-comunhão,-aumentando-o-nosso-amor-por-Deus 125

Capítulo-56---A-comunhão-espiritual 129

Capítulo-57---A-ação-de-graças-a-Deus 131

Capítulo-58---O-oferecimento 132

Capítulo-59---A-devoção-sensível-e-a-aridez 135

Capítulo-60---O-exame-de-consciência 139

Capítulo-61---O-dever-de-combater-nesta-batalha-até-a-morte 140

Capítulo-62---O-modo-de-preparar-se-contra-os-assaltos-do-inimigo-no-momento-da-morte 142

Capítulo-63---Os-quatro-assaltos-do-nosso-inimigo-na-hora-da-morte.-O-assalto-contra-a-fé-e-o-modo-de-defender-se 143

Capítulo-64---O-assalto-do-desespero.-O-remédio-contra-ele 145

Capítulo-65---O-assalto-da-vanglória 146

Capítulo-66---O-assalto-das-ilusões-e-das-falsas-aparições-antes-da-morte 147